

# NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 2 a 8 de setembro de 1960 N.º 79  
 Redator-Chefe — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Gerente — Guttemberg Cavalcanti

## RETRATO DE JÂNIO: CAÇADOR DE VOTOS DEMAGOGO VULGAR

O PLANO demagógico do sr. Jânio Quadros foi preparado nos seus menores detalhes. E sua campanha eleitoral começou, concretamente, com a já célebre volta ao mundo de um aventureiro. Sob o pretexto de conhecer a realidade de outros países, a fim de se preparar para «governar bem o Brasil», o homem da vassoura foi na verdade recolhendo material (e do mais variado) que lhe possibilitasse usar de todos os truques para enganar os desprevenidos. Como um mágico que adquirisse muitas cartolas, para ir delas tirando, conforme a conveniência, cobras e lagartos.

Os comunistas, que não se orientam pelas aparências, denunciaram desde o início as trapaceiras do prestidigitador, mostrando que na realidade ele não passava de um títere manejado pelos inimigos de nosso progresso e nossa independência. Seus juras de amor à democracia e ao nacionalismo eram completamente falsas. Os fatos vieram mostrar que essa é a verdade. (Leia reportagem na 3ª pág. do 1º caderno).

### O Clube da Lanterna defende a candidatura de Mendes de Moraes

A CAMPANHA eleitoral no Estado de Guanabara entrou numa fase decisiva. Não há dúvida de que a candidatura do sr. Sérgio Magalhães vem conquistando crescente apoio popular. E isto não acontece por acaso. Além do passado limpemente nacionalista do candidato, ocorre que o povo carioca passou a identificar no deputado petebista e antilacerda, o homem capaz de polarizar as forças interessadas em que o primeiro governador da Guanabara não seja um carreirista da fiação e entreguista confesso. Por isso, a repulsa ao divisionismo do sr. Mendes de Moraes. Por isso, também, o esforço do Clube da Lanterna para que seja mantida a candidatura petebista. (Leia na 3ª pág. do 1º caderno).

LACERDA, O CORVO ENTREGUISTA, ESCREVEU:

## A Petrobrás é Uma Criação Delirante O Monopólio Estatal é um Erro

(1ª página do 2º caderno)



### Jogos olímpicos: confraternização e entendimento

AS OLIMPIADAS modernas, inspiradas nos ideais dos jogos disputados de quatro em quatro anos durante doze séculos na Grécia Antiga, são a grande atração esportiva do momento, quando se realiza em Roma sua XVII edição. Paralelamente às grandes disputas, onde caem recordes após recordes, sendo alcançadas quase sempre marcas até então consideradas impossíveis, as Olimpíadas, tal como em sua origem remota, servem para aproximar os povos uns dos outros, para que se torne mais fácil a solução de problemas que os separam. Leia, na 8ª página do 1º caderno, ampla reportagem sobre essa grande festa de congraçamento da humanidade.



STRIELKA e Bielka fizeram a grande viagem por ares nunca antes navegados... Andaram pelo Cosmos, na segunda nave-putnik soviética. Foi uma viagem longa e ao mesmo tempo rápida, a centenas de quilômetros de distância da Terra. Enfrentaram condições as mais perigosas. Mas tudo correu magnificamente bem. Strielya e Bielka não se limitaram a colher preciosos elementos para o estudo dos cientistas, numa colaboração para que os homens possam imitar o seu exemplo. Enviaram lá do Cosmos sua fotografia, pela televisão, para a Terra. E, depois de uma aterrissagem realizada com inteiro êxito (nenhum arranhão sofreram), foram para Moscou, a fim de «falar» pelo rádio...

500 LÍDERES APLAUDIRAM VITÓRIA COMPLETA:

## Previdência Sem Veto

(Reportagem na 2ª página do 1º caderno)

## Pedra e Foguete

ORLANDO BOMFIM JR.

PARA o enviado especial do «Jornal do Brasil» a Costa Rica, a VII Reunião de Consulta dos Chanceleres da OEA terminou melancolicamente. O ministro Raul Roa se havia retirado. O representante da Venezuela, Inácio Luis Arcaya, que esse batera ao lado de Cuba, foi substituído por uma ordem telefônica, assinando em seu lugar outro cidadão. O embaixador do Peru, Raul Boranecho, alegou doença para não subscrever o documento. Mas, esse final não foi apenas melancólico, isto é, num ambiente de depressão e tristeza. Pois, segundo informação do mesmo correspondente, os membros da delegação cubana chegaram ao hotel cantando hinos revolucionários. E a polícia de Costa Rica teve que se mobilizar às pressas para impedir manifestações populares de solidariedade aos homens de Fidel Castro. Assim, como tudo na vida, a Conferência pode ser vista de dois lados. É certo que a subserviência deprime e às vezes provoca tristeza. E esse devia ser o estado de espírito daqueles que, esquecidos de seus povos (entre eles Mr. Horace Lafer), se submetem às imposições do representante dos colonialistas norte-americanos. Também houve, entretanto, os que se portaram com dignidade e independência, o que justifica a alegria estimulante das canções revolucionárias.

ajuda é que vem a ser uma intervenção nos assuntos internos do país. Por outro lado, a verdade é que a atitude soviética representa um fortalecimento da independência de Cuba. E os fatos estão aí para mostrar. Foi exatamente o governo norte-americano que, para defender os interesses dos trustes, tentou sufocar, pelo estrangulamento econômico, a revolução de Fidel Castro. E por que não conseguiu seus criminosos e intervencionistas intentos? Por que não conseguiu impor sua vontade ao povo cubano? Porque a ajuda soviética foi completa e eficaz. A valente ilha não ficou sem petróleo e teve aonde vender seu açúcar. Pode, assim, continuar a marchar para a frente, no caminho que escolheu, levando à prática suas decisões. Nem mesmo a ameaça de agressão militar serviu para barrar seu avanço.

DAI o desespero dos imperialistas, que sentem a presa fugir definitivamente de suas mãos. E o desespero é acrescido pelo medo de que o exemplo se repita. E não há dúvida de que se repetirá mesmo... Por isso procuram defender-se, tentam conservar o que ainda têm nas mãos. Esse o verdadeiro sentido da «Declaração de São José».

NO «MUNDO DA LUA», de Monteiro Lobato, existe, sob o título «Despotismo», esta pequena jóia: «Eduardico lá está, de pedra na mão, a berrar e esperar, em furioso acesso de cólera infantil. A mulatinha pagem negocia-o de longe. — Que é isso, Dico? pergunta-lhe. Ele soluça: — Aquela peste não quer parar... — Parar, para quê? — Para eu jogar esta pe-dra nela [...]»

NO CASO de Cuba, a história é um pouco diferente. Há, para maior cólera dos Eduardicos, um outro personagem, que pode garantir ao que não quer parar:

— CONTINUE tranqüilo. Se ele jogar a pedra, eu solto um foguete.

# 500 Líderes Aplaudiram Vitória Completa: Previdência Sem Veto

**NILSON AZEVEDO**  
Enviado especial de NR a Brasília

Mais de 500 dirigentes sindicais de todo o País deixaram Brasília, na tarde do último dia 26, levando para os seus Estados a notícia de uma das maiores conquistas do movimento operário brasileiro: o presidente Kubitschek tinha sancionado, sem veto, a nova Lei Orgânica da Previdência Social.

Desde às 9 horas da manhã que centenas de líderes sindicais passeavam pelo amplo e bellissimo saguão do Palácio dos Despachos. Embora empolgados pelo aspecto monumental de Brasília, os líderes sindicais mantinham-se preocupados ante as notícias que circulavam sobre a existência de vários vetos ao projeto originário da Câmara Federal. A luta de uns e a expectativa de outros duraram vários dias e cresceram até o momento em que o presidente Kubitschek anunciou, sob um verdadeiro delírio de aplausos, a sanção da Lei Orgânica da Previdência Social, sem veto.

## Solenidade acidentada

O presidente Kubitschek, o vice João Goulart e o ministro Batista Ramos chegaram ao saguão do Palácio exatamente às 11 horas e 20 minutos, e foram logo ilhados pela pequena multidão de dirigentes sindicais que os cercaram de todos os lados, deixando-os num minúsculo círculo, em torno de uma mesinha colocada do lado direito do salão.

O ministro Batista Ramos, autor do substitutivo vitorioso, fez um discurso sobre o significado da nova Lei, e passou a palavra ao líder Clodismith Riani, que falou em nome dos trabalhadores brasileiros, por designação da Comissão Executiva Pró IV Congresso Sindical Nacional. Riani foi saudado com uma impressionante explosão de aplausos.

Os presidentes da CNTI, CNTC e CNTTT, srs. Deocleciano de Holanda Cavalcanti, Ângelo Parmigiani e Sindulfo de Azevedo Pequeno, acostumados durante longos anos a receber tôdas as honras de líderes, e a falar em nome dos trabalhadores nas solenidades palacianas, esbravejaram, indignados com a nova situação. Eles haviam abandonado os trabalhadores no III Congresso Sindical Nacional, e os trabalhadores designaram Riani, que ficou no Congresso, para falar em seu nome. E as autoridades reconheceram no líder sindical mineiro, naquele momento, o verdadeiro porta-voz das massas trabalhadoras do Brasil.

A massa de dirigentes sindicais

comprimia-se mais ainda em torno da mesa presidencial, aplaudindo calorosamente a palavra de Clodismith Riani. Ângelo Parmigiani, o mais afilado dos desertores, conseguiu a custo, espremendo-se entre a multidão, chegar junto à mesa presidencial e pediu a palavra «pela ordem». Riani, que começara a falar, fez uma pausa. Parmigiani, colérico, arfando e suando por todos os poros, berrou:

Sr. Presidente, quero declarar que, como presidente da CNTC...

Presidente fuja! Traidor dos comerciários! Desertor! Abandonou seus companheiros no Congresso! Gritaram os dirigentes sindicais de todos os Estados.

Parmigiani, suando mais ainda, tentou continuar, mas a massa de dirigentes sindicais continuou:

Fala Riani! Riani! Riani!

E' um aparte pela ordem, sr. Presidente. E' um aparte. Eu quero dizer que não autorizei ninguém a falar em nome dos comerciários.

Novas manifestações dos dirigentes sindicais repudiando o presidente da CNTC que, como os da CNTI e CNTTT, até hoje não resolveu reconsiderar sua conduta antilutatória no III Congresso Sindical Nacional. Fato curioso é que, enquanto Parmigiani desautorizava Riani a falar em nome dos comerciários, o presidente do Sindicato dos Comerciários do Estado da Guanabara, sr. Jaime Correia, e os presidentes dos Sindicatos dos Comerciários de Vitória e de Recife, que estavam bem perto do repórter, davam todo o apoio ao líder Riani, juntando-se às manifestações dos dirigentes sindicais presentes.

Encerrada a intervenção perturbadora do sr. Parmigiani, Riani continuou:

Srs. presidente e vice-presidente da República, sr. ministro do Trabalho, eu falo por delegação dos meus companheiros, em nome de todos aqueles dirigentes sindicais dignos e honestos que participaram do III Congresso Sindical Nacional, representando os interesses da imensa massa dos trabalhadores brasileiros.

O discurso de Riani foi entrecortado de vivas e de aplausos.

## A vez do outro

Quero falar, sr. presidente. Dessa vez era o sr. Deocleciano de Holanda Cavalcanti que, como o sr. Parmigiani, estava fora do programa.

Jangol Jangol Jangol Foi a resposta dos trabalhadores.

Deocleciano insistiu: Quero falar.

Mas o seu gritinho era abafado pela voz dos trabalhadores que exigiam a palavra de Jango.

E o vice-Presidente da República ocupou o microfone, sob os aplausos dos trabalhadores.

Deocleciano, mal Jango acabou de falar, voltou à cena:

Quero falar, sr. presidente. Eu quero falar...

JK! JK! JK! responderam em coro as delegações dos trabalhadores de todo o País.

Vamos deixar o homem falar — disse o presidente da República, agradecendo às manifestações dos líderes sindicais. Mas os trabalhadores continuavam exigindo a palavra do presidente Kubitschek.

As manifestações começaram a cessar quando o Presidente da República fez um novo apelo para que se desse uma oportunidade ao apanteante Nervoso, pálido, com a roupa em desalinho e os cabelos alvoroçados, faiscando ódio, quase histérico, Deocleciano começou a enrolar palavras sob o silêncio de protesto dos trabalhadores, que queriam ouvir o Presidente da República, uma vez que o Ilder Clodismith Riani já havia falado em nome dos dirigentes sindicais e das massas trabalhadoras do Brasil.

E foi depois dessas demonstrações de repúdio aos presidentes das Confederações que abandonaram o III Congresso Sindical Nacional, que o presidente Kubitschek anunciou a sanção, sem veto, da Lei Orgânica da Previdência Social.

## Uma vitória autêntica

Se alguma lei foi conquistada pelo esforço, o trabalho e a vigilância do movimento sindical, pode-se afirmar que a Lei Orgânica da Previdência Social, foi uma delas. Os trabalhadores, reunidos em seu Congresso Nacional de Previdência Social, em setembro de 1953, traçaram as bases fundamentais da nova lei que pretendia para reger os destinos de suas instituições de previdência. Em 1958, na I Conferência Sindical Nacional, os trabalhadores elegeram uma Comissão, presidida pelo líder Erico Figueiredo e secretariada pelo dirigente bancário Olimpio Fernandes de Melo, para estudar o Projeto que se encontrava no Senado, e apresentar as emendas necessárias. Essa Comissão, composta de vários líderes, realizou um trabalho estafante, e a justiça das suas sugestões foram reconhecidas pelos senadores, que em diversas oportunidades louvaram a capacidade e o empenho dos dirigentes sindicais. Uma das suas emendas vitoriosas foi a que determina o recolhimento aos cofres dos IAPS de uma taxa de 5% sobre a renda do Joquei Clube. Outras emendas apresentadas pelos trabalhadores prevaleceram na nova Lei. Esse foi o resultado de um movimento que empolgou as massas trabalhadoras nas fábricas, nas assembleias e nas convenções e congressos regionais e nacionais, culminando com o III Congresso Sindical Nacional, donde saiu a palavra-de-ordem vitoriosa de conquistar a Lei Orgânica da Previdência Social sem nenhum veto.

## A luta nos bastidores

Já na Câmara dos Deputados, quando o Projeto encontrava-se em votação final, a luta nos bastidores era grande. Duas semanas antes da sua aprovação, dirigiram-se a Brasília e lá permaneceram até o fim, os dirigentes sindicais Osmildo Stafford da Silva, José Benício de Melo, Newton Eduardo de Oliveira, Eufrasiano Nunes Galvão, Nelson Mendes, Paulo Cesar, Geraldo Costa, Waldemar Luis Alves e Manoel Paixão que colaboraram, inclusive, na redação final do projeto.

Mas a luta se tornou mais séria nos bastidores do Palácio da Alvorada, depois que o projeto subiu à sanção presidencial. Grupos patronais e de políticos interessados em defender seus interesses exclusivos, cercaram os assessores do presidente da República, procurando introduzir inúmeros vetos no projeto. As tramatas eram urdidas com tal intensidade que se sabia, às vésperas da sanção, que o presidente JK estava propenso a vetar 40 dispositivos da Lei Orgânica, desfigurando-a completamente.

Os líderes sindicais intensificaram a mobilização das massas trabalhadoras, que passaram a enviar delegações, mensagens e telegramas de todo o País, exigindo a sanção do projeto sem veto. A Comissão Executiva Pró IV Congresso Sindical Nacional, em sua primeira reunião, enviou os seus representantes oficiais a Brasília, para transmitir ao presidente da República a decisão adotada pelos trabalhadores no seu III Congresso Sindical. 24 horas antes da sanção sabia-se que o número de vetos havia baixado para três. A luta continuava.

Os srs. João Goulart, Batista Ramos e Oswaldo Penido não tiveram descanso.

Quando chegamos a Brasília, na tarde do dia 25, corria a notícia de que o presidente havia aberto mão de todos os vetos, com exclusão daquele referente aos 5% sobre a renda do Joquei Clube. Travou-se, então, em torno desse veto, uma luta que entrou pela madrugada a dentro e se prolongou pela manhã do dia 26, culminando com a atitude dos srs. Batista Ramos, ministro do Trabalho, e Oswaldo Penido, chefe da Casa Civil da Presidência da República, que ameaçaram renunciar aos seus cargos se fosse aposto qualquer veto ao projeto.

As 10 horas da manhã, hora marcada para a solenidade da sanção, o ambiente no saguão do Palácio era de intensa expectativa. A oposição era forte. Juscelino vacilava em torno de único veto. Mas o bom senso predominou. A posição firme dos trabalhadores, e a conduta dos srs. João Goulart, Batista Ramos e Oswaldo Penido desempenharam um papel decisivo para a resolução final do presidente da República, que acabou atendendo plenamente à reivindicação dos trabalhadores, sancionando integralmente a Lei Orgânica da Previdência Social.

# II Congresso Sindical Dos Têxteis Mineiros

A Federação dos Trabalhadores em Fiação e Tecelagem do Estado de Minas Gerais, que congrega 22 Sindicatos em suas fileiras, convocou o II Congresso dos Trabalhadores Têxteis Mineiros, que será realizado de 5 a 7 de setembro próximo.

Sinval Bamberira, presidente da poderosa Federação, declarou à reportagem de NR que o conclave dos tecelões mineiros constituirá uma das mais importantes manifestações de unidade dos trabalhadores têxteis, que tomarão conhecimento oficial das resoluções do III Congresso Sindical Nacional e discutirão os meios para levá-las à prática e torná-las vitoriosas em breve tempo.

Serão discutidos especificamente no conclave os seguintes assuntos: revisão dos atuais níveis do salário mínimo, salário profissional, estrutura sindical brasileira, carestia de vida, reforma agrária, problemas nacionais, problemas da indústria têxtil, higiene e se-



Falou em nome dos dignos e honestos

Riani afirmou que falava em nome dos trabalhadores e dos dirigentes sindicais dignos e honestos que permaneceram no III Congresso Sindical Nacional, o que fez engolirem em seco desertores como Ângelo Parmigiani, que lá se encontrava

gurança do trabalho, além de outras questões de interesse dos trabalhadores.

## Entusiasmo

Sinval Bamberira declarou que é realmente grande o entusiasmo dos tecelões pelo seu II Congresso. Milhares de bonus estão sendo vendidos nos locais de trabalho e nos bairros operários de todos os municípios, com a finalidade de custear a passagem dos delegados que se deslocarão de lugares distantes.

Os tecelões mineiros colocaram na presidência de honra do Congresso os srs. Batista Ramos, Tancredo Neves, João Goulart, Clodismith Riani, Inésio Viana, prefeito Amintas de Barros, e o presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores de Cuba.

No decorrer do Congresso serão realizadas duas conferências: a primeira, do líder bancário Armando Ziller,

sobre «O Movimento Sindical»; a segunda, do líder têxtil Antônio Clamor, sobre «O Movimento Sindical Têxtil Brasileiro».

## Associação

### campineira de imprensa

A Associação Campineira de Imprensa elegeu a sua nova diretoria para o exercício de 1960 a 1961. São os seguintes os membros da nova diretoria, que foram empossados solenemente: João Rodrigues Serra, presidente; Mário Erbolato, vice-presidente; João Lanaro, secretário; Carlos Tontoli, tesoureiro; Arthur Nazareno Pereira Villagelin, diretor-social e João de Oliveira Toledo, presidente do Conselho.

## INSTITUTO DE APOSENTADORIA E PENSÕES DOS EMPREGADOS EM TRANSPORTES E CARGAS

### Edital de Concorrência Pública nº 16/60

Chama-se a atenção dos interessados para o Edital de Concorrência Pública 16/60, para a venda de cartões I.B.M. inservíveis, publicado no Diário Oficial do Estado da Guanabara — Parte I — Seção I — dos dias 16, 17 e 18 do corrente.

## Defende Teu Direito

**RELAÇÃO DE EMPREGO** — Os vendedores de pules, botingues e concursos do Jokey Clube Brasileiro são empregados, em face das leis de proteção ao trabalho. Se o empregador deixou de recolher as contribuições do empregado ao Instituto, deve assegurar-lhe a remuneração durante a licença para tratamento de saúde, até que seja regularizada a situação do seu seguro social e lhe seja garantida a licença, ou a aposentadoria previdencial. Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1696/53). Relator: Amaro Barreto.

O contador que presta serviços a diversas firmas, por intermédio de uma organização especializada, é empregado desta e não das empresas para as quais prestava assistência técnica, sem qualquer vínculo de subordinação e dependência. Ac. TRT, 1ª Região (Proc. 1941/53). Relator: Celso Lanna.

E' de se reconhecer a relação de emprego no caso de motorista de carro de aluguel que trabalha à base de comissão máxima quando tem sua atividade profissional dirigida e sofre rígido controle da féria diariamente obtida. Ac. TRT, 2ª Região (Proc. 2068/59). Relator: Carlos Bandeira Lins.

**RENUNCIA** — A Junta indeferiu o pedido, formulado pelo empregado para que fosse homologada a renúncia ao tempo de serviço prestado à empresa, a fim de que, depois, pudesse ser readmitido sem a contagem do primeiro período de trabalho. — Recurso a que se nega provimento. A Justiça do Trabalho é incompetente para apreciar atos dessa natureza, de jurisdição graciosa ou voluntária. Só os atos cuja eficácia dependem da ratificação pelo órgão do poder judiciário é que devem a este ser submetidos. Não é o caso da renúncia, cuja validade não está condicionada ao pronunciamento homologatório, sendo, assim, inócua a medida. Ac. TRT, 3ª Região (Proc. 1.772/59). Relator: Vieira de Melo, «Ementário Trabalhista», julho de 1960.

Sómente é admissível a renúncia, quando manifestada de forma inofensiva e dentro dos limites do razoável, principalmente dentro do espírito da doutrina jurídica trabalhista, que se orienta no sentido de acuarlar o interesse do economicamente fraco diante da superioridade econômica da empresa. Ac. TST, 3ª Turma (Proc. 1.276/57). Relator: Hildebrando Bisaglia.

E' nulo de pleno direito o ato de renúncia ao emprego pelo empregado estável, feito sem a observância do disposto no art. 500 da Consolidação das Leis do Trabalho. Ac. TST (Proc. 1.743/50). Relator: Waldemar Marques.

**REPOUSO REMUNERADO** — A decisão trabalhista afirmou que o prêmio estabelecido com a finalidade de estimular a assiduidade e a produção integra-se ao salário para efeito do pagamento do repouso remunerado. A Lei 605 determina que o descanso remunerado seja calculado sobre a remuneração em sentido lato, e o abono ou prêmio assiduidade ou produtividade, não importa a denominação, traduz o pagamento pelo trabalho prestado. Ac. STF, 1ª Turma (Rec. ext. 43.802). Relator: Luiz Gallotti.

Desde que a remuneração do repouso deve ser igual à de um dia útil de trabalho, a empresa deve computar para o cálculo dessa remuneração a parte variável recebida pelo empregado, sob o título de abono, de vez que os abonos integram o salário, nos termos do disposto no art. 457 da Consolidação. Ac. TRT, 2ª Região (Proc. 533/56). Relator: José Penteador.

Quando o empregado mensalista, reputam-se remunerados os seus dias de descanso. Assim, o serviço prestado em tais dias deve ser pago de forma simples e não em dobro. Ac. TRT, 2ª Reg. (Proc. 2.797/57). Relator: Wilson Batalha.



Voltaram com a lei sancionada

Os líderes sindicais de todos os Estados, que lutaram durante longos anos à frente das massas trabalhadoras, liderando a campanha pela conquista da Lei Orgânica da Previdência Social, foram a Brasília colher o resultado dos seus esforços e saíram de lá inteiramente vitoriosos, conseguindo que JK sancionasse a Lei, sem veto

Panorama O Marechal Lott e o Neutralismo

Falando em uma emissora carioca de TV, o marechal Lott, fez quinta-feira passada um pronunciamento sobre política externa que mereceu a mais franca desaprovção dos nacionalistas e democratas que o apoiam.

O marechal Lott, revela assim, desde logo, uma profunda incompreensão do que seja a política de neutralidade na chamada guerra fria, adotada hoje por dezenas de países da Ásia e da África, especialmente os que se libertaram da opressão colonial da imperialismo após a II Guerra Mundial.

É justamente por esta razão que a política de neutralidade, consagrada pelos governos nacionalistas da grande maioria dos países asiáticos e africanos, está empolgando a consciência das amplas massas do povo brasileiro, que também já estão ganhando pelas idéias nacionalistas.

Dai vem outro erro gritante cometido pelo candidato nacionalista. Apresentando Jânio como um partidário do neutralismo, o marechal faz exatamente o jôgo do candidato da vassoura e dos tristes.

Defendendo contra um falso inimigo a política externa de pires na mão e joelhos dobrados, — pois a outra coisa não tem levado, nem pode levar, a diplomacia caudatária de Washington — e acusando Jânio de ser partidário da política de independência e neutralidade que deve ser sua, como candidato nacionalista, o marechal Lott mostra que não conhece ainda o seu adversário.

Para realmente contrapor-se a Jânio, e desmascarar a candidatura entreguista do amigo de Rockefeller, o marechal Lott não precisava senão manter a posição que assumiu, dias atrás, na resposta ao questionário do CONCLAP, quando afirmou que o Brasil não deve marchar atrás de país algum, e deve, isto sim, seguir a política externa ditada pelos seus próprios interesses nacionais.

Isso é o que basta para derrotar Jânio; mas essa é também uma definição de diplomacia que, posta em prática, levará o marechal Lott necessariamente à rejeição da política militarista lanque, e ao neutralismo.

Renato Guimarães

Retrato de Jânio: Demagogo Vulgar Caçador de Votos

Estorvou como um tremendo escândalo na opinião pública a revelação pela imprensa da atitude de duplicidade assumida por Jânio Quadros, diante da Convenção Nacional do PRP, encerrada sábado último no Rio de Janeiro.

A notícia veio a público na edição de domingo do "Jornal do Brasil". Toda a história da ridícula reviravolta de Jânio havia sido narrada no relatório sigiloso do Diretório Nacional do PRP à Convenção. Ao receberem dois meses atrás a carta de Jânio, os integralistas não se deram por satisfeitos, sobretudo em relação àqueles dois pontos citados, e enviaram o deputado Oswaldo Zanello para parlamentar com o candidato entreguista.

A pedido de Jânio o deputado Zanello promoveu então um encontro — realizado quarta-feira passada em São Paulo — de Plínio Salgado com o candidato da vassoura, e com o dirigente da campanha janista Oscar Pedrosa d'Horta. Neste encontro Jânio re-

velou que tudo o que escrevera não tinha valor algum, e se prontificou a escrever nova carta, ao gosto dos integralistas. Jânio assumiria, nesta carta, o compromisso de «manter cortadas as relações com a União Soviética, não permitir a volta do PC à legalidade, reprimir severamente o movimento comunista no Brasil e fazer uma política internacional vinculada exclusivamente ao bloco americano».

A carta não foi assinada porque o sr. Pedrosa d'Horta, intervindo na conversa, disse a Jânio que a revelação pública de tal compromisso iria «provocar um tremendo impacto na opinião pública e liquidar, talvez, a sua candidatura». Jânio, entretanto, fez questão de assumir o compromisso verbal com Plínio Salgado de perseguir os comunistas e manter a política externa do país atada ao imperialismo norte-americano.

O caráter carreirista e desavergonhado de Jânio pode ser definido numa conversa que o Pedroso d'Horta teve, à parte, com Plínio Salgado. "O senhor — disse o dirigente janista ao chefe integralista — é grande demais para a nossa época. Exerce tamanho fascínio sobre o dr. Jânio que seria capaz de arrancar-lhe até as calças".

Plínio e Zanello confirmam

Todos estes detalhes da conversa de Jânio foram confirmados, na segunda-feira, através de "Última Hora", por Plínio Salgado e Oswaldo Zanello. O chefe integralista, além de afirmar que são exatas as informações divulgadas sobre o encontro de São Paulo, disse que "Jânio não me enviou outra carta porque eu mesmo recusei", e explicou a razão de sua recusa: "Uma vez que se alegou que certas áreas da opinião brasileira seriam infensas à afirmação de tal inoportunidade (do realtamento com a URSS e da legalidade para o PCB), tínhamos de proceder como procedi", isto é, recusando a carta.

O vereador Thiers Coutinho, representante do PRP na Câmara da Guanabara, por seu lado, afirmou que "o relatório do Diretório Nacional (do PRP) sobre os entendimentos sucessórios, lido na Convenção Nacional, revela o sr. Jânio Quadros de corpo inteiro candidato dúbio, manobreiro e caçador de votos".

Jânio desmascarado

Esse novo desmascaramento de Jânio Quadros, como demagogo vulgar e boneco dos trustes, vem acentuar e aprofundar o desgaste do candidato entreguista, diante da opinião pública. Jânio aparece cada dia mais, para as grandes massas, em sua verdadeira fisionomia de homem falso, de mentiroso, e de instrumento político utilizado pelos grupos econômicos imperialistas lanques.

Quase nada resta hoje dos gestos demagógicos de Jânio, poucos

meses atrás, quando o amigo de Rockefeller visitou a URSS e foi abraçado Fidel Castro, manifestou-se escandalizado pela inexistência de relações íntimas e amistosas entre o Brasil e a URSS, afirmou a necessidade do apoio incondicional do Brasil à luta antiimperialista dos povos asiáticos e africanos, e particularmente do povo cubano, e não poupou elogios à reforma agrária realizada em Cuba. Pouco a pouco, amarrado à política imperialista e reacionária dos grupos que sustentam a sua candidatura, ele foi sendo obrigado a se desmentir e a se desdizer.

Já confessou a sua fidelidade e obediência à diplomacia lanque (no discurso em "Manchete"), tanto no caso de Cuba como na guerra fria"; e já confessou que a única "reforma agrária" em que pensa é a que desvie os recursos

públicos para "estimular a produção" dos latifundiários (nas respostas ao CONPLAP). Agora confessa que pretende manter o monopólio lanque sobre o comércio exterior brasileiro, impedindo o crescimento das relações com os países socialistas, e se dispõe a empreender, no governo federal, a mesma onda de terrorismo e perseguições contra o movimento operário que caracterizou o seu governo em São Paulo. Para completar, acaba de declarar em Goiânia que o marechal Lott cometeu "uma calúnia" quando o chamou de neutralista em política internacional; com isso, ao mesmo tempo em que mostra o equívoco cometido pelo marechal, Jânio revela as suas verdadeiras intenções como candidato à Presidência da República: deixar o Brasil a reboque do carro de guerra de Washington.

Lott: FMI Não Pode Ditar Normas ao Brasil

Dizendo que "o Fundo Monetário Internacional não pode ditar normas ao Brasil", o marechal Teixeira Lott reafirmou, na quinta-feira passada, em Santos, perante mais de vinte mil pessoas, a sua disposição de realizar um governo nacionalista e de preservar, diante da permanente agressão econômica dos trustes, os interesses do povo brasileiro.

Lott havia iniciado no dia anterior, na capital bandeirante, mais uma "tournee" de propaganda da sua candidatura, ampliando então as denúncias sobre a corrupção patrocinada por grupos econômicos estrangeiros em prol da eleição do sr. Jânio Quadros, ao revelar que em Aracaju os partidários do candidato da vassoura já contrataram todos os veículos da cidade para o transporte de eleitores no dia 3 de outubro, à base de Cr\$ 15 000,00 por unidade. A seguir, em São José do Rio Preto, o candidato nacionalista, com poucas palavras deitou uma pé de cal sobre as alegadas procedências do dinheiro da campanha de Jânio, afirmando: "Seria interessante que o Brasil arranjasse com ele, emprestados, alguns desses garrações para pagar as suas dívidas e por fim às suas dificuldades financeiras".

Ameaça entreguista

Já em Tupan, no roteiro de sua vitoriosa excursão, o marechal Lott tomou conhecimento do atentado antinacionalista praticado pelos partidários do sr. Jânio Quadros em Belo Horizonte, ao porem abaixo uma torre simbólica de petróleo. "Eis o que aguarda o Brasil se as urnas de 3 de outubro levarem ao poder o demagogo que se diz nacionalista e amigo dos trabalhadores", advertiu o marechal Lott, destacando que a ira

dos janistas fóra dirigida contra a torre que simbolizava a Petrobrás, e suas violências contra os operários que pregavam os ideais nacionalistas.

Solidariedade irrestrita

Verberando o acatado, "4, ainda naquela cidade paulista, enviou ao governador Bias Fortes o seguinte telegrama: "Acabo de tomar conhecimento, através da imprensa paulista, das revoltas, das violências de que foram vítimas em Belo Horizonte os partidários da minha candidatura, por parte de nossos adversários. Estou certo de que V. Excia. já tomou as adequadas providências no sentido de garantir a propaganda nacionalista em favor de seus candidatos. Peço ao eminente amigo informações sobre o referido incidente, que poderão ser enviadas para Varginha, onde estarei amanhã. Confiando embora, plenamente, na autoridade do Governo de V. Excia., quero acentuar que estarei ao lado de meus companheiros na luta pela emancipação econômica nacional onde quer que eles sejam ameaçados em seus direitos de manifestar-se em praça pública pregando suas idéias".

O almoço na "Manchete"

Ao almoço de hoje no restaurante da revista "Manchete", o marechal Lott comparecerá acompanhado de vários governadores que apoiam a sua candidatura, bem como de numerosos dirigentes que atuam em seu estado-maior eleitoral.

Em seu discurso, Lott revelará as suas metas preferenciais e fará importantes pronunciamentos ligados à campanha em curso e a outros aspectos de seus planos de governo.



Os elementos divisionistas do sr. Mendes de Moraes foram a causa dos atritos. Quando chegaram (estrategicamente) por detrás do palanque, começaram os atritos, que foram crescendo até virar pancadaria. E que os cariocas já compreenderam a quem serve, realmente, a candidatura do ex-prefeito. Com a fuga dos divisionistas, tudo acalmou, realizando-se um grande comício pró Lott-Jânio-Sérgio.

Os divisionistas não dividiram

Povo Carioca Repudiou o Divisionista Mendes

Os incidentes ocorridos domingo último, no comício Lott-Jânio no Largo do Machado, serviram, antes de tudo, para evidenciar um fato que já domina o panorama da campanha eleitoral na Guanabara: a existência de uma ampla e vigorosa união popular em torno da candidatura Sérgio Magalhães. Esta união defendida no comício pela grande maioria da multidão presente, demonstra que o povo carioca já compreendeu o caráter divisionista da candidatura Mendes de Moraes e por isso se revoltou contra a atitude dos responsáveis pelo PSD carioca, que insistem em manter essa candidatura.

vitoriosa — o deputado Sérgio Magalhães, o sr. Amaral Peixoto insistia em sua tentativa de divisão das forças nacionalistas e populares.

Se a candidatura Mendes não tivesse esse caráter divisionista, não teriam ocorrido os incidentes. Estes só tiveram lugar porque um pequeno, mas bem pago, grupo de "adeptos" do sr. Amaral Peixoto quis expulsar à força da frente do palanque a massa popular que manifestava a sua adesão a Sérgio Magalhães. E, uma vez cessada esta ação de violência contra a massa, por parte do grupo possedista, também cessaram imediatamente os incidentes.

Pouco importa em os aspectos secundários do fato: que ele tenha servido ao desejo de projeção de alguns candidatos desconhecidos, ou que seja também um reflexo da atitude impatriótica de alguns ativistas da campanha de Sérgio, que procuraram afastar da candidatura Lott o candidato nacionalista da Guanabara. O que importa é que aquela grande manifestação popular em favor de Sérgio, num co-

mício de Lott-Jânio, demonstrou a profunda e indissolúvel vinculação que já existe, no seio do povo carioca, entre as candidaturas nacionalistas nos planos federal e estadual; demonstrou a enorme penetração popular da candidatura Sérgio, e a completa artificialidade e vacuidade da candidatura Mendes; e demonstrou, finalmente, a urgência da retirada da candidatura do marechal Mendes de Moraes, para que o povo carioca possa exprimir, nas urnas, o seu magador repúdio à candidatura entreguista e reacionária de Lacerda.

Hoje, além do sr. Augusto do Amaral Peixoto e do pequeno grupo que o acompanhava, só a "Tribuna de Imprensa" defende a manutenção da candidatura Mendes. Em sua edição de terça-feira o jornal de Lacerda sai em campo, desesperado, defendendo o candidato do PSD contra os que querem "forçá-lo à renúncia". Isso revela concretamente a quem serve, na realidade, a candidatura Mendes: ao campo entreguista e reacionário de Lacerda.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

D. Jaime Câmara, em seu último pronunciamento, proclamou que levantava o coração ao céu, num «Deo gratias», por dois motivos de júbilo especial. Primeiro, por causa da fracasso do comunismo no Congresso dos Sindicatos; depois, devido às medidas adotadas contra as revistas escandalosas, por uma atitude de humildade, admirável num habitante de dois palácios. D. Jaime perguntou aos ouvintes se não concordavam com ele.

Estamos entre os discordantes. No Congresso Sindical não houve fracasso do comunismo e sim o peleguismo. Os pelegos, aterrorizados por preconceitos anticomunistas, apertados com os do cardeal, perderam o apoio da massa, isolaram-se. D. Jaime parece não ter mandado olheiros de confiança ao Teatro João Caetano. Foi mal. Sua observação é a de um inocente leitor do "O Globo", onde também grassa a coqueluche anticomunista.

Se D. Jaime tivesse mandado bons observadores ao Congresso Sindical, não estaria agora assumindo uma posição, quanto ao comitê semelhante à dos pelegos. Os pelegos são os fariseus da época da bossa-nova, que ostentam anéis de elgano e fumam charutos a meio dólar... Quanto às revistas de escândalo e de chantagem, por que não guardamos o «Deo gratias» para o Dia de Juízo de toda a imprensa de escândalo e chantagem?

Por sinal, a chantagem, a dissimulação e a hipocrisia surgem a cada passo, na área perigosa do anticomunismo. Não viu D. Jaime o papelão do candidato do PDC quando os integralistas fizeram a oferenda de seus votos, em troca de indulgência do poder temporal? Que achou D. Jaime da resposta de Jânio aos integralistas, declarando-se a princípio favorável às relações com a URSS e a legalidade do PCB,

para logo em seguida, diante de um simples trejeito de Plínio, contramarchar desesperadamente, afirmando que em seu governo não haveria relações com a URSS nem legalidade para o PCB e que, em matéria de política exterior, se eleitor, iria incorporar-se ao tropel da carneirada de Panurgio, que marcha ao toque da flauta dos pastores de Wall Street?

Veja D. Jaime, com sua inusitada autoridade de pregador radiofônico, quanta fraqueza humana se pode notar na área do anticomunismo. A pretensa derrota dos comunistas, no Congresso Sindical e as medidas contra o escândalo-mirim e a chantagem-mirim, no caso de D. Jaime, não deveriam, rigorosamente, ser motivo de júbilo. O «Deo gratias» do ilustre cardeal-arcebispo é assim uma girândola que sobe ao ar antes de tempo e sem propósito.

# Capitais do Jaguaribe e Cariri Ocupam Posições da Anderson Clayton

As 6 horas em ponto o ônibus deixa Fortaleza rumo a Iguatu, no Vale do Jaguaribe. Serão 12 horas de viagem. Somos 50 pessoas num ônibus relativamente confortável. Mal o veículo se move, começa a funcionar o receptor de rádio, transmitindo músicas dolentes. Observo os passageiros. São mulheres e homens, a grande maioria jovens, vestidos com grande simplicidade. Quase todos com uma toalha de rosto passada ao pescoço. Logo adiante vejo a utilidade dessa toalha quase infalível nos transportes do interior do Ceará: para limpar a poeira do rosto e das mãos, para cobrir o rosto quando passam as nuvens de pó lançadas por um veículo em sentido contrário.

A estrada asfaltada termina mais ou menos a uns 100 quilômetros de Fortaleza, nas proximidades da cidade de Russas. Daí por diante corremos pela várzea do Jaguaribe atropetada pela mais bela das palmeiras: a carnaúba. Os carnaubais se perdem de vista. Desde Pacajus vemos carnaubais novos que oferecem aos olhos um espetáculo belíssimo com suas copas harmoniosas. São as plantações (antes eram inteiramente nativas) estimuladas pelos elevados preços dos últimos tempos.

As 9,30 paramos em Russas para tomar café e comer as mais famosas laranjas do Estado.

Depois a viagem vai se tornando monótona e cansativa, intercalada por um ou outro incidente pitoresco. Assim, no povoado de Peixe Gordo duas moças interceptam a estrada ao ônibus com

uma corda alevantada. O ônibus obedece e pára. As moças largam a corda e entram no veículo. Pedem esmolas para a capela de São Francisco de Assis que está sendo construída. Não parece uma capela e sim uma igreja, pelas suas proporções. Contrasta chocantemente com as casinhas de taipa; emparelha-se apenas com um pósto de gasolina de uma companhia estrangeira, logo adiante. São as duas potências locais. Repartem o domínio daquela gente pobre, de pés descalços, que no entanto tem outros senhores: os grandes proprietários dos carnaubais.

## Em Iguatu

As 13 horas estamos em Iguatu, centro econômico do Vale do Jaguaribe. Não é porém a carnaúba a sua fonte de rendas, e sim o algodão. Iguatu é o principal município algodoeiro do Ceará. As conversas giram em torno da safra deste ano, que se espera das melhores, uns 15 milhões de quilos. Vi as plantações à margem da estrada. Estão bonitas, os galhos do arbusto pendem ao peso das maçãs, e em alguns sítios os capuchos desabrocham como flocos de nev

Nos últimos anos o chamado «ouro branco» dobrou quase a renda do município de Iguatu. De 14 e meio milhões em 1958 subiu para cerca de 24 milhões no ano passado e (segundo informações do exaltor estadual Airton Pinheiro) deve elevar-se a 30 milhões este ar

Indago sobre o tipo de propriedade predominante.

— A pequena e a média, respondem-n

Mas tudo indica que, embora aquelas sejam a maioria, o poder da grande propriedade se mantém em toda a linha. Ainda existem no município grandes fazendas como a Mata Frésca, da família Gomes de Araújo (os famosos Pedraça) com suas 2.400 braças, ou seja, aproximadamente uma légua; a Agua Fria, com 1.200 braças, de Teobaldo da Costa; a Santa Clara, com 400 braças, de Chagas Neves, o «rei do algodão» local; a Jiqui, da família Marcelino, com 600 braças, além de outras com aproximadamente meia légua de fundo.

Estas grandes fazendas quase não pagam imposto territorial. Eram cadastradas algumas delas pelo ridículo valor de 10 mil cruzeiros, quando na realidade podem ser avaliadas moderadamente — disse-me o exator — em um milhão de cruzeiros.

## Novidade de um ano

Em todo o Nordeste o ritmo de vida ainda é lento, moroso, o ritmo de seu precário desenvolvimento. Por isso, certas notícias que no Sul já seriam coisas do passado, aqui ainda estão na ordem do dia. Os iguatenses com quem conversei gostam de falar num assunto que lhes é caro: a compra da usina de beneficiamento de algodão da Anderson Clayton que operava nesta zona e tinha suas filiais em Juazeiro e Crato. Há um ano aproximadamente foi vendida a capitalistas locais.

Essa usina era um dos tentáculos do poderoso truste norte-americano do algodão e do café. Controlava não só o comércio como a cultura do algodão, ditava os preços, influenciava decisivamente na vida de milhares e milhares

de pessoas ligadas às plantações de algodão no Ceará.

Agora, suas instalações se encontram nas mãos de capitalistas locais. Em seu lugar fundou-se a ICASA (Indústria e Comércio de Algodão Sociedade Anônima), formada por capitalistas de Iguatu e do Cariri. Compra ela hoje grande parte da produção algodoeira da região. Seu capital atual é da ordem de 30 milhões de cruzeiros.

Depois da compra da Clayton, a ICASA, que beneficiava 1.600.000 quilos de algodão, passou a 4 milhões de quilos. Adquire o produto diretamente ao agricultor e o vende diretamente a grandes fábricas de Pernambuco, Minas, Rio, São Paulo e Paraíba.

## Fala um industrial

Encontro-me com um dos sócios da ICASA em Iguatu, o sr. Teodoro Germano, diretor da empresa nesta cidade.

Ele confirma estes dados e amavelmente me fornece outros:

— Por que a Clayton vendeu suas instalações aqui? — pergunto-lhe.

— Não está bem claro ainda...

— Que quantidade de algodão comprava?

— Uns 8 milhões de quilos.

— Uma vez que a ICASA compra apenas metade, para onde vão os outros 4 milhões?

— Para a usina de Eliseu Batista, em Orós.

No entanto, a produção algodoeira somente de Iguatu, este ano, é estimada em 15 milhões de quilos. Diante de uma safra de tais proporções, prevê-se uma queda nos preços.

Outra pergunta: — A Clayton abandonou todo o Nordeste?

— Não. Permanece em Patos, na Paraíba, onde tem grandes instalações e inclusive uma usina de extração de óleo e de onde continua a influenciar o comércio de algodão dos demais Estados nordestinos.

Indago das relações de produção dominantes na cultura algodoeira local. Obtenho a resposta de que se trata da meia. Mesmo os grandes fazendeiros ou os fazendeiros ricos harmonizam o sistema da meia e do salariato. O salário é miserável: 50, 60 cruzeiros por dia. Alguns fazendeiros exigem do meeiro que lhe venda a sua parte da safra. E à falta de transporte barato este não tem outro remédio que submeter-se à vontade do dono da terra.

## A qualidade do algodão

Um problema sério na cultura algodoeira do Ceará — mas particularmente do Iguatu — é um grande retardamento na melhoria da qualidade do

## RUI FAGU

produto. Ainda predomina o algodão de fibra curta, o herbáceo, sendo mais raro o de fibra longa, o «mocó».

Pergunto a várias pessoas o motivo dessa persistência no cultivo de uma qualidade inferior. A resposta em geral não convence:

— É que o meeiro prefere o herbáceo.

Não se explica por que. Depois, nas demoradas conversas, é que sabemos de uma particularidade importante: o herbáceo produz rapidamente, logo no primeiro ano, enquanto o «mocó» só dá com dois, três anos. E como a grande maioria dos plantadores de algodão não têm terra, são meeiros, não possuem nenhuma garantia de que farão nem sequer a primeira colheita do fruto de seu trabalho. Preferem portanto o algodão da pior espécie, pois este produz mais cedo, atende suas exigências imediatas, assegura-lhes pelo menos uma safra.

Ai temos um exemplo a mais de como o monopólio da terra é um obstáculo à simples melhoria dos cultivos.

Mas há outro motivo: os usineiros beneficiadores que compram o algodão em caroço pagam a ridicularia de 5 cruzeiros pelo mocó sobre o herbáceo: a diferença é de 25 cruzeiros o quilo para este e 30 cruzeiros para aquele.

## Um homem empreendedor

O industrial Eliseu Batista, de quem me tinha falado Teodoro Germano em Iguatu, vou encontrá-lo na cidadezinha de Orós, próximo ao grande açude.

Sua fábrica domina a cidade. Visito-o também em companhia de meu amigo e antigo colega de liceu, o médico Humberto Gouveia. Numa tarde nordestina ensolarada e quente, em meio a montanhas de pedra e nuvens de poeira, ele me recebe num escritório que funciona com ar refrigerado. Que alívio para o nosso cansaço e o calor que nos banha em suor!

Começamos a conversar sobre algodão, sua cultura e indústria local.

Eliseu Batista, homem de uns 45 anos, estatura média, tez morena, fisionomia tranqüila mas decidida, me conta em breves palavras a história da fábrica que engravou naqueles arcos. Em 1946 comprou uma simples prensa de algodão. Trabalhava com alguns milhares de quilos. Ampliou gradativamente suas instalações. Construiu mais tarde uma nova unidade: de extração do óleo do algodão. Depois, uma terceira, para fabricação de sabão aproveitando o óleo. Está concluindo uma quarta unidade: a fábrica de óleo comestível. Impartiu técnicos do Rio e São Paulo para a ampliação de sua empresa. Lá encontrei um operário caldeireiro, João Rodrigues de Melo, ganhando 70 cruzeiros por hora e trabalhando como um mouro; ele próprio me disse — 13 a 15 horas por dia! E Ga-



## Infância trabalhadora

A cena que a foto nos apresenta, com uma criança colhendo algodão, é comum na lavoura brasileira, onde todos são obrigados a empunhar a enxada para poder comer.

época da safra fazem extraordinário. Alguns são acionistas da empresa.

A uma pergunta que lhe dirijo sobre a preferência do agricultor meeiro pelo herbáceo, Eliseu Batista confirma que isto se deve à falta de terra garantida ao trabalhador rural. Ele não sabe se plantando o algodão de fibra longa conseguirá colhê-lo.

Pergunto-lhe ainda sobre a venda das usinas da Anderson Clayton.

Eis a resposta textual de Eliseu Batista:

— O que a Clayton vendeu era sucata.

Mas acrescenta que ela não fez nenhuma falta. Nem a cultura nem o beneficiamento do algodão no Ceará foram abalados pela sua saída. Enquanto os usineiros locais financiam as culturas, a Clayton não as financiava. Quanto à SANBRA, não tem nem preço.

Opina Eliseu Batista que a facilidade dos transportes rodoviários — não obstante o mau estado das rodagens — colocou em pé de igualdade as empresas de capitais nacionais do Nordeste com as companhias estrangeiras, Clayton e SANBRA.

Em síntese, os capitalistas do Jaguaribe e do Cariri estão gradativamente ganhando terreno na competição com o capital estrangeiro que vem explorar as riquezas locais. Um industrial como Eliseu Batista passa hoje por cima da Clayton e vende seu algodão diretamente a países de Europa e a industriais do Sul.

Iguatu (Ceará) — agosto — 1960

## «O diabo é meu amigo»

Anunciada desde 1958, deve ser lançada dentro em breve pelo Serviço Nacional de Teatro a peça de Milton Pedrosa O Diabo é meu amigo. Ainda este ano será também levada à cen...

A propósito, anuncia-se que o conhecido contista vai processar a empresa cinematográfica inglesa J. Arthur Rank por ter utilizado o mesmo título num filme já nos cartazes do Rio. O autor da peça teatral pretende acionar a referida empresa judicialmente, sustar a exibição da película e reclamar uma indenização por apropriação indébita.

## Dia 6, na ABI:

### Marxismo e

### Existencialismo

Sob o patrocínio da revista «Estudos Sociais», o jornalista Jacob Goreneder proferirá na ABI, às 20 horas do próximo dia 6 de setembro, uma conferência sobre o tema: Marxismo e Existencialismo. A entrada será franca.

# Carta do Sertão

Prisidente J.K.:  
farta só trinta e dois dia  
pru Marechá Texêra Lote  
tumá oonta de Brasília.

O zaré de Mato Grosso  
sabe qui tá derrotado.  
Há um jeito pra Ademá  
dá seus voto ao Marechá  
para fiolá bem vingado!

O dinheiro dos banqueiro  
foi péco pra transação.  
Tá na hora, seu doutô,  
de sarvá nossa Nação  
votando im gente qui presta  
pra derrotá «tubarão».

Marechá Texêra Lote  
foi quem li fez Presidente.  
Como Ministro da Guerra,  
honrado, bom e valente,  
mandô o «blho» sai  
pra vassalmo sibi  
inietta pru nossa gente.

Pur êsses feltos briante  
nosso louvê mereceu.  
O doutô vai l'intregá  
aquilo qu'êle li deu.

Venha para Praça pública  
pra dizê prus brasileiro:  
votemo no Marechá!  
Valoroso e Justiciero!

Quantas vez, o Generá  
arriscando a sua vida  
vêi cumprí o seu devê  
pra liberdade se tê  
im nossa terra querida.

Venha doutô Juçilino!  
Com ou sem PSD,  
pra sarvá nosso Brasil  
dos gorpe da UDNê.  
Mecê dizendo qui faça  
muntá gente vai fazê.

Doutô Serjo Magalhã...  
Ingenhêro de valê,  
perceba no dia TRÊS  
sê nosso Governadô.  
Arguem vai tê compaixão  
de vê morré «tubarão»  
nas mão dum bom pescadô.

Venha doutô Juçilino!  
Iscreareô nossa gente.  
Basta vim o preffessô  
qui Lote fez Prisidente!

O Poeta Vaqueiro

## COMO VOTAR

# Número do Candidato ao Lado do Partido

O eleitor da Guanabara votará com duas cédulas nas eleições de 3 de outubro próximo: uma primeira cédula única, para Presidente e Vice-Presidente da República e Governador do Estado, e uma segunda cédula única, para Deputados à Assembleia Legislativa, sendo que nesta o voto ao candidato será dado com a inscrição do respectivo número, no retângulo ao lado da legenda de seu Partido.

No que se refere à primeira, como se sabe, não há novidade alguma. No retângulo ao lado dos nomes dos candidatos o eleitor, como das vezes anteriores, apenas assinalará com uma cruz os candidatos de sua preferência. E estará tudo feito.

A votação para Deputado pode parecer difícil à primeira vista. Mas, com um mínimo de atenção os dúvidas desaparecem. E isto porque o Tribunal Eleitoral vem cuidando de simplificar ao máximo a aplicação de suas instruções sobre a matéria.

## A ordem dos partidos

Assim, de acordo com a ordem cronológica dos registros dos Partidos, a cédula única para a Constituinte será encabeçada pelo Partido Social Democrático, seguido pela União Democrática Nacional, Partido Republicano, Coligação Nacionalista (PRP-PST), Partido Trabalhista Brasileiro, Partido Democrata Cristão, Partido Republicano Trabalhista, Partido Social Progressista, Partido Socialista Brasileiro e Partido Trabalhista Nacional.

## Os números dos candidatos

No retângulo que antecede, na cédula única, cada uma dessas legendas, o eleitor, no cabine indevassável, indicará o número de seu candidato a Deputado.

Os números dos candidatos, já fixados pelo Tribunal Eleitoral, são de 101 a 500, e obedecem à mesma ordem. Assim os candidatos do PSD são os de números 101 a 140; da UDN, de 141 a 180; do PR, de 181 a 220; do PRP, de 221 a 260; do PTB, de 261 a 300; do PDC, de 301 a 340; do PRT, de 341 a 380; do PSP, de 381 a 420; do PSB, de 421 a 460 e, finalmente, do PTN, de 461 a 500.

## Equívocos

Embora as instruções sejam claras, são previstos também os equívocos, como, por exemplo, ser assinalado no retângulo ao lado da legenda de um partido o número de um candidato de outra agremiação política. Neste caso, o voto dado ao candidato será anulado, valendo no entanto para a legenda que figura na mesma linha.

Também o eleitor pode votar apenas na legenda, assinalando, neste caso, apenas uma cruz no respectivo retângulo.

## Detalhes

Ainda de acordo com as instruções baixadas pelo Tribunal Eleitoral, «o

eleitor admitido a votar apresentará, com seu título eleitoral, a cédula de que se houver munido, ao presidente da mesa receptora, o qual, verificando estar a cédula em ordem e não assinada, depois de, nesse ato, rubricá-la com os mesários presentes e dar-lhe o número correspondente (séries de 1 a 9) a devolverá ao eleitor para que, no cabine indevassável, escreva no retângulo o número correspondente ao candidato de sua escolha.

— A cédula em referência constituirá a própria sobrecarta, de modo a resguardar-se o sigilo do voto, devendo as rubricas ser apostas na parte externa.

— Se o eleitor não apresentar cédula, que também poderá ser impressa e distribuída pelos Partidos, o presidente da mesa entregará-lhe a cédula distribuída pela Justiça Eleitoral.

— O presidente da mesa também entregará ao eleitor a cédula distribuída pela Justiça Eleitoral, caso o votante apresente cédula já assinada ou com vícios outros que comprometam o sigilo do voto, ou ainda que não corresponda ao modelo adotado oficialmente. Nessa hipótese, o presidente da mesa reterá a cédula apresentada pelo eleitor, inutilizando-a em seguida.

— Ao entregar ou restituir a cédula ao eleitor, o presidente da mesa receptora mostra-la-á antes aos fiscais de partido presentes ao ato, para que possam verificar se está conforme as instruções.

tituição da mesma ao eleitor, no ato de votar, constitui o delito previsto no item 19 do art. 175 do Código Eleitoral.

— Ao depositar a cédula na urna, o votante deverá fazê-lo por maneira a mostrar a parte rubricada à mesa e aos fiscais de partido presentes.

## NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves  
Gerente — Guttemberg Cavalcanti  
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.

Secretário — Fragmon Borges  
REDATORES  
Rui Fagó, Paulo Mota Lima,  
Maria da Graça, Luis Gullhardini.  
MATRIZ  
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º  
andar, S/1113 — Tel: 42-7844  
Gerência: Av. Rio Branco, 257,  
9º andar S/905

SUCURSAL DE S. PAULO  
Rua José Bonifácio, 29 — 10º  
andar — S/ 103  
Tel: 37-52 64  
Enderço telegráfico —  
«NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS  
Anual ..... Cr\$ 250,00  
Semestral ..... > 130,00  
Trimestral ..... > 70,00

Aérea anual, mais Cr\$ 100,00;  
semestral, Cr\$ 50,00; trimestral,  
Cr\$ 30,00.  
Número avulso ..... Cr\$ 5,00  
Número atrasado ..... > 8,00



VITÓRIA DOS FERROVIÁRIOS GAÚCHOS

# 2 Greves de Advertência Prepararam a Vitória

Com a tradicional passeata da vitória, os ferroviários do Rio Grande do Sul comemoraram, na noite do dia 21 último, o êxito da greve que lhes proporcionou as maiores vantagens a já hoje alcançadas pela numerosa categoria.

Os 18 mil trabalhadores da Viação Férrea Gaúcha entraram em greve na manhã do dia 16, reclamando o atendimento de sua Carta de Reivindicações, composta de 10 itens. Anteriormente, nos dias 10 de março e 6 de julho, os ferroviários já haviam realizado greves de advertência com a duração de 24 horas cada uma. Esses movimentos parciais desempenharam um papel de grande importância para o êxito da greve geral, que paralisou o trânsito ferroviário, durante seis dias, em todo o Estado do Rio Grande do Sul.

### As reivindicações

Depois de seis dias de greve, os ferroviários conquistaram as seguintes reivindicações: 1) referendação do término rescisório por parte do Congresso Nacional (na prática foi posto em vigor); 2) pagamento imediato de todas as vantagens aos ferroviários ativos e inativos, por parte do Estado e da Rede; 3) pagamento do aumento das gratificações de funções, de acordo com a Lei 275/59; 4) pagamento

das vantagens da Lei 3772 aos ferroviários ex-combatentes; 5) restabelecimento da concessão de terrenos, de propriedade da Rede, mediante pagamento de pisos, para construção de moradias dos servidores ferroviários; 6) promoção imediata de todos os ferroviários aprovados em concurso ou prova de habilitação; 7) abonoamento dos dias de greve, e nenhuma represália contra qualquer grevista, seja qual for o seu tempo de serviço.

### Início da greve

A greve vitoriosa teve início exatamente às 7,30 da manhã do dia 16, ao sinal dos apitos ensurdecedores de todas as locomotivas da Viação Férrea. Em Santa Maria, onde está localizado o maior núcleo ferroviário, com mais de seis mil trabalhadores, os grevistas saíram em passeata rumo ao Quartel General da campanha, situado no Palácio Rosado, sede tradicional de todas as lutas ferroviárias. Na manhã do dia 17, a Comissão Central dava o balanço do movimento, constata-

ndo que todos os núcleos ferroviários do Estado haviam atendido a sua palavra de ordem, paralisando completamente o trabalho. A greve era total.

Desde então, iniciou-se a nova fase dos entendimentos entre os líderes operários e os representantes governamentais. O sr. Clay de Araújo, secretário do Trabalho e Habitação do Estado, e o sr. João Goulart, vice-presidente da República, que haviam participado das «demarches», visando ao atendimento das reivindicações dos ferroviários, estiveram presentes até o fim da luta, participando, inclusive, da so-

lidade de assinatura do acordo vitorioso que pôs fim ao movimento grevista. A unidade dos ferroviários em torno da Comissão Central da Greve foi o fator fundamental do êxito da campanha, que empolgou todo o povo do Rio Grande do Sul. As autoridades governamentais, por determinação direta do governador Brizzola, asseguraram-lhes as liberdades constitucionais aos grevistas. As entidades sindicais das demais categorias profissionais apoiaram o movimento dos ferroviários, emprestando-lhes toda a solidariedade.



Passeata depois da luta

Depois de assinado o acordo que pôs fim à greve, os ferroviários gaúchos, liderados pelas suas entidades sindicais, e tendo à frente o sr. João Goulart, deram início à passeata da vitória.

## Dia 9 no Rio a I Convenção do Movimento Nacionalista

Com a presença de pelo menos dois governadores de Estado, os srs. Leonel Brizzola e Roberto Silveira, além de inúmeras personalidades e centenas de delegados de todas as unidades da Federação, será solenemente instalada nesta capital, no Palácio Tiradentes, no próximo dia 9, a I Convenção Nacional do Movimento Nacionalista, de cujo temário também consta a homologação das candidaturas Lott e Jango à Presidência e Vice-Presidência da República.

### Temário

A convenção, cujo encerramento está previsto para o dia 11 à noite, foi convocada pela Comissão Executiva do Movimento Nacionalista, que tem à sua frente a sra. Edna Lott, parlamentares, líderes sindicais e estudantes, e no seu temário geral debaterá principalmente os fundamentos do nacionalismo, política de desenvolvimento econômico e capitais estrangeiros no Brasil.

centamente uma Comissão especial, que se encontra em plena atividade.

### Programa

A Convenção será instalada às 8 horas do dia 9, com entrega de credenciais, indicação da Mesa e nomeação de Comissões, iniciando-se às 14 horas as suas sessões plenárias. À noite, em sessão presidida pelo governador Roberto Silveira, prosseguirá o debate das teses.

Os trabalhos prosseguirão pela manhã, à tarde e à noite do dia seguinte, quando deverá estar na presidência dos trabalhos o governador Leonel Brizzola.

### Convenções estaduais

Nas últimas semanas foram realizadas convenções estaduais do movimento nacionalista em todos os Estados, já se encontrando eleitos os delegados à Convenção Nacional.

Por outro lado, a fim de comandar a realização da Convenção Nacional, a Comissão Executiva designou re-

### Deveza mostra o que pintou na Europa

Desde o dia 1º do corrente estão expostos no Salão de Exposições do Palácio da Cultura (ex-Ministério da Educação), numerosos trabalhos do consagrado pintor brasileiro Chlau Deveza, realizados na Europa nestes dois últimos anos. Deveza, que em 1957 conquistou o prêmio de viagem do Salão Nacional de Belas Artes, tem esta sua exposição patrocinada pela Comissão Nacional de Belas Artes.

### Regressou escritora búlgara

Voltou para sua terra, semana passada, a poetisa Elizabeth Bagriana, que representou a República Popular da Bulgária no Congresso Internacional do Pen Clube. A escritora visitou o Rio, S. Paulo, Brasília, e cidades dos Estados do Rio e de Minas. Bagriana é membro da Diretoria da União dos Escritores Búlgaros e do Pen Clube da Bulgária, além de componente da Comissão Nacional da UNESCO. A poetisa, durante sua estada em nosso país, recolheu material para escrever um livro sobre o Brasil. Ao seu embarque compareceram dezenas de pessoas, entre elas o Secretário da Associação de Intercâmbio Cultural Brasil-Bulgária, sr. John Dobrew.



## Para Que o Crime Não se Repita

Milhares de pessoas se reuniram na Praça da Sé (São Paulo), dia 24 último, a fim de comemorar a passagem de mais um aniversário da data do assassinio de Vargas. Numerosos oradores lembraram as vigorosas manifestações antiliberais que se desencadearam, então, em todo o Brasil, e conclamaram à união dos patriotas agora, mais uma vez, para impedir que os mesmos homens que tramaram o 24 de agosto fiquem em condições de cometer novos crimes. A participação de

Jônio e de todos os elementos que hoje o apoiam na conspiração que levou à morte de Vargas, foi mais uma vez denunciada, enquanto o nome do marechal Lott era vivamente aplaudido. O discurso de D. Edna Lott, a principal oradora da noite, despertou grande entusiasmo, particularmente quando se referiu à necessidade da união dos patriotas em torno do candidato nacionalista. (Na foto, aspecto do palarque).

## Soltou o Gado Nas Plantações

SÃO PAULO (Da Sucursal) — Em Santa Fé do Sul, o latifundiário Zico Diniz soltou o gado nas plantações dos camponeses, atingindo aproximadamente quatrocentas famílias. A Associação dos Lavradores e Trabalhadores daquela cidade recorreu à Justiça e, novamente, o Juiz de Jales, dr. José Gonçalves Sobrinho, decidiu a favor do fazendeiro. Esse fato vem agravar a situação desesperadora daqueles camponeses, cujas roças estão sendo destruídas e que são impedidos de fazer as novas plantações. A fome ronda os lares daquelas centenas de famílias.

Essa atitude arbitrária de Zico Diniz, apoiada pelo juiz comprado, vem

contrariar os entendimentos havidos entre o mesmo e a comissão de dirigentes sindicais, lavradores e representantes do governo, dr. Euclides Buchala, que lá estiveram no início do mês corrente. Segundo acordo verbal então efetuado, as 42 famílias em cujas plantações havia sido colocado o gado deveriam ser indenizadas pelos prejuízos causados e retirados os bois das suas roças. Deveria ser pago oitenta mil cruzeiros para cada um, valor esse atribuído aos danos havidos, atingindo um total aproximado de Cr\$ 3.500.000,00. Em vez de cumprir o acordo, o latifundiário colocou 1.500 bois nas 400 roças das fazendas Mariana e São João.

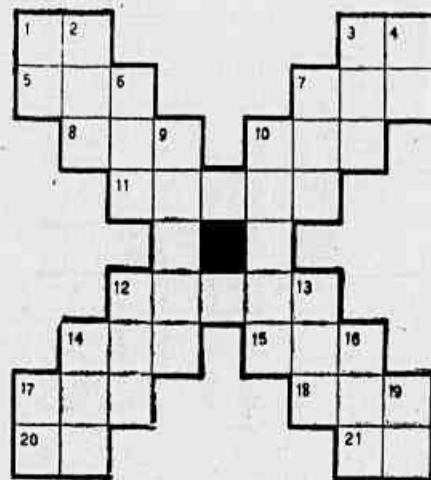
## Palavras Cruzadas

F. Lemos

### PROBLEMA Nº 25

HORIZONTAIS: 1 — Andar. 3 — Atmosfera. 5 — Dama de Companhia. 7 — Nome próprio masculino. 8 — Prefixo: homem. 10 — Fruto da Azeit. 11 — Repeito, aceto. 12 — Separe. 14 — Anel. 15 — Fileira. 17 — Primeira mulher, segundo a Bíblia. 18 — Rio da União Soviética. 20 — Sexta nota da escala musical. 21 — Rio da França.

VERTICAIS: 1 — Andava. 2 — Grande curso de água natural. 3 — Altar do sacrifício. 4 — Achei graça. 5 — Mulher que amamenta criança alheia. 7 — Divisão de peça teatral. 9 — O pôr do Sol. 10 — Mete em atoleiro. 12 — Cólera. 13 — Anel de cadeia. 14 — Artista do cinema americano (Gardner). 16 — Rebordo de chapéu. 17 — Forma arcaica do artigo O. 19 — Andava.



### RESPOSTA DO PROBLEMA Nº 24

HORIZONTAIS: 1 — Ar; 3 — Ia; 5 — Aria; 7 — Anil; 9 — Sá; 10 — Risada; 12 — Rama; 14 — Pa; 15 — Ma; 16 — Il; 17 — Ao; 18 — Ural; 20 — Arruma; 22 — In; 23 — A; 24 — Rima; 26 — El; 27 — Da. VERTICAIS: 1 — Arar; 2 — Ri; 3 — Inant; 4 — Aida; 5 — As; 6 — Arma; 7 — As; 8 — Lá; 11 — Ia; 13 — Inant; 16 — In; 17 — Arte; 18 — Um; 19 — Lima; 20 — Aa; 21 — Ur; 22 A — Na; 25 — Id.



## Jornalistas Chineses em Visita ao Brasil

Depois de percorrer vários países da América do Sul, encontra-se atualmente no Brasil uma delegação de jornalistas da República Popular Chinesa. São eles os srs. Chu Mu-chi, presidente da delegação, vice-presidente da Associação Nacional de Jornalistas da China, sub-diretor da Agência Nova China e deputado à Assembléia Nacio-

nal Chinesa; Sao Tsung-han, membro do conselho diretor da Associação Nacional de Jornalistas e diretor de uma revista sobre assuntos estrangeiros; Sui-chi, redator do diário «Jenminjiaobao», de Pequim, e Huan Chi-kang, jornalista e intérprete da delegação. Os visitantes, depois de haverem permanecido quatro dias nesta capital, se-

guiram para Belo Horizonte, Brasília e S. Paulo, retornando em seguida ao Rio, de onde seguirão para a Europa. O prof. Mário Fabião (na foto, com os jornalistas chineses) ofereceu em sua residência um «cock-tail» aos visitantes, tendo comparecido elevado número de personalidades.

## Teatro

Beatriz BANDEIRA

### “Os Justos” - Lektura no Tablado

APESAR de já não ser possível aos leitores que não o fizeram, assistir à leitura dessa peça pelo grupo do Tablado, pois ela foi realizada apenas duas vezes, nas noites de 22 e 26, não podemos deixar sem registro acontecimento de tanta importância. E oxalá os dirigentes do Tablado compreendam a necessidade de repetir o feito a fim de possibilitar maior divulgação de obra tão bela. A ação da peça de Albert Camus passa-se na Rússia, na convulsão da Motcau do ano 1905. Os 3 primeiros atos curtos (a peça é em 5 atos) se desenrolam no apartamento dos terroristas do Partido Socialista Revolucionário onde se discute sobre quem recará a incumbência de exterminar o grão-duque. O jovem poeta Yanek é o encarregado da tarefa tão dura quanto decisiva para os destinos da revolução. Na sala além, dele, estão mais 3 homens e Dora a jovem a quem ama. Todos se revelam antes de mais nada, humanos apesar da rispidez aparente indispensável à dureza de suas vidas devotadas à causa da Revolução. Somente Stepan parece incomovível, incapaz de compreender ou admitir qualquer sintoma de sentimentalismo, para ele imperdoável fraqueza. Por isso mesmo, não confia muito no jovem poeta sensível, humano e terno. Mas os outros confiam e mantêm a decisão. Yanek parte acompanhado do jovem Alexis Vainov. Deverão lançar a bomba na carruagem do grão-Duque, quando esse se dirigir ao Teatro. Tensos, ansiosos, os companheiros permanecem no apartamento à espera do estouro que os avisará de que tudo foi consumado com êxito. Passa-se o tempo, porém, sem que nada se ouça. Da janela, Stepan informa a chegada dos jovens, primeiro Alexis, depois Yanek. O poeta, desolado, confessa que não tivera coragem, pois, ao contrário do que estava previsto o déspota não estava só. Acompanhavam-no seus sobrinhos, duas crianças de olhar triste e grave, esse olhar que as crianças têm às vezes. Sente-se culpado, cheio de vergonha, julga-se um fraco por haver vacilado ante a inocência de duas crianças, não responsáveis pelo despotismo e tirania dos de sua classe. E põe seu destino em mãos dos companheiros: se eles julgarem necessária a morte do tirano, mesmo com o sacrifício das crianças, ele esperará a carruagem à volta do teatro e a missão será cumprida. Com exceção de Stepan, os demais o compreendem e apóiam. E deliberam esperar a próxima oportunidade, Stepan entre todos é, talvez, o único que sofre na própria carne os horrores cometidos pelos representantes do czarismo e não se conforma em que se tenha tantos escrupulos com duas crianças, quando outras morrem diariamente de fome, de frio, de maus tratos. Os companheiros, entretanto, querem salvar a Rússia, querem que a Rússia seja feliz, um dia, que a Rússia seja grande e livre e sabem que para isso é necessário que eles façam todos os sacrifícios, inclusive o maior deles: ser violentos e desumanos quando, em realidade, sua missão é de amor. A revolução é uma obra de amor e não de ódio. Eles querem construir, criar uma Pátria feliz, de gente alegre e fraterna. E para isso devem destruir e por isso sofrem. (continua no próximo número)

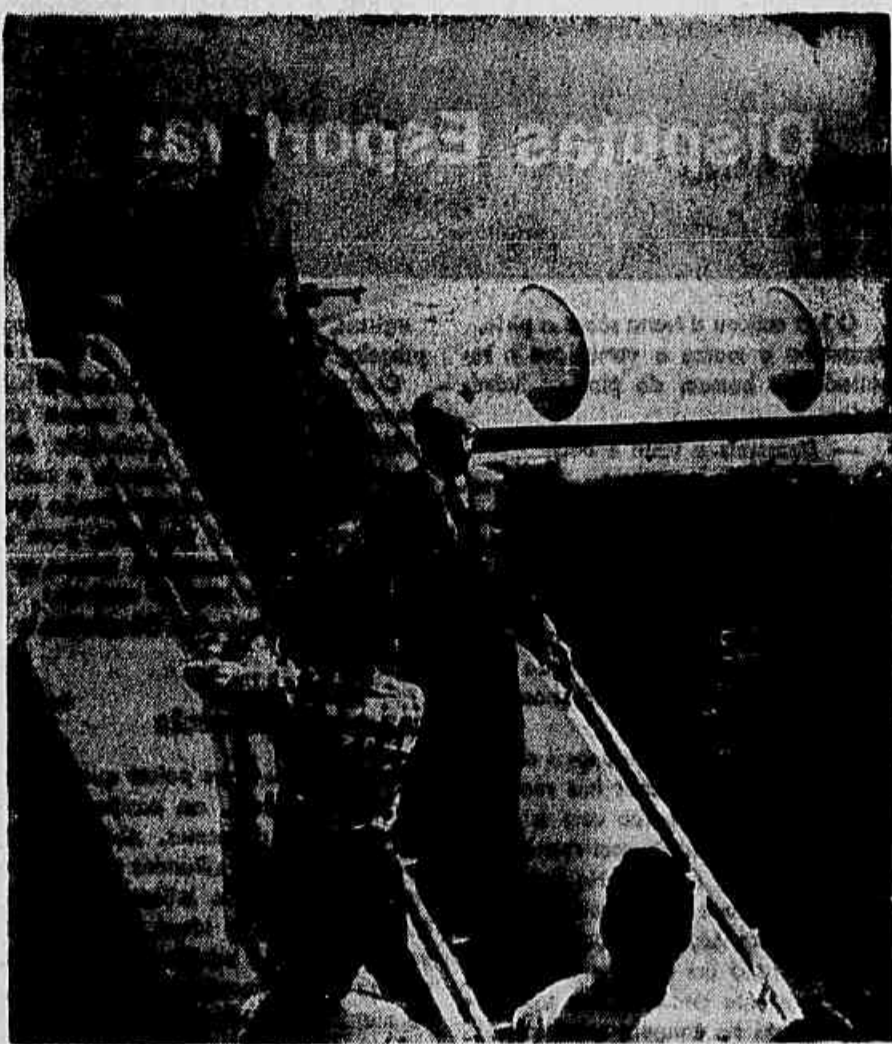
# Vitória Amarga Dos EUA: Ganharam Mas Não Vão Levar

No dia 17 de agosto, 21 ministros do exterior das três Américas se encontraram no Teatro Nacional de São José da Costa Rica para iniciar os trabalhos da VI e depois da VII Conferência de Consulta dos Chanceleres da OEA. Doze dias depois, quando seria assinada a «declaração de São José» eram dezessete apenas. Na última hora, o orador oficial da sessão de encerramento teve que ser substituído porque o chanceler do Peru, Raul Porras Berenechea, que, na qualidade de representante do país que convocou a conferência, deveria fazer o discurso final, se recusou a comparecer à cerimônia, alegando seu «estado de saúde».

No dia anterior, quando o ministro do exterior de Cuba, Raul Roa, anunciou que sua delegação iria abandonar a Conferência, a grande multidão que lotava as galerias do Teatro Nacional aplaudiu vivamente os representantes cubanos aos gritos de «Cuba si, ¡aunque no!» O chanceler da República Dominicana, condenada pela VI Conferência por sua intervenção na política venezuelana, já havia abandonado a reunião da OEA. Finalmente, o

chanceler da Venezuela, Ignacio Luis Arcaia, pertencente ao Partido União Republicana Democrática que apóia o presidente Bettancourt, mas apóia muito mais o Governo cubano, declarou que não assinaria a declaração final da conferência. Foi, de fato, uma conferência muito diferente das anteriores, onde o representante dos Estados Unidos solava e os latino-americanos entoavam em coro... **Fogo já começou** Durante toda a VII Conferência, o chanceler venezuelano se opôs firmemente às imposições dos Estados Unidos, docilmente endossadas pelo Brasil, Argentina e Chile. Quando ficou claro que os Estados Unidos conseguiriam forçar a aprovação de uma declaração contra Cuba, Arcaia consultou Jovito Villalba, presidente da União Republicana Democrática, recebendo então ordem para abandonar a conferência. O presidente Bettancourt, que depende em grande parte do apoio da URD para conseguir manter-se no governo, uma vez que seu partido é absolutamente minoritário nas principais cidades venezuelanas, fez tudo o que pôde para impedir que a direção da URD exigisse a volta de Arcaia. Colocado entre os fogos do imperialismo norte-americano, por um lado, e dos democratas venezuelanos que apóiam Cuba, por outro, Bettancourt acabou por cumprir as ordens do Departamento de Estado.

Com isso, entretanto, deu início a uma crise política que poderá acabar com a derrubada de seu governo. O ministro do exterior, juntamente com outros membros da delegação venezuelana na Costa Rica, inclusive o embaixador no México, retiraram-se da conferência e renunciaram aos seus cargos. O almirante Wolfgang Larrazabal, presidente da Junta Militar que derrubou o ditador Perez Jimenez e candidato da URD no pleito em que Bettancourt foi eleito contra os votos da maioria da população das cidades venezuelanas, renunciou ao seu posto de embaixador no Chile. Enquanto isto, nas ruas de Caracas, Maracay e outras cidades do país, grandes multidões desfilarão protestando contra a traição de Bettancourt aos revolucionários cubanos. Na capital, dois jornais contrários ao Governo Cubano foram depredados e um grupo de oficiais da Marinha norte-americana foi rudemente vaiado pelo povo e teve que se refugiar para evitar o castigo popular. Ao mesmo tempo, 66 parlamentares protestaram contra a posição final da Venezuela. Era a comprovação do que tinha dito o chanceler Raul Roa: «Abandono a conferência junto com o povo de meu país e com os povos da América Latina».



**A chegada dos cubanos**

Quando Raul Roa, chanceler cubano desceu as escadas do avião que o conduziu a Costa Rica juntamente com os demais membros da delegação cubana, fez-se ouvir verdadeira aclamação popular no aeroporto.

Herter, porém, afirmava pomposamente em São José que o governo norte-americano nunca tinha pensado em agredir Cuba e que não alimentava a menor intenção de intervir militarmente na ilha. Não se trata apenas de um despistamento. Para que Herter conseguisse a votação de uma declaração condenando a «infiltração comunista no hemisfério» tinha que acalmar certos delegados latino-americanos que estavam dispostos a obedecer, mas sempre que fossem guardadas as aparências.

Terminada a luta, Herter estava tão satisfeito que andou sem suas muletas até a mesa onde estava a declaração, que ele seria o primeiro a assinar. De fato, os Estados Unidos tinham conseguido fazer com que a OEA aprovasse um pedaço de papel e o sr. Herter tinha cumprido o seu dever de defensor dos trustes do açúcar, do petróleo e dos outros monopólios iniques sustentados com a perspectiva que a revolução cubana abrisse para todos os países latino-americanos. Assinado o papel, resta, entretanto, o mais difícil: fazer a intervenção em Cuba e conseguir que os povos da América Latina, os países afro-asiáticos e o campo socialista assistam indiferentes à agressão.

## Osso duro de roer

Para que se tenha uma idéia das dificuldades dos norte-americanos na conferência de Costa Rica, basta que se diga que durante a primeira parte da reunião os Estados Unidos sofreram uma derrota total, quando não conseguiram que ficasse consumada a violação do princípio de não intervenção. A própria declaração final da VII Conferência teve que reafirmar a contradição entre os «princípios» da OEA e qualquer intervenção de um país nos assuntos internos de outro, bem como a absoluta liberdade de todos os países

de determinar a política que mais convenha aos seus interesses. Essa declaração foi elaborada por uma comissão especial que se mostrou incapaz para aprovar qualquer proposta, empatando sempre por cinco a cinco, até que o Chile foi acrescentado aos 10 países iniciais, chegando-se então à votação. Mesmo assim, foi preciso que o sr. Rubotton «chamasse às falas» todos os chanceleres latino-americanos, antes da votação final na sessão plenária, para que a Conferência aprovasse o projeto da comissão.

## Nota Internacional

## Cuba: Crise na OEA

Com o final da VII Conferência de Consultas de Chanceleres da OEA abre-se um novo período na história das relações entre os Estados Unidos e os países latino-americanos. Apesar da vitória aparente que o imperialismo inique conseguiu obter no problema decisivo da Revolução Cubana, não se pode alimentar qualquer dúvida a respeito do verdadeiro significado da Conferência. Em primeiro lugar, a «Declaração de São José» foi arrancada a duras penas e era o mínimo que os EUA poderiam aceitar. Qualquer concessão além das que foram feitas quanto à não-intervenção e à autodeterminação tornaria claro o fato de que não é mais possível aos Estados Unidos trazer a América Latina amarrada à sua cauda. Por outro lado, é preciso assinalar que esta foi a primeira vez que se verificou uma resistência séria às imposições iniques e em que os norte-americanos se viram, na realidade, obrigados a assumir uma atitude defensiva: o centro da conferência não foi o sr. Herter, e sim o chanceler cubano e seus colegas do México e da Venezuela.

O fato de que os países latino-americanos que incluíam se opuseram iniques, apesar de grave, não deve ser superestimado. Os Estados Unidos entraram na Conferência de Costa Rica entrarrados até o pescoço em sua política imperialista na América Latina. Sua hegemonia no continente, até então incontestável, foi posta em jogo pelo conflito das inversões iniques em Cuba e pela política absolutamente independente do Governo Revolucionário Cubano. Se a derrota sofrida na VI Conferência em relação à República Dominicana se seguisse uma derrota na VII, todo o dispositivo de comando do Departamento de Estado na América Latina ficaria abalado. O desespero norte-americano pode ser observado na atitude do sr. Roy Rubotton, ex-sub-secretário de Estado para os assuntos inter-americanos. Rubotton não somente obrigou Lafer a sair do Teatro Nacional para ir encontrar-se com ele num restaurante vizinho várias vezes durante as reuniões, como pressionou pessoalmente todos os chanceleres momentos antes da votação, sob as vistas de todos.

Encerrada a VII Conferência com a aprovação da resolução condenando a «infiltração soviética» e a Revolução Cubana, o passo seguinte a ser dado pelos Estados Unidos, a exemplo do que aconteceu depois da Conferência de Caracas, será a intervenção direta, mesmo que oculta, para derrubar o Governo de Fidel Castro. O governo norte-americano sabe, entretanto, que a advertência feita pela União Soviética nada tem de formal ou de vazia. Sabe, igualmente, que Raul Roa disse a pura verdade quando afirmou que os povos latino-americanos abandonavam a Conferência junto com a delegação cubana. Os acontecimentos que já se desenrolam na Venezuela, são uma antecipação do que ocorrerá desde o México até a Argentina e o Chile se os Estados Unidos não se contentarem com a simples aprovação da infame «Declaração de São José» e se resolverem a tirar a prova dos nove.

Fausto Cupertino

## FRENTE PARLAMENTAR NACIONALISTA:

# Manobras Dos Trustes Contra Cuba Não Podem Prevaler

A farsa preparada pelos Estados Unidos para condenar Cuba na Conferência de chanceleres da OEA em São José da Costa Rica não passou em brancas nuvens. Em todos os países da América Latina grande número de estudantes, operários, intelectuais e representantes do povo, realizaram manifestações de solidariedade à Cuba e de condenação às manobras norte-americanas.

partes da reunião da OEA sua intenção solitária de revolução cubana e sua condenação às tentativas norte-americanas de colocar a América Latina contra Cuba.

produto básico da economia cubana, destarte absorvida por forças alienígenas em troca de miseráveis salários aos pobres trabalhadores cubanos. A essas manobras se somaram as do truste do petróleo, que empinaram a crista contra o governo cubano, empenhado em resguardar a economia do Estado dos atentados dos descontentes e dos colonialistas recalcitrantes. A aceitação do auxílio da Rússia na hora difícil em que o País sofre coação de forças econômicas poderosas, oriundas de outro país continental, é ato de legítima defesa. Não se trata de adotar ideologia estrangeira, nem de aceitação de doutrina antidemocrática, e sim de salvar o País de um esmagamento iminente por uma poderosa democracia.

## FPN apóia Cuba

No Brasil, coube à Frente Parlamentar Nacionalista, que congrega uma centena de deputados federais, representar a vontade de nosso povo que o governo brasileiro está desconhecendo ao permitir que o sr. Lafer se transforme em moço de recados e cúmplice de Herter. Em documento lido pelo deputado Gabriel Passos a Frente Parlamentar Nacionalista condena a atividade agressiva do governo e dos monopólios norte-americanos contra Cuba, baseando-se na própria Carta da OEA e em vários convênios inter-americanos que condenam toda e qualquer forma de agressão econômica para forçar um país a modificar sua política em proveito de outro.

«Se os Países da América Latina fecharem os olhos a essa realidade, buscando disfarçar a evidente pressão econômica e política, e acusando a luta contra a opressão como manifestação comunista estarão decretando a falência da OEA e preparando o caminho para outras violações do princípio de autodeterminação e para o engrossamento das raízes colonialistas no continente.»

Diz a declaração da FPN que «não podem prevaler as manobras das companhias açucareiras americanas, que dominavam o solo, a plantação e a industrialização do

# Adenauer Quer Realizar (Agora) Sonhos Fracassados de Hitler

Na semana passada, o governo alemão ocidental de Adenauer reconheceu oficialmente que pretende começar imediatamente seus preparativos para a guerra atômica com a constituição de um arsenal de armas de destruição maciça e foguetes. Esses planos belicistas da R.F.A., repetidas vezes desmentidos pelos imperialistas de Bonn, Londres, Paris e Washington e mascarados atrás da cortina da OTAN, apareceram agora como a própria política declarada da Alemanha Ocidental. E, o que é sintomático, sua apresentação oficial numa sessão do Estado Maior da R.F.A., logo endossada pelo governo, coincide com a revelação do «plano pequeno» elaborado pelo Estado Maior para «unificar» a Alemanha e «reconquistar» os territórios entregues à Polónia depois da Segunda Guerra Mundial.

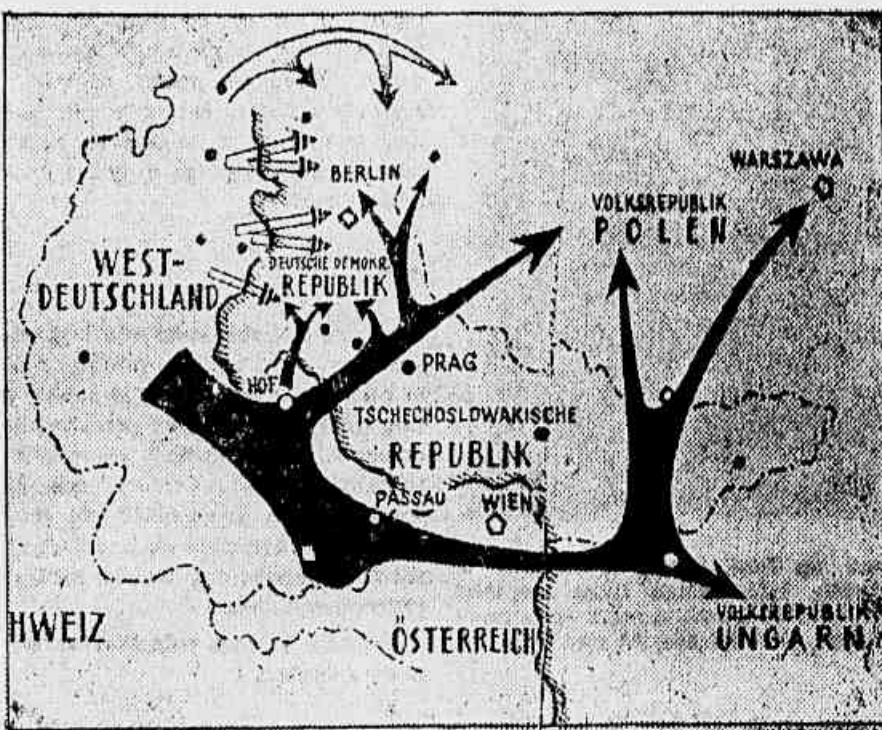
## Esplonagem e agressão

As revelações do major Winzer e outros oficiais e suboficiais do serviço de inteligência e do Estado Maior da R.F.A. que se asilaram na República Democrática Alemã levaram também à prisão imediata de mais de 150 espões de Bonn na R.D.A. e lançaram novas luzes sobre as manobras agressivas do governo de Adenauer. O ambiente de preparação de guerra existente nas fileiras do novo exército fascista-alemão, a Bundeswehr, tem sido revelado há bastante tempo pelas centenas de jovens que diariamente cruzam a fronteira e se asilam na R.D.A. Esses jovens fogem para não prestar serviço num exército comandado por oficiais nazistas que serviram à Hitler.

tal em nosso país que considera como territórios alemães "sob administração polonesa" e "sob administração soviética" os territórios orientais e a antiga Prússia Oriental, integrados na Polónia, e a região da antiga cidade de Koenigsberg, hoje território soviético de Kaliningrado. Além disso, ainda segundo o "mapa" germano-ocidental, a República Democrática Alemã não passa de território "provisoriamente administrado", pela URSS, mas que será integrado na República Federal Alemã pelas armas da Bundeswehr. Para pôr em prova seus planos demenciais, o governo de Bonn prepara agora, uma reunião do parlamento da R.F.A. em Berlim Ocidental, em pleno território da R.D.A., numa provocação consciente e planejada. Os novos discípulos de Hitler, com Adenauer à frente, procuram em vão realizar os sonhos de seu mestre, mas como disse Kruschlov em Paris, desta vez serão esmagados em seu próprio território.

Desobedecendo as disposições dos acordos de Potsdam, que proibiam o rearmamento da Alemanha, os países imperialistas incentivaram a remilitarização da Alemanha Ocidental, ao mesmo tempo que procuravam "tranquilizar" a opinião pública européia, afirmando que o novo exército da R.F.A. estaria sob o controle da OTAN e não possuiria armas atômicas ou de destruição maciça, como foguetes, submarinos e navios pesados, etc. Nos últimos anos, porém, os militaristas de Bonn começaram a mostrar suas intenções agressivas, exigindo participação maior e mesmo controle da OTAN pelos chefes militares da Alemanha Ocidental, a instalação de bases da R.F.A. na Espanha, França, Bélgica, a criação de uma poderosa frota submarina e de superfície e a entrega de armas atômicas aos neonazistas da Bundeswehr.

O mapa que ilustra a matéria mostra os planos de Adenauer.



O «plano pequeno» foi denunciado pelo major Bruno Winzer, que trabalhava no Estado Maior da Alemanha Ocidental e se refugiou recentemente na R.D.A. porque, como ele mesmo disse: «Compreendi que o Ministério da Defesa da R.F.A., apesar do que possa dizer, prepara uma guerra de agressão. Segundo o «plano pequeno», o grupo A das tropas da Bundeswehr avançaria, a partir do sul da R.F.A., pela fronteira entre a Alemanha Oriental e a Tcheco-Eslôvaquia até a fronteira entre a R.D.A. e a Polónia, avançando depois para o norte até cercar inteiramente a R.D.A., isolando-a dos demais países socialistas. Este isolamento seria completado pelo grupo B da Bundeswehr que, violando o território austríaco, irromperia na Hungria, dirigindo-se depois para o norte atacando a Tcheco-Eslôvaquia e a Polónia. Enquanto isto, seriam lançados ataques na fronteira norte entre a R.F.A. e a R.D.A. para distrair a atenção. Segundo ainda o major Winzer, todo o plano do Estado Maior germano-ocidental se baseia nos métodos de «guerra relâmpago» empregados por Hitler.

JOGOS OLÍMPICOS

# Confraternização e Entendimento Presidem as Grandes Disputas Esportivas

O juiz esticou a trena sobre a pista, examinou a marca e comunicou o resultado ao homem do placard, admirado:

— Dezesseis e vinte e dois!

O vencedor, negro, alto, magro, vestia a camiseta do Brasil e se chamava Adhemar Ferreira da Silva. Até então desconhecido, sem muita projeção mesmo entre nós, Adhemar tornou-se campeão olímpico em Helsínki e uma glória do esporte brasileiro, sendo considerado ainda hoje o maior nome de nosso atletismo.

Em 1956, quatro anos depois do feito de Helsínki, Adhemar iria repeti-lo em Melbourne, já então com a fama de recordista mundial, com sua excepcional marca de 16,56 m. Na Austrália, bateu novamente o recorde olímpico, desta vez com 16,35 m. Suas façanhas no salto triplo lhe valeram a alcunha, respeitosamente dedicada por seus adversários, de «canguru brasileiro».

Mais significativas se tornam as performances do atleta brasileiro quando nos lembramos que suas condições de vida só o permitiram treinar às vésperas das competições. Funcionário do Estado em São Paulo, Adhemar sofreu a perseguição de Jânio Quadros, que, em nome de sua «moralização», acabou afastando-o da função pública, porque ele «treinava demais» e faltava ao serviço.

Bicampeão olímpico, façanha de poucos, Adhemar irá tentar este ano o tricampeonato em Roma, feito conseguido apenas pelo pugilista húngaro Láslo Papp, vencedor em Londres, Helsínki e Melbourne, e o corredor finlandês, Paavo Nurmi, de quem falaremos adiante.

## Da Grécia antiga aos jogos modernos

Os jogos olímpicos nasceram na Grécia de trinta séculos atrás. Com várias versões — todas concordando que de fundo religioso, em homenagem aos deuses habitantes do Olimpo — sobre suas origens, os jogos foram disputados regularmente de quatro em quatro anos na cidade de Olímpia, de 884 A.C. até 724 da nossa era. Também não são muito precisas as razões de seu desaparecimento em 394. Ao que tudo indica, sua degeneração começou com o aparecimento dos cristãos, pois os espetáculos se converteram, muitas vezes, nas desiguais lutas destes contra as feras na arena, as carnificinas contra os seguidores da religião que surgia. Além do mais, em 394, plena era cristã, não era admissível mais a prática de competições que festejavam os deuses da Antiguidade.

Em 1896, por iniciativa do Barão Pierre de Coubertin, as Olimpíadas re-

urgiram, realizando-se em Atenas sua primeira edição moderna.

O ideal do Barão de Coubertin era manter em nossa época o mesmo espírito que presidia a celebração dos jogos na Antiguidade, quando o sentimento de paz e confraternização era dominante, a ponto de haver, para a realização das Olimpíadas, trégua geral em todas as lutas e combates. E isso, modernamente, as Olimpíadas representam.

## Paz e entendimento

Em encontros entre países que se colocam, como hoje, em campos políticos e sociais diferentes, não poderia deixar de haver rivalidades que pudessem comprometer o brilho dos jogos. E há. Todavia, o ideal olímpico tem vencido todas as barreiras, e mais, tem servido para aproximar os povos que se mantêm afastados uns dos outros.

Nem mesmo Hitler conseguiu transformar os jogos, como era seu desejo, numa demonstração política, de exaltação do nazismo, com a comprovação na prática da sua teoria de superioridade racial ariana. Em 1936, quando se encontrava no poder, Hitler teve seus desejos frustrados por um atleta negro (e logo negro) norte-americano, até hoje considerado o maior de todos os tempos: James Cleveland Owens — o famoso Jesse Owens. O extraordinário Owens, 21 anos, levou de Berlim 4 medalhas de ouro, conseguidas nas quatro provas de que participou: 100 metros, 200 m, revezamento de 4x100, e salto em extensão, esta última com a marca excepcional de 8,13 m, que só agora no segundo semestre deste ano, quase um quarto de século depois, veio a ser melhorada. O atual recorde é do norte-americano Ralph Boston, com 8,21 m.

Em 1956, houve um grande exemplo de cumprimento dos ideais olímpicos, quando os húngaros, envolvidos nas lutas de sua pátria, fizeram tréguas para participar dos jogos de Melbourne.

As Olimpíadas de Helsínki (1952) foram marcadas por outro fato dessa natureza. Estava em pleno curso a guerra da Coreia, e a «guerra fria» era a mais «quente» possível. Pois nem assim a participação, pela primeira vez, dos soviéticos nos jogos modernos veio causar qualquer embaraço político em virtude do confronto dos atletas da URSS e dos EUA. Pelo contrário, serviu para aproximá-los e, mesmo, criar grande camaradagem entre eles.

## Os recordes

É imprevisível a capacidade do homem no tocante à superação dos re-

sultados atléticos. Cada novo recorde que cai assombra o mundo esportivo, disposto quase sempre a encarar certos resultados como insuperáveis. Agora mesmo, este ano, acabou de acontecer algo surpreendente em relação à velocidade das pernas do homem. O jovem estudante alemão Armin Hary estabeleceu em 10 segundos o tempo dos 100 metros rasos, ou seja, a espantosa proeza de vencer 10 metros por segundo! Outra façanha que assombrou o mundo esportivo, também este ano, foi a do jovem negro norte-americano John Thomas, ultrapassando o sarrafo em 2,228 m no salto em altura. E Don Bragg, seu compatriota, no salto com vara, quase chegou aos 5 metros (4,806).

A título de curiosidade, daremos a relação das marcas obtidas pelos atletas na I Olimpíada Moderna, de Atenas (1896), acompanhadas, entre parênteses, dos recordes homologados até julho de 1960:

100 m 12" (10"); 400 m — 54" 2/10 (45" 2/10); 800 m — 2' 11" (1' 45" 7/10); 1500 m — 4' 33" 2/10 (3' 36"); 110 m com barreira — 17" 6/10 (13" 2/10); salto em altura — 1,81 m (2,228 m) — salto em extensão — 6,35 m (8,13 m); salto com vara — 3,30 m (4,806 m) — salto triplo — 13,71 m (16,70 m); arremesso do peso — 11,22 m (19,99 m); arremesso do disco — 29,15 m (59,91 m).

## Os mais famosos

Cada Olimpíada costuma apresentar um atleta considerado fenômeno. Entre eles, há alguns que se destacam de tal modo, que chegam a se transformar em verdadeiras glórias nacionais. Já citamos os casos de Adhemar Ferreira da Silva e Jesse Owens. Lembremos outros.

Nos jogos de 1920 (Antuérpia), a equipe da Finlândia trouxe um corredor que seria cognominado de «homem-cronômetro» — Paavo Nurmi. Ganhou os 10.000 m e o «cross-country» (corrida através do campo). Nas duas Olimpíadas seguintes (Paris em 1924 e Amsterdã em 1928) Nurmi venceu os 1.500 m, os 5.000 m e o «cross-country» na primeira, e os 10.000 m na segunda. O fundista finlandês estabelecia antes da competição um esquema rígido de tempo na corrida, respeitando-o rigorosamente durante o transcurso da prova, através de um cronômetro que levava numa das mãos. E cumpria seus tempos estabelecidos, sem impartar-se com o comportamento dos adversários, deixando-os correr à vontade, certo de que venceria. E venceu. É considerado herói nacional na Finlândia, com estátua na

principal praça de esportes da capital do país.

Em Londres, nos jogos de 1948, surgiu a antítese de Nurmi — o tchecoslovaco Emil Zatopek. Correndo meio desengonçado, num estilo nada estético, impôs-se nos 10.000 metros. Quatro anos depois, em Helsínki, venceu os 5.000 m, os 10.000 m e a maratona (42.000 m).

No mesmo ano em que surgiu Nurmi, em Paris, outro atleta maravilhou o mundo. Vítima de poliomielite em criança, Johnny Weissmuller, que seria mais tarde «Tarzan» nas telas de Hollywood, conseguiu, graças aos cuidados excepcionais de um médico norte-americano e de sua própria espantosa força de vontade, tornar-se, em 1924, o primeiro homem do mundo a percorrer os cem metros, nado livre, em menos de um minuto (59"). Além dessa vitória, quebrou ainda o recorde dos 400 m, com 5' 4" 2/10, e colaborou na vitória do revezamento de 4x200.

Quando Adhemar obteve sua primeira vitória olímpica, em Helsínki, destacou-se com ele o lançador de peso norte-americano Parry O'Brien, com a marca de 17,41 m. Ambos repetiriam o feito em Melbourne.

Vladimir Kuts, oficial da marinha soviética, é considerado o melhor corredor de fundo que o mundo já conheceu. Em Melbourne, estabeleceu os excepcionais marcas de 13' 39" 6/10 para os 5.000 m e 28' 45" 6/10 para os 10.000 m. Junto com ele, alcançou fama o velocista norte-americano Bob Morrow, vencedor dos 100 m, 200 m e 4x100. Os dois esperam bisar em 1960.

É interessante salientar que os melhores velocistas encontram-se sempre entre os americanos, enquanto os europeus vencem a maioria das provas de fundo. Australianos e japoneses salientam-se na natação.

## As mulheres

As mulheres sofreram restrições até 1928, quando tiveram permissão para participar integralmente das Olimpíadas. Anteriormente, disputaram somente tênis (em 1900) e natação (a partir de 1912).

Aliás, na Grécia antiga, quando os homens disputavam as provas inteiramente nus, as mulheres casadas não podiam nem assistir aos jogos, para não fazer comparações físicas que pudessem prejudicar seus maridos. As donzelas permitia-se o comparecimento ao estádio.

A mais famosa atleta que já se apresentou nos jogos modernos foi Fanny Blankers-Koen, holandesa que, em Londres, enquanto levantava as provas de 100 m, 200 m, 80 m com barreira e revezamento, tinha um filho no colégio e uma menina nos braços de uma assistente.

## O grande confronto

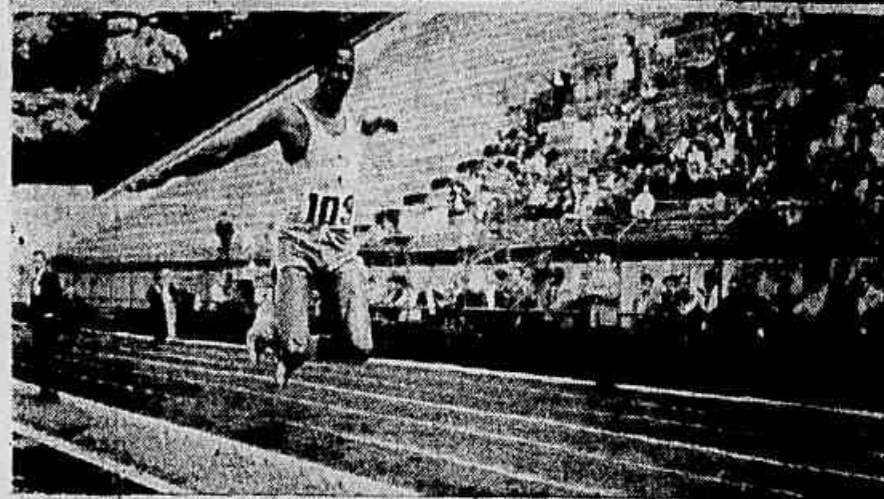
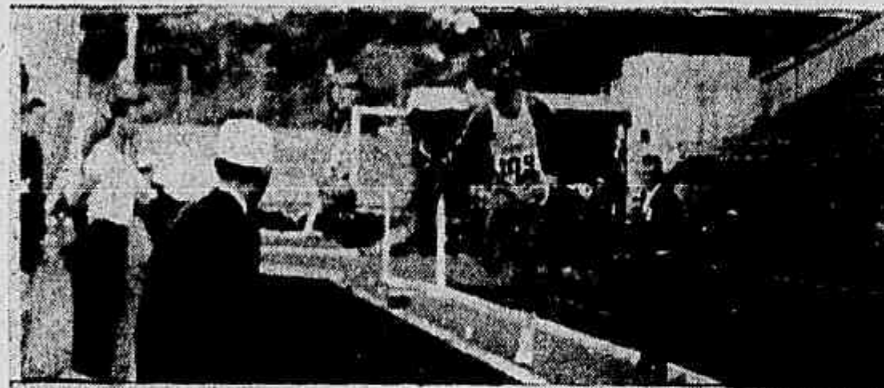
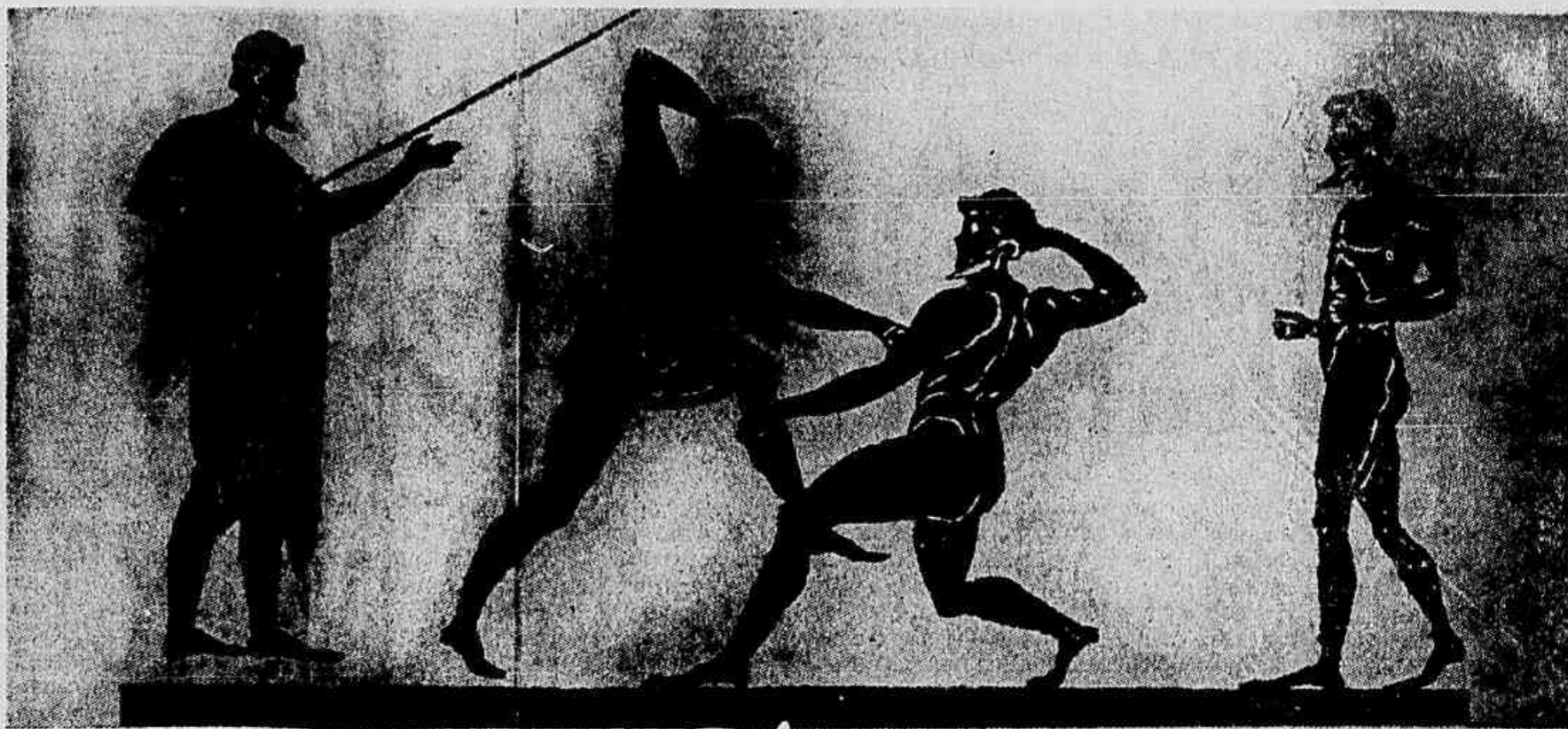
As nações mais desenvolvidas, por razões óbvias, apresentam sempre os melhores atletas. E essas duas nações lideram também os dois campos em que vive hoje a humanidade — o socialista e o capitalista — o que torna as disputas esportivas muito mais interessantes.

Em Helsínki, quando os soviéticos se apresentaram pela primeira vez, a vitória coube aos Estados Unidos. Já em Melbourne, a URSS levou alguma vantagem, ganhando no setor feminino, perdendo no masculino e somando maior número de pontos no geral. Agora em Roma, espera-se que essa rivalidade venha a acentuar-se, permitindo grandes disputas e muitas quebras de recordes.

## Nós

Nossas probabilidades são bastante limitadas. País subdesenvolvido, onde os atletas mal têm tempo de ganhar a vida para comer, não há condições de treinamento que possam garantir-nos grandes exibições. Contudo, não há por que deixar de acreditar que, entre os «ricardos» que virão na bagagem de nossos representantes, venham também algumas medalhas.

No mais, é torcer pelo tricampeonato de Adhemar.



## O «canguru» em 3 tempo.

A seqüência apresenta o mais famoso atleta brasileiro, Adhemar Ferreira da Silva, em pleno vôo para a superação dos dezesseis metros no salto triplo, façanha que ele foi o primeiro a realizar

# NOVOS RUMOS

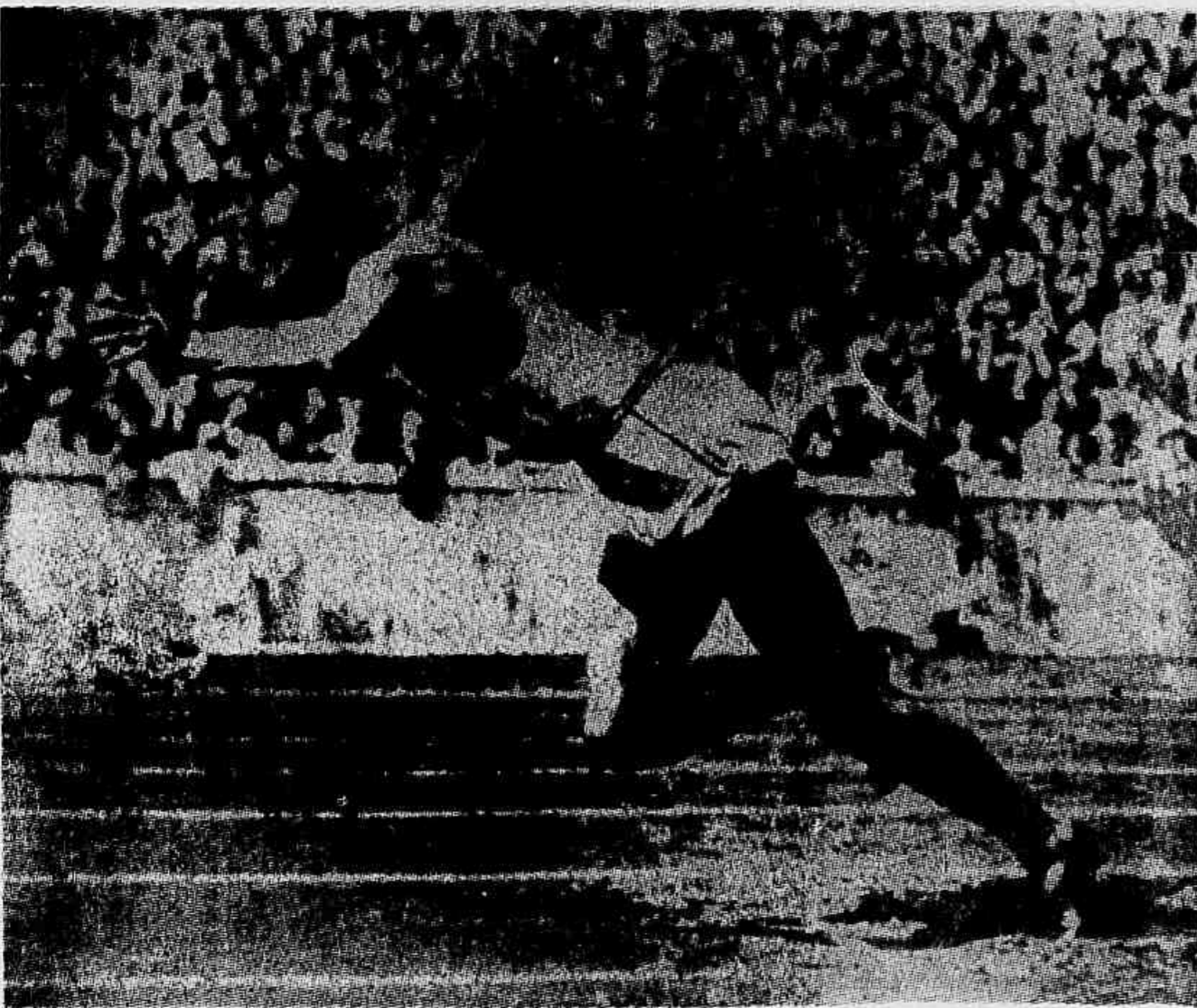
## Filosofia e Transporte

Qualquer via, em num ônibus desta cidade reduz a cinzas toda a filosofia individualista de Nietzsche. Porque ninguém abrirá o seu próprio caminho, mesmo onde não houver, como proclamava o filósofo alemão. Nem fará o seu próprio destino. O caminho, até a porta de saída, dependerá da boa vontade de dezenas de passageiros, que se empurraram, acotovelaram-se, suam e resmungam, na ida e na volta para o trabalho. O destino de todos fica entregue aos fregueses que nem sempre funcionam, e à perícia do chofer que precisa correr, correr muito para fazer a fêria. Duas coisas o perseguem: a necessidade de dinheiro e o cansaço. E a quem poderão os passageiros queixar-se? Lá na minha terra, onde não havia ônibus cuspidos gente pelas portas, mas existiam outras misérias, era costume mandar que os descontentes se queixassem ao bispo. Mas os bispos, geralmente, são favoráveis à propriedade privada. Nada farão contra os donos das empresas.

E vamos continuar, apesar do aumento das passagens em perspectiva, mais apegados dentro dos ônibus desta cidade do que os animais em trem carga. E que os animais valem o dinheiro dos fazendeiros. Mas essa humanidade toda que não tem onde botar os pés, que não tem ar para respirar e que se ajeta como peixe, de braços levantados ou empurrando as mãos num encosto de banco, não vale grande coisa. Não pertence aos fazendeiros. Dentro de um ônibus se acabam, por algum tempo, as boas coisas da vida. A segurança, o bom humor, a solidariedade, e até a beleza das moças, que saem aos trancos e barrancos, de cabelos desfeitos e vestidos amarrudados. E a isso a burguesia e seus filósofos chamam de liberdade. Uma liberdade que se limita a uma fresta na janela de vidro sujo e sempre mal aberta, por onde o ar mal passa para servir a dezenas de narizes.

O homem de vassoura no peito e ares de doutor teima em abrir o jornal, onde as manchetes proclamam aquela espécie de liberdade. Melhor fora, para suas idéias enlatadas, em cujo rótulo de cada lata pode-se ler «made in U. S. A.», que ele escondesse o jornal. Poderia ler esses jornais que defendem a liberdade dos proprietários das empresas de transporte, em qualquer lugar, menos nesses ônibus, em que todos têm o mesmo destino, todos os dias. O destino de entrar e sair, por uma porta mais estreita do que o entendimento do homem da vassoura, aos empurrões. Por isso, toda a minha simpatia vai para o trocador que dá ordens: mais um! mais um!... Afinal de contas todos têm que trabalhar e todos têm que voltar para casa. Por isso, toda a minha simpatia vai para o chofer que corre como um desesperado, porque o obrigam a isso. Afinal de contas somos todos vítimas — passageiros, trocador e chofer — dessa liberdade que tem alguns de explorar toda a população. Até o homem de vassoura, que presume nunca tenha ouvido falar de Nietzsche, mas é individualista por conta própria, e por isso abre o seu jornal de idéias enlatadas, sem pensar que está incomodando é mais uma vítima dessa liberdade.

And Montenegro



## A maravilha negra que abalou Berlim

Ninguém até hoje conseguiu superar a fama de Jesse Owens, considerado o maior atleta de todos os tempos. Em Berlim, 1936, quando Hitler preparou uma grande encenação para provar a superioridade ariana, o jovem norte-americano venceu todas as provas de que participou, estabelecendo um recorde (salto em extensão) que só este ano foi superado.



Uma das recomendações dos técnicos ianques em publicidade que assessoraram a campanha de Lacerda foi a de que o candidato lanterneiro evitasse definições públicas contra o nacionalismo. Embora lhe custe muito conter o seu ódio pelo movimento emancipador de nosso povo, Lacerda tem obedecido fielmente a recomendação. Mesmo quando o interpelam diretamente sobre a questão, ele desconfessa e foge. Nos últimos dias, chegou mesmo a encomendar versos, com gaito de «quadrinhas» populares, para distribuí-los em volantes pela cidade, dando-o como um «trabalhador pelo nacionalismo».

Se Lacerda, por um lado, mostra inteligência política, ao reconhecer dessa forma a pujança e a invencibilidade do movimento nacionalista, contra o qual nenhum candidato com pretensões de eleger-se pode voltar-se abertamente, por outro lado, ele demonstra ter vista muito grossa, ao acreditar que pode assim enganar o povo. Lacerda é dos poucos políticos brasileiros que o nosso povo, e especialmente o povo carioca, aprendeu a conhecer como o símbolo mesmo do entreguismo e da reação, pela sua posição intransigente de combate ao nacionalismo e de defesa dos grupos econômicos internacionais, em particular dos monopólios imperialistas que se interessam pelo nosso petróleo. Esse é, aliás, um dos poucos terrenos em que Lacerda sempre foi coerente. Ele já chamou Jânio de traidor e de cópia brasileira de Hitler, para depois apontar ao amigo de Rockefeller o salvador da pátria; já traiu a tudo e a todos, não poupando inclusive os fanáticos lanterneiros da Aeronáutica, que tramaram com ele o golpe

de Aragarças e que por ele foram denunciadas à polícia; mas nunca ninguém levou um artigo de Lacerda denunciando os crimes da Light, ou manifestando fidelidade à política de monopólio estatal de petróleo.

### Velha fidelidade à Esso

A fidelidade de Lacerda, particularmente, aos interesses da Esso é, de fato, uma das raras atitudes de coerência de que ele pode gabar-se como jornalista e político. Desde que assinou contrato de vendilhão com Valentim Bouças, há 20 anos, Lacerda tem se batido incansavelmente para que o petróleo brasileiro seja entregue ao truste de Rockefeller. Quando se acendia em todo o país a luta popular pela defesa do petróleo — quando dezenas de brasileiros caíram fuzilados pela polícia a serviço da Esso, nas praças públicas — Lacerda ficou marcado entre os que mais insuflaram a repressão policial contra o povo.

É dessa época a famosa série de artigos do corvo no «Correio da Manhã» — famosa pelo descaramento com que o autor defende a entrega do petróleo aos trustes internacionais — intitulada «Guia do petróleo para leitores assíduos». Nestes artigos, publicados entre 11 e 25 de junho de 1947, Lacerda escreve — com uma serenidade que já não tem hoje, pois a polícia já não lhe dá tanta segurança contra a ira popular:

«Existe petróleo no Brasil. A exploração desse petróleo não pode ser feita com capital nacional, apenas, porque não existe capital nacional suficiente. Nem capital, nem técnicos, nem

máquinas». («Correio da Manhã», 11.6.47).

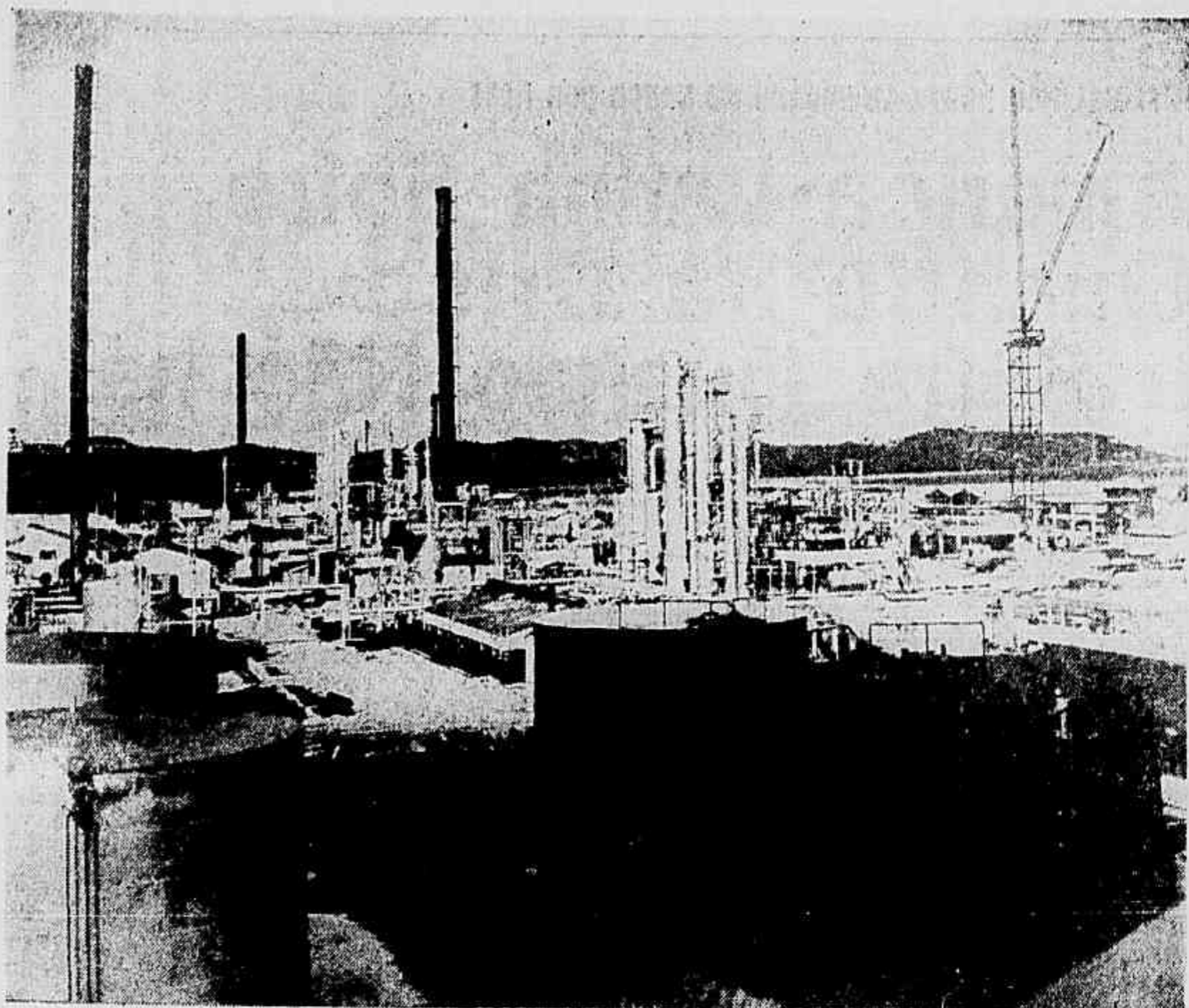
E o entreguismo de Lacerda não se limitou então a definir essa posição de princípio. Seu zelo como defensor da Esso levou-o a especificar detalhes do contrato de entrega do petróleo. Assim foi que ele estabeleceu («Correio da Manhã», 24.6.47) as «Garantias que devemos oferecer ao capital estrangeiro para possibilitar a exploração imediata e intensiva do petróleo do Brasil». Eis as garantias propostas por Lacerda (transcrição textual):

«1 — Execução honesta das cláusulas contratuais firmadas durante o programa de vigência do respectivo contrato, garantindo-se recurso final ao judiciário para dirimir desacórdos. Esse ponto envolve a revisão de uma legislação monstro que, sob a capa de nacionalista, suprimiu toda garantia jurídica e afastou do Brasil o capital estrangeiro, principalmente o mais honesto e bem intencionado, pois o desonesto sempre arranjou um jeito de aqui se manter, associando-se à ditadura.

«2 — Margem razoável de remuneração do capital realmente investido nos empreendimentos (juros e dividendos) bem como para sua amortização, no prazo de concessão.

«3 — Liberdade de exportação para as parcelas de amortização do capital, de modo a que ele possa ser amortizado dentro do prazo da concessão e também que os juros das obrigações (debêntures) e ações preferenciais e dividendos das ações ordinárias correspondam à parte não amortizável do capital.

A lista de garantias é longa, pois

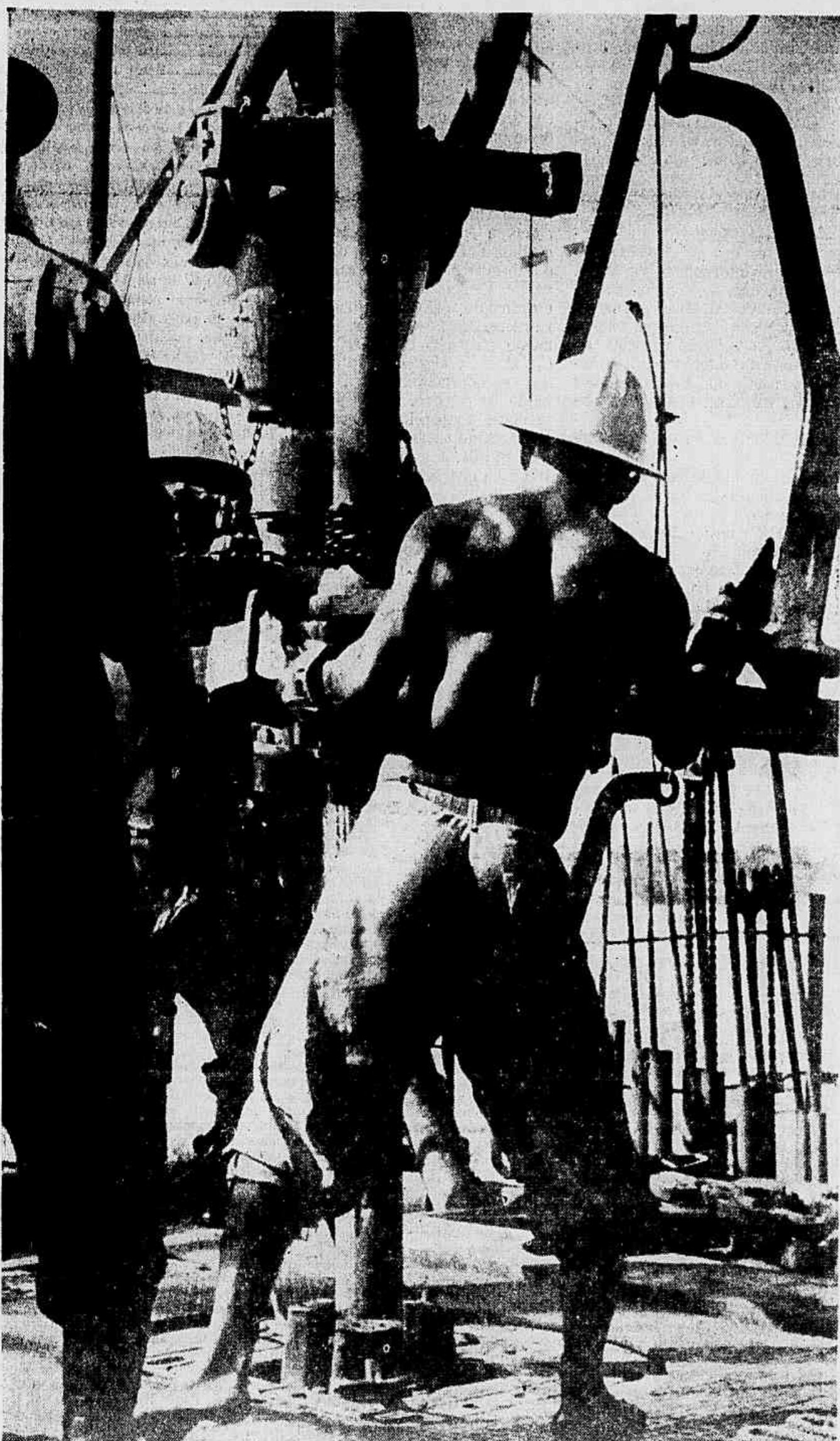


Uma realidade grandiosa

O filósofo francês Jean-Paul Sartre, visitando outro dia as instalações da Petrobrás na Bahia, mostrou-se tão impressionado com a grandiosidade da empresa que afirmou: «Só nos países socialistas vi coisa semelhante». Para Lacerda, entretanto, «A Petrobrás é uma criação híbrida e delirante». Até os estrangeiros vêem o Brasil melhor que o «corvo»

LACERDA, O CORVO ENTREGUISTA, ESCREVEU:

# “A Petrobrás é Uma Criação Delirante e o Monopólio Estatal é um Êrro”



Os operários desmentem Lacerda

Enquanto os operários brasileiros constroem a empresa gigantesca que é hoje a Petrobrás, Lacerda se obstina em desmerecer a capacidade de trabalho dos brasileiros, para justificar suas teses entreguistas. Não temos nem capital, nem técnicos, nem máquinas», dizia, ao propor um contrato de entrega de nosso petróleo aos trustes internacionais

nada excede o cuidado de Lacerda para com os interesses da Esso. Vejamos apenas alguns outros, mais importantes:

«Direito de recebimento, em caso de encampação da empresa, de uma indenização correspondente à parte do capital subscrito não amortizado, calculado à base do custo histórico, menos a depreciação, e acréscido de uma parcela razoável, a título de lucros cessantes».

Vê-se, dessa forma, que Lacerda não quer apenas a indenização do capital; quer também que o governo dê à empresa encampada os lucros que ela deixou de ter, em virtude da encampação! Mas há mais:

«As empresas autorizadas a exportar produtos petrolíferos, uma vez satisfeitas as exigências integrais do consumo interno de tais produtos, poderão exportar petróleo sem pagar imposto de importação até o limite de três vezes o volume daquele consumo interno».

Assim, Lacerda, que nem mesmo previa o pagamento da «taxa de vassalagem» chamada «royalty», cobrada por todos os países que entregaram o seu petróleo aos trustes internacionais, ainda propõe isenção de impostos para os trustes milionários.

### Chantagista e falsificador

A desfaçatez de Lacerda, na série de artigos citados, chega entretanto ao auge quando ele dá o seu grande argumento para a entrega do petróleo aos trustes ianques: a chantagem da guerra.

«O interesse americano pelo nosso petróleo — escreve ele — precisamente dessa necessidade em que se encontram de assegurar, numa emergência suprimentos capazes de compensar a sua situação interna, pois em caso de guerra os Estados Unidos, na eventualidade da perda do Oriente Médio, ficariam reduzidos, com Venezuela e tudo, a 40% de suas necessidades.»

Ai está, ao mesmo tempo, uma chantagem e uma falsificação. A chantagem é óbvia: para justificar a entrega do petróleo, Lacerda levanta o fantasma da guerra. A falsificação foi demonstrada, na época, pelo engenheiro Lobo Carneiro, em artigo publicado no «Jornal de Debates»: está na afirmação de que os Estados Unidos perderiam 40% de suas necessidades em petróleo, enquanto a produção do Oriente Médio, em vez de 60% da produção controlada pelos trustes internacionais, representava menos de 10% dessa produção.

Dessa falsificação e dessa chantagem se valeu Lacerda para combater o movimento nacionalista pela defesa do nosso petróleo, ao qual ele acusou de visar, apenas, a «ajudar a Rússia a enfrentar os Estados Unidos, privando a estes a possibilidade de obter, em caso de ameaça ou perda temporária do petróleo do Oriente Médio, combustível na própria América do Sul».

### Combate persistente à Petrobrás

Até ser candidato a governador da Guanabara Lacerda nunca fez segredo de sua posição de defensor da Esso. Pelo contrário, sempre se caracterizou como o mais odioso e descarado adversário da Petrobrás e da política estatal da exploração do petróleo, defendida pelos nacionalistas. Depois dessa série de artigos citados no «Correio da Manhã», em 47, ele periodicamente voltou ao assunto, em discursos e artigos escritos, para combater a Petrobrás e defender a entrega dos nossos recursos petrolíferos à espoliação dos trustes.

Eis, por exemplo, algumas frases de artigos seus, na «Tribuna da Imprensa», quando era discutido no Congresso o projeto da Petrobrás: «A Petrobrás é criação híbrida e delirante, espécie de hermafrodita econômico» (2.2.52);

«A Petrobrás é um projeto contraditório, incompleto e doidivanos» (26.3.52); «Estamos em face de dois erros: o monopólio estatal, que um projeto oficioso institui, e a Petrobrás, que é a dinamização desse êrro» (25.6.52); «A Petrobrás não resolve o problema que interessa na questão do petróleo, que é este: ter petróleo» (1.9.52).

Depois, formada e consolidada a Petrobrás, que se tornou símbolo da própria soberania nacional, Lacerda compreendeu que não podia mais atacar tão aberta e publicamente o órgão estatal, que passou a ser defendido inclusive na área do eleitorado udenista. Sem deixar passar qualquer oportunidade para intrigar ou para publicar colunias contra a Petrobrás, o Corvo do Lavradio passou entretanto a centralizar os seus ataques contra o nacionalismo, que é o sustentáculo do monopólio estatal. «O nacionalismo — diz ele — não é uma causa. É um pretexto. Porque serve de mania para cobrir e excusar a corrupção» («Tribuna da Imprensa», 1.7.53).

Este é o corvo Lacerda, inimigo mortal do nacionalismo e da luta emancipadora do povo brasileiro, que agora encomenda versos a um qualquer «cego Aderaldo», para apresentá-lo como nacionalista. Isto é um insulto à inteligência do povo carioca, que sabera como respondê-lo, em 3 de outubro.



O corvo finge de cego

«O pior cego é o que não quer ver», e Lacerda insiste em fechar os olhos para a verdade e a grandeza da Petrobrás. Mas foi a Esso que pôs nele as viseiras do entreguismo

## NOVOS RUMOS

## IMPERIALISMO NORTE-AMERICANO NO BANGO DOS RÉUS

# América Latina Sofre Quando há Crise e Sofre Quando Não há

O Congresso dos Estados Unidos aprovou, afinal, a verba de 600 milhões de dólares pedida pelo governo Eisenhower em nome da prestação de ajuda à América Latina. É bem verdade que o fez em termos tais que a situação é a mesma como se nada tivesse sido aprovado. Pois, com efeito, a aprovação está sujeita à ratificação pelo próximo Congresso, após as eleições de novembro, o qual somente autorizará o gasto do dinheiro depois de conhecer-lhe a aplicação.

Ao solicitar a aprovação da verba, Eisenhower deixou bem claro que não se tratava de fomentar o desenvolvimento econômico latino-americano, da instalação de novas indústrias, ou da ampliação das existentes. De fato, como salientaram vários senadores, a verba visa a fazer frente à crescente oposição oferecida pela América Latina ao imperialismo norte-americano, de que Cuba é o melhor exemplo. E, também, como foi declarado por Dillon, fazer com que os Estados Unidos compareçam à próxima reunião do «Comitê dos 21», em Bogotá, com algo concreto...

## Situação da América Latina

A verdade é que enquanto os países socialistas se desenvolvem aos saltos e os países de capitalismo avançado obtêm relativo progresso em suas economias, a América Latina vem apresentando, em conjunto, um quadro totalmente oposto. Quem o afirma é uma fonte tão insuspeita como a CEPAL. E qual o maior responsável por isto? O imperialismo norte-americano, como afirmou em S. José o ministro Raul Roa, fato que os povos da América Latina vêm compreendendo cada dia melhor.

Eis como se inicia recente resumo distribuído pelo escritório da CEPAL, em Santiago do Chile, da análise da economia latino-americana em 1959: «O Estudo Econômico da América Latina, 1959», preparado pela Secretaria da Comissão Econômica para a América Latina, das Nações Unidas (CEPAL), mostra que esta região voltou a ter outro ano de débil crescimento, acentuando-se com isto a tendência que se vem manifestando depois de 1955, com uma interrupção apenas em 1957 devido aos efeitos transitórios da crise de Suez.

Com efeito, neste quinquênio a taxa de desenvolvimento da economia latino-americana em seu conjunto mal ultrapassou o crescimento da população, e a taxa de aumento do produto por habitante reduziu-se de 3,6 e 1,8 por cento em 1955 e 1956 respectivamente a apenas 1,3 e 0,3 por cento em 1958 e 1959; tudo isto — ao lado da diminuição da renda, resultante de uma evolução adversa dos preços de exportação —, refletiu-se no «agudamento das tensões econômicas e sociais».

## Deterioração das relações de troca

Continua o documento afirmando que em 1959 a economia latino-americana em conjunto e na maior

ria de cada um dos países «enfrentou uma nova deterioração da relação de preços de troca e uma menor produção agrícola de consumo por habitante, fatores básicos ambos, que tornaram mais difícil a continuação da luta antiinflacionária».

Além disso, «apesar do progresso realizado na estabilização das economias monetárias, a afluência líquida de capital de origem estrangeira foi menor em 1959».

## O desequilíbrio externo

O petróleo, o café e o açúcar proporcionam, sózinhos, mais de metade das divisas obtidas pela América Latina através do comércio exterior. Significa que a redução dos preços-ouro desses produtos determina uma contração imediata da capacidade de importar dos países latino-americanos.

E tanto o petróleo, como o café e o açúcar, tiveram em 1959 os seus preços reduzidos. Os preços do petróleo caíram de 7 a 8 por cento, o café viu os seus preços diminuídos em 23 por cento (já entre 1957 e 1958 registrara-se uma redução de 15 por cento) e o açúcar baixou em 15 por cento.

Se forem considerados os 17 principais produtos de latino-americanos, seu preço médio ponderado acusa uma baixa de 8,4 por cento em relação a 1958. Sobre isto, diz o documento da CEPAL: «Em 1958, o decurso dos preços dos produtos primários podia ser relacionado, pelo menos em parte, com a recessão temporária da economia norte-americana e com o menor dinamismo do crédito da Europa Ocidental. Desta vez, pelo contrário, a depressão adicional dos mercados coincide com uma vigorosa recuperação da atividade industrial tanto nos Estados Unidos como na Europa e com um aumento na demanda de produtos importados».

Em outras palavras: a economia latino-americana sofre quando há crise no mundo capitalista e sofre quando não há...

## EUA e América Latina

Em 1959, as compras dos Estados Unidos no exterior aumentaram em 2 bilhões 397 milhões de dólares, ou seja, aumentaram em 19 por cento; no entanto, para a América Latina esse aumento foi de apenas 26 milhões de dólares, ou seja, 0,7 por cento apenas a mais do que em 1958. Não que o mercado norte-americano tenha importado uma massa menor de produtos da América Latina; ao contrário, em volume algumas importações foram bem maiores (como é o caso do café), mas o preço é que foi mais baixo.

Mesmo produtos como os metais não ferrosos e as fibras têxteis — que experimentaram certa melhora no mercado internacional — não se puderam beneficiar disto em virtude da manutenção de restrições nas taxas quantitativas de importação (exemplos do chumbo e do zinco), ou o aumento dos subsídios do governo americano aos seus próprios produtores (caso do algo-

ção), refletindo-se negativamente sobre as possibilidades dos produtores latino-americanos.

No caso do petróleo e do café, a diminuição dos preços-ouro pôde ser compensada com um certo aumento nas exportações. Mas o valor total das exportações de açúcar de Cuba e outros países foi inferior ao de 1958.

## A conta de capitais

O estudo da CEPAL considera como um fator de agravamento da situação econômica da América Latina a menor afluência de capitais dos Estados Unidos para esta região. As inversões privadas norte-americanas reduziram-se de 488 milhões de dólares em 1958, para 383 em 1959. Daí conclui o estudo que «o capital privado norte-americano orienta-se cada vez mais para os países industriais — o Canadá e as nações da Europa Ocidental — em detrimento da América Latina e de outras regiões constituídas principalmente por países subdesenvolvidos».

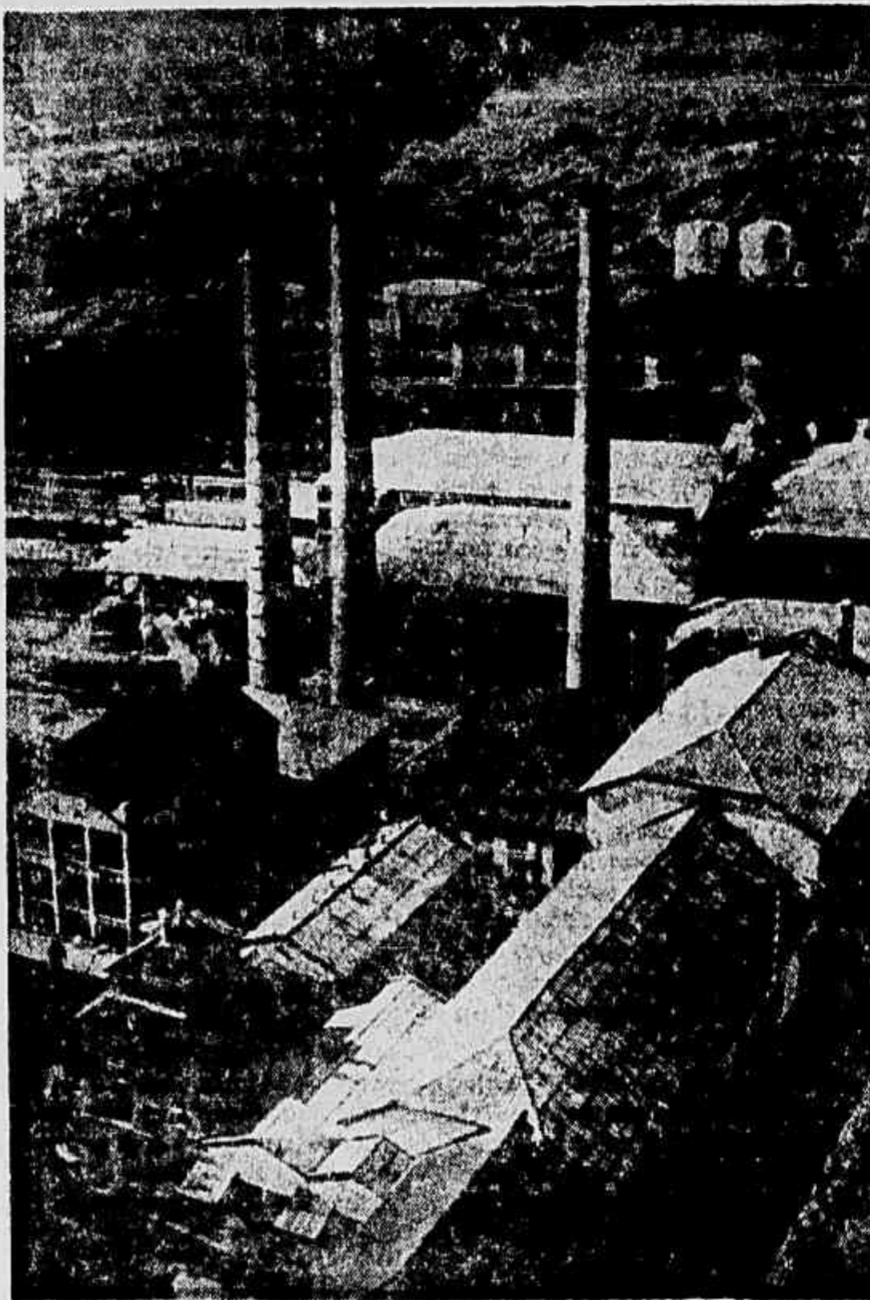
## Importações e balanço de pagamentos

O pequeno aumento da receita cambial obtida pela América Latina em 1959, continua o documento, foi amplamente superado pelo aumento das saídas na conta de capitais. Este fato é mais: 1) um saldo negativo de 257 milhões de dólares na balança comercial, em 1958; 2) a diminuição das reservas internacionais; 3) as menores receitas da exportação; e 4) menor afluência de capitais estrangeiros, fizeram com que as importações se reduzissem em quase 900 milhões de dólares, relativamente a 1958, o que representa uma redução de 20 por cento em comparação com 1957. De todos os países da América Latina, só o Brasil, a Colômbia e Costa Rica aumentaram em escala mínima suas importações. Todos os demais as reduziram.

Em 1959, o déficit do balanço de pagamentos dos países latino-americanos foi superior a 509 milhões de dólares, fato que, segundo a CEPAL, «compara-se favoravelmente com o de 1 bilhão 107 milhões de dólares em 1958». Tal redução é o reflexo da modificação da balança comercial, que passou de um déficit de 257 milhões em 1958 a um saldo de 729 milhões em 1959, através da contenção maciça das importações.

«Em resumo: à custa da maior saída de bens requerida — dados os preços mais baixos — para manter o valor das exportações e à custa da séria redução das importações — cujos preços unitários não variaram substancialmente —, a América Latina melhorou em 1959 o saldo de suas contas externas, conseguindo em conjunto (excluída a Venezuela) um aumento líquido da ordem de 240 milhões de dólares em suas reservas».

Eis aí, em linhas sumárias, um insuspeito quadro do estrangulamento econômico da América Lati-



## Queda dos preços e das exportações

na pelo imperialismo norte-americano.

## Empobrecimento

Depois de constatar que a inflação se agravou na América Latina em 1959, indica o estudo da CEPAL que continuou no ano passado a tendência para a diminuição do desenvolvimento econômico latino-americano. Assim, o documento relaciona os seguintes índices de incremento do chamado produto bruto interno: 1955 — 5,9%; 1956 — 4,2%; 1958 — 3,8% e 1959 — 2,9%.

Quando à renda nacional, deteriorou-se ainda mais, assinala o estudo, tendo aumentado em apenas 1,2% em 1959 (contra 3,6% em 1958) «e isto como consequência de uma relação de preços do intercâmbio mais desfavorável que a já deteriorada do ano anterior». O fato é mais grave levando-se em conta a elevada taxa de crescimento demográfico da América Latina — 2,6% por ano —, do que resulta um ridículo aumento de 0,3% no produto bruto interno por habitante e uma séria diminuição (de mais de 1%) na renda bruta por habitante.

«O fator principal da diminuição da renda por habitante em 1959 parece ser a forte deterioração da relação dos preços de troca e também o insuficiente progresso da produção agropecuária» — diz o estudo, numa acusação implícita ao imperialismo norte-americano (que predomina no comércio exterior da América Latina) e às atra-

No caso do petróleo e do café ainda foi possível compensar as baixas nos preços com o aumento das exportações. Quanto ao açúcar, o que as usinas produziram ficou em boa parte estocado. Quem mais sofreu com isso foi Cuba.

sadas estruturas agrárias latino-americanas.

## Agropecuária

Segundo os dados publicados no estudo, a produção agropecuária aumentou em 1959 de 1,9% em relação a 1958, sendo de notar que tal incremento se deveu mais à produção para a exportação (2,2 por cento). Quanto à agropecuária de subsistência, aumentou em somente 1,7 por cento, isto é, menos do que o incremento populacional da América Latina. Em consequência, a disponibilidade de produtos agropecuários por habitante diminuiu em cerca de um por cento.

## Indústria

A indústria latino-americana — com exceção da Argentina, onde se observou «severo retrocesso» — continuou crescendo, como em todo o pós-guerra. Afirma o estudo que vários elementos indicam que o crescimento real da indústria supera os registros estatísticos, notadamente em países como o Brasil, a Colômbia e o México. Os ramos que mais se expandiram foram a refinação de petróleo, a siderurgia, a produção de papel e celulose e a indústria automobilística (Argentina e Brasil). A tendência da indústria continua sendo para a diversificação.

Por fim, assinala o documento da CEPAL que aumentou a extração de petróleo e cobre e que começam a produzir frutos os esforços para ampliar a capacidade energética e a rede de transportes.

## Nota Econômica

## Geampe: Crédito Para os Pequenos?

Foi publicado, há dias, o decreto presidencial criando o Grupo Executivo de Assistência à Média e Pequena Empresa (GEAMPE). De há muito que se vem falando na necessidade da criação de tal órgão, cuja finalidade básica consistiria, teoricamente, em proporcionar à média e à pequena empresa assistência de todo tipo, e antes de tudo assistência creditícia.

Já foi dito que a primeira condição para obter-se crédito no Brasil é ter dinheiro, pois quem tem dinheiro consegue levantar mais dinheiro em bancos. Isto é verdade não apenas para a agricultura, como para a indústria. O médio, como o pequeno empresário, geralmente consegue desenvolver sua empresa até certo ponto mediante a mobilização de recursos de pessoas que lhe são próximas, parentes ou amigos, associados aos seus próprios recursos. Entretanto, mesmo essas pequenas fontes formadoras de capitais vão desaparecendo, pois as pequenas poupanças, através dos fundos de investimentos, lançamento de ações de valor reduzido, etc., vão sendo aspiradas pelas grandes capitais. Os exemplos são inúmeros. De outra parte, com o desenvolvimento da técnica, é cada vez maior o volume de capital necessário para começar e operar eficientemente um negócio: máquinas mais caras e em maior quantidade, organização mais racional do trabalho, etc., de modo que possam elas competir com os grandes produtores.

Se do ângulo da perspectiva histórica o destino da pequena e da média empresas nada têm de promissor, outro, porém, é o quadro, se considerado numa situação concreta — num dado momento e num dado lugar. No Brasil, por exemplo, o grosso do abastecimento de autopeças à indústria automobilística provém de pequenas e médias empresas, em número superior a mil. No setor da indústria da borracha, a seis grandes empresas estrangeiras contrapõem-se duas centenas de pequenas e médias empresas nacionais. Nestes, como em muitos outros casos, as empresas pequenas e médias desempenham um papel bastante positivo.

Mas, porque são fracas, porque não têm ou dificilmente têm acesso ao crédito bancário, às facilidades para importação, etc., tornam-se presa fácil do grande capital, principalmente do capital imperialista. Uma das vias mais frequentes de desnacionalização da indústria nacional é precisamente a absorção de empresas nacionais menores pelo capital estrangeiro. Exemplo típico dessa ocorrência, vamos encontrar ainda na indústria automobilística (autopeças, autocorcorações, etc.). A fragilidade da maioria das empresas nacionais da indústria química, farmacêutica e de perfumarias levou-as a uma situação insustentável em face da pressão estrangeira. O resultado é que todo um ramo da indústria nacional, ramo importantíssimo, achase controla-

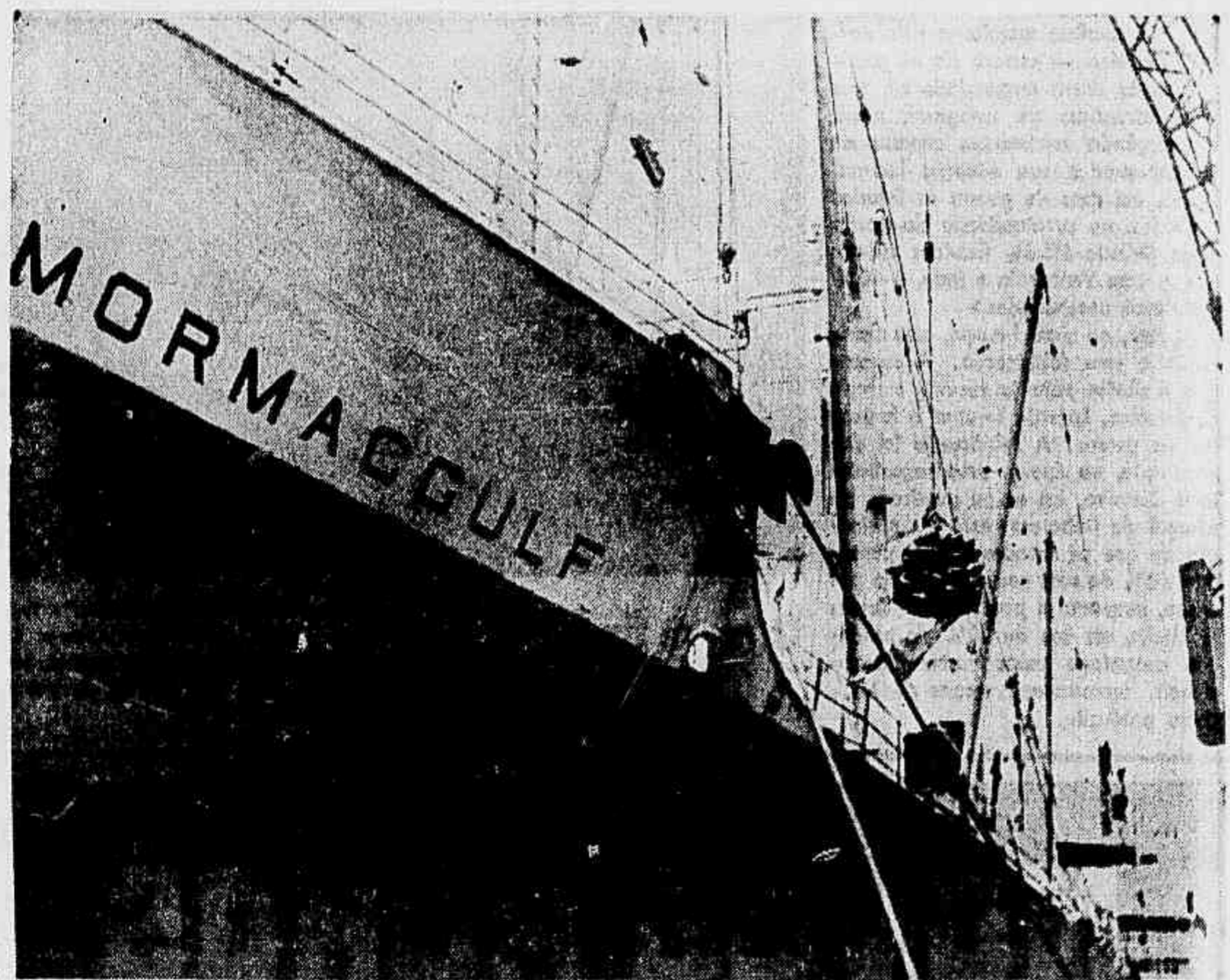
do por capitais estrangeiros, a ponto de uma empresa do porte da «Gessy», que até aqui vinha resistindo ao assédio imperialista, ter sido agora levada a capitular, associando-se ao truste holandês-americano da «Unilever».

No caso da indústria da borracha, além de não oferecer meios para a defesa das médias e pequenas empresas, o atual governo ajudou a empurrá-las para mais perto da boca do leão, ao suspender o monopólio estatal das importações de borracha. Essa medida persiste até hoje, embora tenha sido atenuada por algumas providências posteriores, resultantes da encarniçada resistência oposta pelos pequenos e médios industriais da borracha.

Quanto ao crédito público, que seria o recurso natural para a média e pequena empresa, é cada vez mais canalizado para os empreendimentos de maior vulto. Sem mencionar o BNDE, cujos financiamentos se têm dirigido para os setores básicos da indústria, examinemos como se passam as coisas com o Banco do Brasil, que, supostamente, estaria mais ao alcance dos pequenos e médios empreendedores. Em 1958, a carteira especializada do BB (Carteira de Crédito Agrícola e Industrial), efetuou empréstimos num montante de 6,5 bilhões de cruzeiros, correspondentes a 1.604 contratos. Entretanto, somente 474 contratos, isto é, 30 por cento dos beneficiados, receberam 5,7 bilhões de cruzeiros, numa média de 12 milhões por contrato. Portanto, os restantes 1.130 mutuários (70 por cento) receberam em conjunto apenas 0,8 bilhões de cruzeiros, ou em média 720 mil cruzeiros por contrato. Se em 1958 foram 474 os mutuários que obtiveram empréstimos superiores a 2 milhões de cruzeiros, num total de 1.604 contratos, em 1959 a situação piorou ainda mais para os pequenos empresários. Com efeito, enquanto o número total de contratos crescia para 1.919 (aumento de 19%), os beneficiados com mais de 2 milhões de cruzeiros aumentaram para 782, apresentando um incremento de 63%. Em outras palavras: o crédito concentra-se cada vez mais, beneficiando cada vez menos os pequenos e médios produtores industriais.

Se considerarmos sua distribuição pelo país, vemos que, em 1959, de todos os financiamentos feitos pela CREA, apenas quatro Estados — S. Paulo, Rio Grande do Sul, Guanabara e Minas Gerais — absorveram mais de 85 por cento dos créditos industriais.

Portanto, a criação do GEAMPE pelo nome teoricamente corresponde a uma necessidade. Resta, agora, que se torne efetiva a prometida assistência e, antes de tudo, o crédito barato à pequena e média empresas. Enfim, que a situação atual deixe de existir. E isto não é fácil.



## As raízes da pobreza

Para obter quase a mesma receita em dólares (apenas 10 por cento mais) o Brasil teve de exportar 50 por cento a mais de café (foto), devido à queda de 23 por cento nos preços internacionais do produto em 1959, relativamente a 1958, quando já se observara uma diminuição de 15 por cento em comparação com o ano anterior. Essa é uma situação comum a toda a América Latina.

Mistificação

O movimento estudantil brasileiro, desde que passou a pautar sua participação na luta política a partir das posições mais defensáveis, vem num crescendo de unidade e de fortalecimento...

No segundo caso está a afirmativa de que os universitários baianos estão em greve para «derrubar» o reitor Edgar Santos. Nada mais falso. Os moços da Bahia decretaram a greve para que fosse revogada uma suspensão imposta aos líderes universitários quando estes exigiam o atendimento de reivindicações da massa estudantil.

Toda a celexuma que se vem fazendo em torno de que a greve é para tirar Edgar Santos da Reitoria só tem um sentido: insinuar que, quando os universitários voltarem as aulas após terem suas solicitações atendidas, houve fracasso do movimento, uma vez que o reitor permanece, impávido, no seu posto.

Não estamos inventando nada. Recentemente, depois do encerramento da greve nacional de cinco dias, à qual aderiram 90% dos estabelecimentos de ensino superior do país...

M. A.

O MINUANO NÃO ATRAPALHA

Estudantes de Direito Discutem Seus Problemas em Pôrto Alegre

Desde domingo (28 de agosto) está se realizando em Pôrto Alegre (RGS) a X Semana Nacional de Estudos Jurídicos, conclave que reúne anualmente delegações de todas as faculdades de Direito do país...

Consciência

O ponto alto do colóquio, porém, é o concurso de oratória. Cada delegação leva seu orador, escolhido em concurso preliminar no qual podem se inscrever todos os associados de cada Diretório Acadêmico.

As questões propostas pelo letrário do concurso de oratória desta X Semana são altamente reveladoras do grau de amadurecimento de consciência já atingido pelo nosso estudantado.

CÂMARA FEDERAL COM OS ESTUDANTES

Comissão Parlamentar de Inquérito Vai Apurar Crimes do Reitor Baiano

O libelo apresentado pelos universitários baianos denunciando a administração clientelista, medieval e ruinosa aos interesses nacionais do reitor Edgar Santos à testa da Universidade da Bahia repercutiu fundamente em todas as câmaras de nossa população.

Inquérito parlamentar

Agora vêm os estudantes de obter grande vitória, com a constituição na Câmara dos Deputados de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar a situação real da Universidade da Bahia e apurar a responsabilidade do reitor nos crimes apontados pelos moços das escolas.

Compõe a Comissão os seguintes deputados: Fernando Santana, Celso Briant, Osvaldo Ribeiro, Seixas Dória, Ferro Costa, Osmar Cunha e Temperani Pereira.

Vitórias e decepção

Após partirem para Brasília para a instalação de seu primeiro Conselho Universitário, os líderes estudantis de todo o país estavam imbuídos de alta

dose de otimismo, infundida pelo andamento satisfatório que vinha tendo a solução da crise universitária do momento.

Assim é que no Pará havia ocorrido um recuo total do reitor, da sua posição de pretender fechar as escolas por ele consideradas prejudiciais aos interesses da região.

Em chegando a Brasília a euforia aumenta com a confirmação de que a

Câmara havia designado a Comissão de Inquérito.

Vem em seguida a decepção: todo um dia de «demos» e não foi conseguido um encontro com o Presidente JK, ou mesmo com o ministro da Educação.

Vergastando o comodismo

No domingo (28 de agosto), à noite, o Conselho distribuiu à imprensa a seguinte nota:

«O Primeiro Conselho Extraordinário da União Nacional dos Estudantes, reunido em Brasília com a finalidade de tratar da Reforma da Universidade e, especificamente do caso da greve dos estudantes da Universidade da Bahia, já com oitenta dias de duração, expõe ao povo brasileiro:

1 — A reunião foi marcada para Brasília por ser esta cidade, pelo menos teoricamente, a capital do Brasil, local onde lógica e conseqüentemente deveríamos encontrar o Presidente da

República, bem como o Sr. Ministro da Educação e Cultura, de quem mais diretamente emanariam providências para a solução do caso citado.

2 — A presente reunião segue-se a uma série de advertências, entre as quais uma greve nacional dos estudantes, deflagrada no dia 11 do mês passado com a duração de cinco dias, sem que as providências solicitadas fossem tomadas, impossibilitando o retorno às aulas dos estudantes baianos, de vez que isto significaria a continuação das irregularidades que medram no seio daquela Universidade.

3 — Na oportunidade os estudantes de todo o Brasil, aqui reunidos, manifestam a certeza de que as autoridades venham a atentar para a gravidade da situação, abandonando o comodismo até agora demonstrado, sob pena de virem a ser responsabilizados por quaisquer atos supervenientes de conseqüências mais graves.

Brasília, em 28 de agosto de 1960.

a) Domingos Muchon (Presidente do Conselho e representante de Minas Gerais).

b) Oliveiros Guanais (Presidente da União Nacional dos Estudantes). Esta nota foi assinada por mais 17 presidentes de União Estaduais de Estudantes.

No saguão da Câmara

Na segunda-feira (29-8) à tarde, hora em que redigíamos estas notas, os líderes iniciavam uma reunião no saguão da Câmara dos Deputados. Até então não tinham discutido sobre o planejamento da grande campanha pela reforma das universidades.

Congresso da UME Consagrará Reforma do Ensino Superior

Sérgio Magalhães, Tenório Cavalcanti, Mendes de Moraes e Carlos Lacerda (candidatos ao Governo da Guanabara) falarão cada um durante trinta minutos, e em sessões diferentes, expondo seu programa de trabalho aos estudantes cariocas, na oportunidade da concretização do próximo Congresso Metropolitano dos Estudantes, marcado, de início, para a semana de 11 a 17 de setembro.

O Que é

O Congresso é o órgão supremo dos universitários guanabarrinos. É convocado pela diretoria da UME, que nomeia uma Comissão Organizadora para prepará-lo e garantir a sua efetivação.

O Que Faz

Como atribuições fundamentais, o Congresso aprova (ou não!) o Relatório e a Tomada de Contas da diretoria cujo mandato está expirando, elabora um Programa Mínimo Administrativo para ser cumprido pela diretoria vindoura e dá corpo a uma Carta de Princípios que servirá de orientação política a ser seguida pela entidade durante toda uma gestão.

reivindicações restritas ao movimento estudantil até as questões mais candentes do movimento nacionalista, que são apreciadas sob a rubrica de Problemas Nacionais.

Reforma Universitária Vai Dar a Nota

No momento ainda não estão arrolados os assuntos que constituirão o temário do encontro. A Comissão Organizadora está ainda na fase dos primeiros passos. Pode-se acrescentar, entretanto, que a tônica do Congresso será a luta pela reforma da Universidade.

Aurélio Vianna: Presidente de Honra

Na última reunião dos conselheiros da UME (formam o Conselho um representante de cada escola) foram designados Patrono, Presidente de Honra e outros homenageados do Congresso.

TEME

Da competência do Congresso é também a eleição do Tribunal Eleitoral Metropolitano (TEME). Este processará as eleições para a nova diretoria da UME, que serão efetivadas em princípios de outubro.



Para a frente

No próximo Congresso da UME os universitários vão coordenar a arrancada contra o status quo das nossas escolas superiores. Será a batalha para a qual não faltará soldado. O elan do jovem da foto estará em todos.

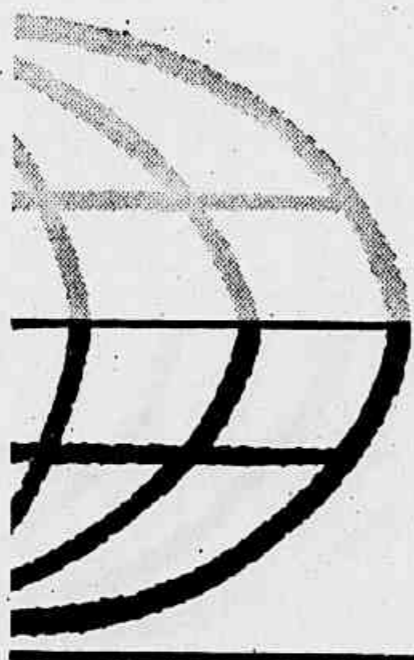
os 2 lados do mundo em 1 instante de leitura

HOJE

1.º de setembro

novo completo compacto

- problemas do povo
• a luta contra o crime
• vida esportiva



# As Companhias Norte-Americanas e a Independência do Congo

MICHEL BOSQUET  
(Serviço especial L'EXPRESS-PRENSA LATINA)

PARIS (PL) — «A quantidade de metais e combustíveis minerais utilizados em nosso país desde a primeira guerra mundial é superior à quantidade total utilizada no mundo inteiro desde suas origens até 1914... Em 1957, os Estados Unidos compraram no estrangeiro 80% de seus manganês, 70% de chumbo, 75% do cobre, 40% do ferro que consomem... Estas linhas foram extraídas de um relatório dirigido em 1955 ao Presidente Eisenhower pelo economista Paley. No ano seguinte, o Vice-Presidente Nixon iniciou uma grande «tourné» pela África. O inventário que vêm fazendo dos recursos minerais do mundo é certamente o motivo dominante do vivo interesse manifestado pelos Estados Unidos a respeito da África nesses quatro últimos anos.

O subsolo africano produz atualmente a totalidade dos diamantes (industriais e de jóias) consumidos no mundo, a metade do antimônio, a terça parte do cobre e do cromo, 40% do manganês, 15% do chumbo e do estanho, 10% do urânio, 65% do ouro e do cobalto.

## Esquecer o anticomunismo

A quase totalidade desse cobre, desse cromo, do cobalto, do urânio, o antimônio, os diamantes, o ouro, bem como uma terça parte do estanho africano, provém de três territórios situados no centro e ao sul da África: A União Sudafricana, Rodésia do Norte e o Congo — mais exatamente a província congolês de Katanga. Esta última por si só produz 53% do cobalto, 9% do cobre e do estanho, 5% do zinco e do urânio consumidos no mundo.

Já em novembro de 1959 a comissão de assuntos estrangeiros do Senado Norte-americano escreveu em um relatório sobre a África.

«Por causa da contribuição do Congo às necessidades industriais e militares dos Estados Unidos, o essencial é que nossas futuras relações com esse país nos garantam a continuação de suas vendas».

Que se pode entender por isso? A comissão do Senado apressou-se a explicá-lo: Os Estados Unidos deviam tomar em consideração as aspirações e os interesses das nações africanas. Só os governos autenticamente africanos teriam a autoridade necessária para garantir a estabilidade dos novos Estados. Em particular, escreveu a comissão, «Devemos acima de tudo livrar-nos das preocupações passionais a respeito da penetração comunista, preocupações que determinaram até agora nossa conduta... uma política de não-compromisso com os dois blocos é algo que interessa tanto ao Ocidente como à África».

## Três grupos

Mas se o Senado norte-americano reconhecia lucidamente que os novos estados africanos não devem a nenhum preço misturar-se na guerra fria, as companhias não

achavam a mesma coisa. O Império que tinham erigido na África Central e Meridional era mais lucrativo que qualquer outra exploração mineira do mundo. Para se ter uma idéia, basta dizer que «o cinto de cobre» (Rodésia do Norte e Katanga Meridional) produz um mineral que contém de 3 a 7% de metal. As jazidas norte-americanas só contêm 0,9%. As jazidas chilenas 1,8%. O custo de produção do cobre Centro-Africano é (conforme as jazidas) de 80 a 135 libras esterlinas por toneladas. O preço mundial do cobre varia entre 420 (cotação mais elevada) e 170 (cotação mais baixa) libras esterlinas; atualmente está em 260 libras, e dá de 100 a 200% de lucros.

O Império Mineral da África está dominado por três grupos, o «Rhodesian Selection Trust» (controlado pela American Metal de New York) que nos bons anos distribui dividendos duas vezes maiores do que cobram no total em salários 39.000 mineiros da Rodésia; O grupo Anglo-Americano, presidido por Marry Openheimer que produz 20% do ouro mundial, 35% dos diamantes (comercializa a produção mundial integral) e 10% do cobre. Este grupo, cujo capital é de dois bilhões e quatrocentos milhões de dólares, obteve em 1959 duzentos e setenta milhões de lucros, depois de pagar trezentos e sessenta milhões de imposto. Por último, a União Mineira do Alto Katanga (U.M.H.K.), filial da Société Générale Belge, que tem participações nos outros dois grupos, e vice-versa.

## Um aliado africano

Para a Société Générale, o Congo e especialmente Katanga, tinham sido até 1952 uma questão de família. A Société Générale desempenhava o papel de Banco Central e de Instituto de Emissão da Moeda Congolês. Por outro lado, não havia nenhum inconveniente em que a maioria das ações da União Mineira estivessem em poder do C.S.K. (Comité Especial de Katanga), que por sua vez estava controlado em dois terços pela administração congolês.

Quando a independência do Congo se tornou inevitável, a grande preocupação da Société Générale foi conservar seu Império de Katanga. O C.S.K. foi dissolvido; o governo do Congo independente perdeu assim o controle indireto da União Mineira; somente se lhe permitiu conservar 22,5% das ações.

Durante as negociações de Bruxelas não se especificou se esses 22,5% iriam para o governo central congolês ou para o governo da província de Katanga. De fato, os membros do Conselho de Administração da União Mineira, já tinham cancelado seu plano. Em fins do ano passado recrutaram em Bruxelas, como conselheiro o capitão Waterhouse, que até então tinha sido o líder dos ultra-conservadores do parlamento Britânico, e que daí por diante lhes serviu de inter-

mediário ante o governo de Rodésia. Simultaneamente realizam-se negociações com o grupo anglo-americano de Rodésia e com o Selection Trust. De que se tratava? Sir Roy Welenski, primeiro ministro da Federação Centro-Africana (que engloba a Rodésia do Norte) fez em 2 de março último esta confidência ao «Daily Express» de Londres: «Alguns setores de Katanga recorreram a mim para sugerir-me que estenda a mão à esta província, assim que consiga sua independência».

O plano da União Mineira consistia em tirar do governo central do Congo os 22,5% de sua participação, provocando a sucessão de Katanga e, para maior segurança, sua Federação com a Rodésia, domínio Britânico situado na mesma zona de jazidas, e cujo governo era um defensor intransigente da «supremacia branca».

Para que a operação tivesse êxito era necessário um aliado africano. Foi Moise Tschombe que declarou de saída em janeiro último, em Bruxelas, o que o «Eco de Katanga», jornal dos colonos, tinha escrito um mês antes: «Estamos decididos a criar um Estado de Katanga independente, agrade ou não a Bruxelas».

## Um golpe na «mão amiga»

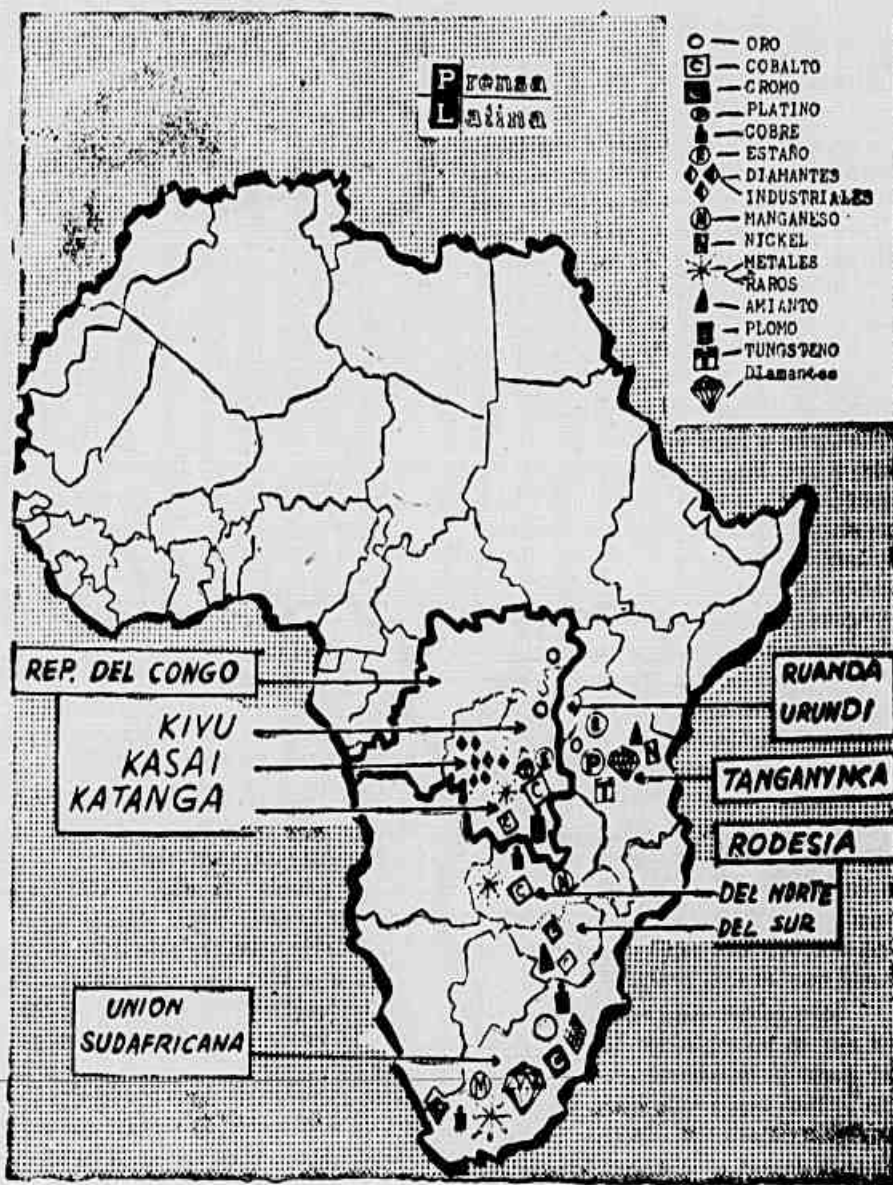
Com esse fim o Partido Conakat de Tschombe tinha-se aliado nas eleições do ano último com o UCOL (União dos Colonos Katanguenses), cujo ex-presidente transformou-se em conselheiro técnico do Conakat nas negociações de Bruxelas. Ao

realizarem-se as eleições em Katanga, Lumumba estava ainda na prisão, e seu partido (o MNC) não pôde intervir nelas; só se apresentou o Conakat, de M. Tschombe, partido até então pouco conhecido, que conquistou 37 dos 60 assentos parlamentares em disputa.

Em virtude da Constituição, isso era insuficiente para permitir a Tschombe formar um governo homogêneo; então o vice-governador geral, Schoeller, encarregou-se de fazer votar em Bruxelas uma modificação da Constituição.

A operação foi realizada com maestria. A secessão de Katanga permitia à Société Générale, matar dois coelhos de uma só cajadada: livrar-se do Congo (cujas rendas fiscais procediam em terça parte dos impostos pagos pela União Mineira, e cujas imensas necessidades agravadas pela fuga de capitais, a repatriação da totalidade das reservas de ouro e de divisas e o conseqüente endividamento, ameaçavam pesar durante muito tempo no orçamento geral), e ao mesmo tempo conservar Katanga, e por seu intermédio recuperar imediatamente as outras duas províncias ricas: o Kasai e o Kivu. Quanto aos restos exangües do país, que se encarregasse deles a União Soviética, se tivesse vontade...

A execução deste plano de desmembramento já está muito avançada. Os Governos Britânico e Norte-Americano, em todo o caso, não estavam visivelmente associados ao jogo das companhias mineiras. A «mão amiga» que Sir Roy Welenski ia estender a Katanga recebeu rá-



## Três províncias intocáveis

pidamente um golpe de régua da parte de Macmillan, e teve que retirar-se.

Quando ao governo norte-americano, parece julgar que cobrir uma operação do mais puro estilo colonial seria a melhor maneira de arrastar a África à guerra fria e comprometer a aquisição norte-americana de metais não ferrosos. Apesar da reticência norte-

O grosso das riquezas do Congo Belga, onde sobrestal a produção de minerais, concentra-se em três províncias: Katanga, Kasai e Kivu, os imperialistas fazem questão de manter as três, contra a independência do país.

americana e britânica, os grupos mineiros conservam mesmo assim uma possibilidade de forçar a mão aos governos e de lhes impor outra política. E' que esses grupos dispõem de uma considerável diáspora. Nem o governo belga nem o governo americano puderam submetê-los a tempo aos imperativos de sua política nacional. Essa é a lição mais clara do caso Katanga.

## HÁ 21 ANOS DA INVASÃO NAZISTA:

# A POLÔNIA NÃO ESQUECEU AS MISÉRIAS POR QUE PASSOU

Mais de seis milhões de mortos, dos quais apenas dez por cento perderam a vida nas hostilidades iniciadas pela Alemanha hitlerista a 1 de setembro de 1939, eis o saldo trágico registrado pela nação polonesa, durante a agressão e o cativo que lhe foi imposto há 21 anos, quando desabou sobre a humanidade a tempestade da II Guerra Mundial.

O povo polonês, cuja suprema aspiração era a paz, foi de fato dos que mais sofreram os horrores da guerra imperialista, equivalente o total de seus mortos a mais de 22% de sua população, que era de 27 milhões de habitantes. O número de vítimas que sucumbiram nos campos de concentração atingiu a mais de 3.500.000. Quase dois milhões de outras pessoas foram liquidadas pelas tropas de ocupação nas prisões, submetidas às epidemias, à fome e a um regime brutal de trabalhos forçados.

Os dirigentes de ocupação alemã da Polônia jamais ocultaram seu

orgulho mórbido diante desses métodos de extermínio em massa da população. Em seu diário, o então «General - government» Hans Frank, escreveu com data de 6 de setembro de 1940:

«Pensamos aqui de maneira imperialista, no melhor estilo de todos os tempos. O imperialismo que desenvolvemos hoje não pode ser comparado com os insignificantes esforços feitos pelos governos alemães fracos na África».

Qual era a origem do orgulho nazista, orgulho que crescia na proporção do número de crimes cometidos e de vítimas inocentes? Tendo considerado, desde os dias de Bismarck, que a sinceridade cínica é uma virtude, os alemães jamais esconderam as razões de seu comportamento e os objetivos que pretendiam atingir. A 21 de setembro de 1944, em discurso pronunciado em Jaegerhoeche, disse Himmler, comentando o levante de Varsóvia contra a ocupação alemã: «Porem os fim a isso dentro de cinco a

seis semanas. Então Varsóvia será varrida do mapa — Varsóvia, a capital, o núcleo central, a florção intelectual dos 16 ou 17 milhões de poloneses, da nação que, durante 700 anos tem barrado o caminho para o Leste e se nos antepõe desde a primeira batalha de Tannenberg. Então, o problema da Polónia, historicamente falando, não mais existirá para nossos filhos, para todos aqueles que serão nossos sucessores e nem mesmo para nós próprios».

Entretanto, menos de um ano após este discurso, as tropas polonesas e soviéticas expulsavam de Varsóvia os bárbaros ocupantes nazistas. O plano genocida tinha sido executado apenas em parte.

## O extermínio dos judeus poloneses

O extermínio dos judeus poloneses constitui um capítulo à parte do genocídio praticado nos campos de concentração nazistas. De uma população de mais de três milhões de judeus poloneses, muitos foram mortos nos ghettos, ou pela fome. A maioria, porém, pereceu nas câmaras de gás e nos fornos crematórios de Oswiecim, Majdanek, Treblinka e outros campos de morte. A liquidação física dos judeus foi uma campanha nazista levada à prática com rígida crueldade. Em 1940 todos os judeus poloneses foram metidos nos ghettos. Em outubro de 1941 foram eles proibidos, sob ameaça de pena de morte, de saírem, sob qualquer pretexto, do limitado espaço a que estavam confinados. Enquanto isto, os alemães puseram-se a exterminar os ghettos menores, das pequenas cidades, assassinando no próprio local uma parte da população polonesa e transferindo os sobreviventes para os ghettos das grandes cidades ou para os campos de concentração. O ano de 1942 marcou o final da liquidação dos ghettos. A primeira campanha de eliminação do ghetto de Varsóvia foi montada no verão desse ano. Na primavera do ano seguinte, 1943, durante o Levante Oriental no ghetto de Varsóvia, todo aquele distrito foi arrasado e todos os seus habitantes foram mor-

serviram a um duplo objetivo: suprir de mão de obra na agricultura e na indústria alemã, pois foi a Polónia a principal fonte de trabalho escravo para os nazistas já que, ao fim da guerra, nada menos de 2.460.000 poloneses tinham sido mandados para a Alemanha; o extermínio dos poloneses, pois isto é o que significava o trabalho forçado na Alemanha, a fome, as moléstias e os maltratos. Além do que, com a transferência para a Alemanha de tantos poloneses, o índice de natalidade na Polónia fatalmente cairia. E reduzir o índice de natalidade nos países dominados era importante componente dos planos nazistas de extermínio biológico desses povos.

O extermínio biológico foi acompanhado pela devastação cultural e econômica. A erradicação premeditada dos intelectuais poloneses iniciou a campanha contra a cultura nacional do país, a «política Flurbereinigung», ou «política de limpeza do solo», como a chamou Hitler nas resoluções que tomou a bordo de um trem, em Inau, a 12 de setembro de 1939. Esta campanha se completava com a destruição em massa e o roubo dos tesouros culturais da Polónia.

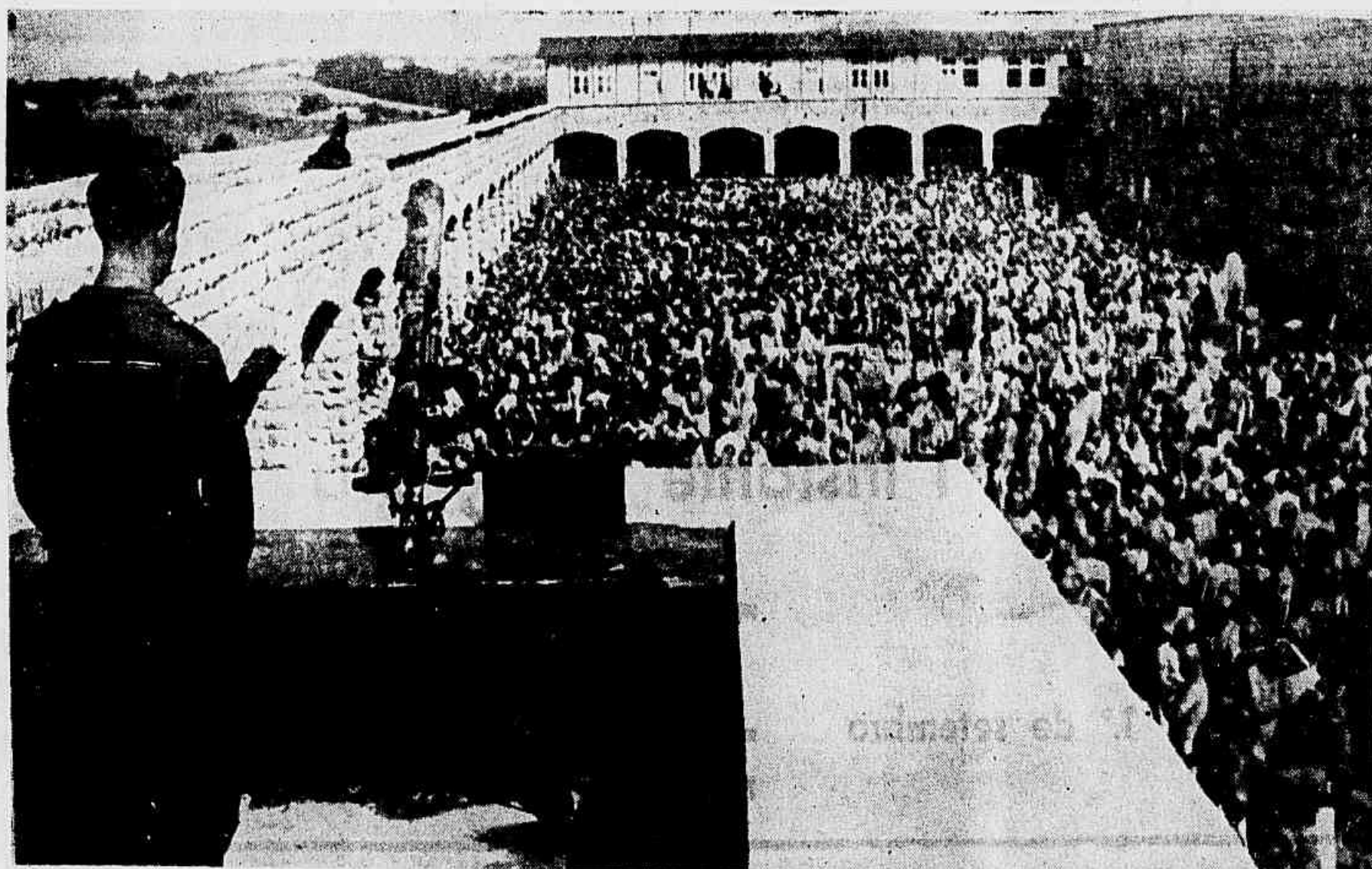
A devastação econômica excedia de muitos os limites da exploração para fins militares. As bases econômicas da existência da nação polonesa eram solapadas e destruídas de maneira planejada, sistemática. Segundo relatório da repartição de Reivindicações de Guerra, ao Presidium do Conselho de Ministros, as destruições provocadas pela guerra totalizaram 49,2 bilhões de dólares, incluídos 16,8 bilhões de dólares em prejuízos diretos. Os prejuízos indiretos, verificados no pós-guerra e conseqüentes aqueles infligidos durante a guerra, somaram 32,4 bilhões de dólares. Os desastrosos resultados da guerra para a economia polonesa podem ser claramente ilustrados com recurso aos dados referentes à renda nacional do país no primeiro ano de após-guerra: enquanto que em 1938 esta renda ascenda a 3,37 bilhões de dólares, o índice correspondente a 1945 (na mesma relação de valores vigorante em 1938) foi de 1,61 bilhões de dólares, ou seja, uma redução equivalente a 38,2% da cifra referente a 1938.

Eis o balanço dessa campanha nazista: de mais de 3 milhões de judeus poloneses existentes em 1939, restavam, em 1945, algumas dezenas de milhares.

## Os crimes contra a cultura e a economia polonesas

Os embarques de poloneses para trabalhos forçados na Alemanha

Hoje, vinte e um anos passados do dia em que foi iniciado o crime nazista contra as terras polonesas, seus filhos não esqueceram as lições do sofrimento e tudo fazem para que não haja nenhuma possibilidade de sua repetição.



## Na noite de ocupação que devastou a Polónia

Nos longos anos de ocupação da Polónia, tropas nazistas puseram em prática toda sorte de métodos de tortura individual e em massa, visando ao extermínio de seu povo. Mais de seis milhões de mortos, quase uma quarta parte da população, não conseguiu escapar à barbárie implantada por Hitler com a invasão do solo polonês a 1 de setembro de 1939. Na foto, aspecto de uma chamada geral de prisioneiros, todos inteiramente nus, no campo de concentração de Monhausen. A besta nazista, no entanto, seria esmagada pouco depois pelos numerosos exércitos da União Soviética.

# Resolução do CC do PCUS Sobre a Conferência de Bucareste

Publicamos a seguir o texto da resolução sobre os resultados da Conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários em Bucareste, aprovada por unanimidade na reunião plenária do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, a 16 de julho último:

«Ouvindo o informe do camarada F. R. Kozlov sobre os resultados da Conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas realizada em Bucareste, a reunião plenária do CC do PCUS aprovou inteira e completamente a linha política e a atividade da delegação do PCUS, dirigida pelo camarada N. S. Khrushchov, e o comunicado da conferência.

A conferência permitiu aos representantes dos partidos comunistas e operários a troca de opiniões sobre os problemas atuais da situação internacional e sobre as tarefas que dessa situação nasceram para o movimento comunista mundial. A conferência confirmou, com nova força, que os partidos comunistas e operários apoiam unanimemente as conclusões do XX e do XXI Congressos do PCUS — as quais exerceram grande influência sobre a situação internacional, no interesse da paz e do socialismo — e os princípios da Declaração e do Manifesto da Paz aprovados nas conferências dos partidos irmãos em Moscou, no outono de 1957.

A posição unânime dos partidos comunistas e operários sobre os problemas mais importantes da situação atual é uma nova prova da fidelidade do movimento comunista internacional ao marxismo-leninismo, de determinação de todos os partidos irmãos de reforçarem a solidez do campo mundial socialista e defender como a pupila dos olhos a unidade do movimento comunista inter-

nacional. Os partidos comunistas e operários confirmaram sua decisão de opor-se aos desvios revisionistas, dogmáticos e sectários de esquerda e às manifestações de mesquinhas tendências nacionalistas, e de desenvolver construtivamente o marxismo-leninismo e levá-lo sábia-mente à prática.

O CC do PCUS confirma sua fidelidade aos princípios da Declaração e do Manifesto da Paz, carta do movimento comunista operário moderno, programa da luta pela paz e a democracia socialista.

Todos as conclusões da Declaração e do Manifesto da Paz foram confirmadas pelo curso dos acontecimentos internacionais e pelo desenvolvimento dos países do sistema mundial do socialismo, e conservam inteiramente sua força. Na situação atual, particular importância para o êxito da luta dos povos pela paz, a democracia e o socialismo têm as teses marxistas-leninistas da Declaração sobre as características da nossa época, sobre a possibilidade de impedir as guerras e de estabelecer uma coexistência pacífica dos Estados com regimes sociais diferentes, sobre a necessidade de conservar a vigilância dos povos contra os perigos de guerra, pois com a existência do imperialismo subsistem as bases de guerras agressivas, sobre as formas de passagem dos diversos países do capitalismo para o socialismo.

Como resultado das conquistas históricas da União Soviética, que entrou no período de avançada construção do comunismo, e do crescimento da força de todo o sistema mundial do socialismo; da luta consequente da URSS e dos outros países socialistas pela paz e a amizade entre os povos, contra as forças imperialistas agressivas; dos êxitos do movimento operário comunis-

ta e de libertação nacional — as posições do socialismo se tornam sempre mais firmes, as posições do imperialismo se enfraquecem sempre mais, em lida a parte as forças da paz, da democracia e do socialismo crescem e se tornam mais ativas.

O CC do PCUS julga que, num momento em que os círculos imperialistas agressivos dos países capitalistas e principalmente dos Estados Unidos, sem levar em conta a vontade dos povos, procuram impedir a distensão internacional e intensificam sua atividade de sabotagem à causa da paz, num período em que os imperialistas norte-americanos torpedearam a Conferência de cúpula, o Partido Comunista e o governo da União Soviética devem continuar a desmascarar sem desfalecimento todas as maquinações e planos agressivos dos imperialistas, aumentar a vigilância dos povos, reforçar o poderio e aperfeiçoar a defesa do país, aplicar com firmeza e coerência a linha leninista da coexistência pacífica dos Estados com regimes sociais diferentes, procurando obter a solução pacífica dos problemas internacionais em discussão.

O CC do PCUS expressa sua plena solidariedade à declaração dos partidos comunistas e operários que participaram da Conferência de Bucareste de que a luta pela paz continua a tarefa principal do movimento comunista. Hoje conserva pleno vigor a afirmação do Manifesto da Paz que diz: «Hoje é possível não permitir a guerra, é possível manter a paz».

A principal condição para libertar a humanidade das guerras destruidoras é o reforçamento do campo mundial do socialismo, a mobilização de todos os povos na luta pela paz. O sistema mundial do socialismo, que cresce e se fortalece, exerce uma influência sempre



CC do PCUS aprovou Khrushchov

Khrushchov (na foto cumprimentando o dirigente rumeno Shivu Stoica) chefiou a delegação soviética que participou da Conferência dos partidos comunistas e operários em Bucareste. O Comitê Central do PCUS, em reunião plenária, aprovou unanimemente o informe apresentado por Kozlov sobre os resultados da Conferência dos rumenos.

maior sobre o curso do desenvolvimento mundial, em favor da paz e do socialismo, atua como um bastião indestrutível da paz, do progresso e da liberdade dos povos.

O Partido Comunista da União Soviética julga seu dever conduzir uma luta incessante pelo fortalecimento da unidade e da solidez do campo socialista e de todo o movimento comunista internacional, sobre a base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

A energia luta dos partidos comunistas pela pureza da doutrina marxis-

ta-leninista, contra o revisionismo, contra o dogmatismo e o sectarismo contribuiu para o ulterior solidez do movimento comunista mundial, o fortalecimento das suas fileiras e a depuração dos elementos oportunistas. O êxito no cumprimento das tarefas que estão à frente dos partidos comunistas e operários exige também para o futuro a luta contra o revisionismo, o dogmatismo e o sectarismo, que estão em oposição ao caráter criador do marxismo-leninismo e impedem a mobilização de todas as forças do campo socialista, do movimento operário revolucionário e do

movimento de libertação para a luta pela paz e o socialismo, contra o imperialismo.

O Partido Comunista da União Soviética continuará a conduzir inflexivelmente para a frente o nosso povo, pelo caminho leninista da incansável luta pela vitória do comunismo no nosso país, pela paz em todo o mundo, pelo ulterior fortalecimento do sistema socialista mundial, pela unidade fraterna e pela solidez do movimento comunista internacional, pelo triunfo do marxismo-leninismo.

# O Imperialismo Continua Como Era Mas Não Pode Agora Agir Como Agia

PALMIRO TOGLIATTI

O Partido Comunista Italiano realizou, recentemente, uma reunião do seu Comitê Central, no qual foram debatidas importantes questões ligadas à situação internacional. Do discurso então pronunciado por Palmiro Togliatti e publicado no «L'Unità» transcrevemos o trecho abaixo, no qual o dirigente italiano sustenta e desenvolve a tese de que a guerra pode ser evitada. O título e os entre-títulos são de nossa responsabilidade.

«Esta tese (a guerra pode ser evitada), vem formulada no XX Congresso do P. C. da União Soviética, acolhida e saudada como justa por todo o movimento operário, reafirmada na Declaração de novembro de 1957 e nas decisões do XXI Congresso do P. C. U. S. Nosso partido desenvolveu esta tese nas decisões tanto do seu VIII quanto do IX Congresso. Hoje esta tese vem ser revista em discussão. Aquêles que a criticam e desejariam repeli-la apelam para conceitos que vieram expressos há uns cinquenta anos, segundo os quais o imperialismo é uma permanente causa de guerra e tende a afirmar com a violência o próprio domínio sobre o mundo inteiro, a submeter os povos e a resolver com a guerra o problema da divisão do mundo entre diferentes grupos capitalistas rivais. Estes conceitos partem do conhecimento preciso da natureza do valor ainda na situação atual. A natureza do imperialismo hoje não mudou. O imperialismo continua a ser uma força que tende a resolver os problemas internacionais com a guerra e a provocar as guerras, não se preocupando com as vítimas, as catástrofes, as imensas destruições da riqueza que são a

consequência disso. O próprio caráter mundial que tiveram as duas últimas grandes guerras, distante uma da outra pouco mais de vinte anos, deriva da natureza do imperialismo.

Mas se o imperialismo permanece aquilo que era antes, isto não quer dizer que possa agir hoje como agia antes. Um bandido é sempre um bandido. Se, porém, se lhe metem as algemas, não pode mais matar. Devemos, pois, ver se não intervieram, na situação atual mudanças tais que o imperialismo mesmo possa ser pôsto em condições que não lhe permitam mais desencadear a guerra.

A situação em que nos encontramos agora é profundamente diversa daquela de cinquenta anos passados. Não imperialismo e conservam assim o seu vivermos mais somente na época do imperialismo. Vivemos na época em que o socialismo se a ima e avança, de vitória em vitória.

Ora, é para nós princípios essenciais de orientação política, de estratégia e de tática, que, em situações diversas, os objetivos e as palavras-de-ordem mudem. Exemplo clássico é aquele da própria palavra-de-ordem da luta pela paz. Lenin, durante a primeira guerra mundial, repeliu sempre a palavra-de-ordem da luta pela paz. O objetivo que ele punha no movimento operário era, de fato, aquele da transformação da guerra imperialista em guerra civil. Ele rompia, pois, com a propaganda pacifista, tendo chegado à justa conclusão de que a guerra imperialista tinha criado condições tais que se colocava e poderia ser resolvido o problema da conquista do poder por parte da classe operária e

da revolução socialista. Conquistado o poder e fundado o Estado soviético, a posição de Lenin muda. O objetivo é a palavra-de-ordem da conquista, da defesa e da luta pela paz se põem agora no centro da ação da classe operária e do poder soviético. Basta pensar na polêmica com Trotski a propósito da paz de Brest-Litovsk, basta reler os escritos onde Lenin formula pela primeira vez a doutrina da possibilidade da coexistência pacífica de Estados com diferentes sistemas políticos e sociais para compreender o enorme alcance desta mudança. A coexistência pacífica é necessária para manter a paz. A paz é um objetivo essencial e vital para a classe operária que conquistou o poder.

Quais são, então, as transformações operadas na situação atual que nos induzem a afirmar que a guerra não só deve, mas pode ser evitada? Sob duas transformações de decisiva importância pretendemos atrair a atenção: mudou o caráter da guerra e mudou a correlação de forças entre o socialismo e o imperialismo.

## A guerra de hoje

Ai dos que não tomam conhecimento das novas características que a guerra hoje assumiu. Corre-se o risco de permanecer atrasado pelo menos uma geração no julgamento dos temas da guerra e da paz. As guerras do passado, e também a última, foram de tal maneira que se podia ainda fazer uma certa distinção entre os combatentes na linha de fogo e a população não combatente. Hoje, a distinção não é mais possível. Todos se encontram na mesma frente, diretamente na linha da morte. Ai se encontram até, em consequência do caráter mortífero das nuvens atômicas, as populações de países não diretamente beligerantes. Em segundo lugar, os atuais instrumentos bélicos de destruição em massa são tais que o seu emprego é destinado a causar a destruição total de todos os centros da civilização humana, além da vida humana animal, e vegetal, tornando assim impossível, por um tempo hoje não calculável, a retomada de qualquer atividade humana.

Em terceiro lugar, dado que estes meios de destruição total estão em poder de ambas as partes, não é possível aquele que desse início a uma guerra avaliar quais poderiam ser, em qualquer caso, as consequências para ele mesmo. A guerra pode tornar-se, para quem a inicia, um suicídio. Se os Estados Unidos abrem fogo de surpresa, pode acontecer que consigam infligir danos incalculáveis aos países socialistas, mas danos maiores sofrerão eles próprios.

Se houvesse destruição total de uma parte, haveria também da outra. Tudo isso muda o caráter da guerra, e, portanto, deve induzir-nos a refletir e considerar de modo novo também a nossa doutrina da paz e da guerra. Per-

manece absolutamente válida a nossa distinção entre guerra justa e guerra injusta. Quando se trata de defender a liberdade, a independência nacional, a causa do socialismo, o combate é justo e luta-se para vencer. Se amanhã houvesse um conflito mundial sabemos muito bem que a razão está do lado não do imperialismo, mas daqueles países socialistas que sistematicamente combateram, combatem e combaterão pela paz. Mas se supusermos as destruições totais que haveria nas duas partes, é evidente que a definição do caráter justo da guerra se devem acrescentar outras considerações. Imaginemos, concretamente, que sobre nossa Pátria caíssem aqueles vinte ou trinta engenhos nucleares suficientes para criar a destruição total e o deserto: que socialismo poder-se-ia jamais construir, naquelas condições? Nós manteríamos ao povo se dissessemos que através de uma guerra, hoje, nós poderíamos nos aproximar do socialismo. Devemos dizer a verdade, e isto significa que se queremos manter aberto ao povo italiano o caminho do socialismo, devemos fazer o necessário para que uma guerra seja evitada.

## A correlação de forças

A nossa luta pela paz tem um caráter profundamente humano. Nós, representantes da classe que amanhã governará todo o mundo, compreendemos mais e melhor do que todos os outros a ameaça terrível que hoje pesa sobre a humanidade; devemos salvar aquele patrimônio de civilização que se acumulou durante séculos; empenhamos todas as nossas forças para que a vida e a civilização dos homens continuem, unindo-se àquele patrimônio, desenvolvendo-o, transformando-o. Este era o sentimento profundo do apelo por nós dirigido há alguns anos às forças católicas, e aquele apelo penetrou profundamente na alma de milhões de homens.

Passando ao exame das relações de força entre o imperialismo e o socialismo, vemos que também aqui interveio uma tal mudança que a situação não é mais de nenhum modo semelhante aquela de 50 anos passados.

O imperialismo nunca tinha tido diante de si, até 1917, um país socialista. Quando começou a ter diante de si um país socialista, o desprezou, o considerou por muito tempo uma entidade sem importância, que não devia exercer influência sobre a política mundial. Hitler pensava poder com uma das suas guerras-relâmpago varrer a área deserta da Europa, e Hitler terminou como terminou. Mas nós sabemos quanto sacrifício, quantos perdas, quanta dor custou aos povos soviéticos alcançar a vitória sobre o hitlerismo.

Hoje a União Soviética deu, em relação às forças que possuía no período de 39-40, um enorme salto. Hoje, pois, existem outros países socialistas, a

extraordinária China Popular, que também está se tornando em país industrial, todo o oriente europeu, que avança sobre a estrada do socialismo. Agora já podemos contar os anos que nos separam do momento em que o peso da indústria socialista será superior no balanço mundial, ao peso da indústria capitalista, da indústria que está à disposição do imperialismo. Já hoje todos reconhecem que há, da parte do mundo socialista, uma superioridade militar, e é por isso, de resto, que os americanos declaram estar convencidos de que em uma guerra com a União Soviética não conseguirão derrotá-la. Isto quer dizer claramente, de fato, a afirmação de Eisenhower de que em caso de guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética não haveria nem vencedores nem vencidos. Tudo isso não pode deixar de ser levado em conta quando se considera se a guerra pode ser evitada. As forças do campo socialista estão, na verdade, empenhadas totalmente para evitar que haja guerra.

## A influência dos países socialistas

É necessário ainda levar em conta a consequência política desta transformação radical na correlação de forças. A principal é que não há mais, no mundo, estas de influência reservadas ao imperialismo. A sua retaguarda colonial está arruinada. Em todo o mundo se expande a influência dos países socialistas e em particular da União Soviética. Outra dia, um dos mais descarados e mais ridículos mercenários do imperialismo americano escrevia em um jornal de Turim que o principal inimigo da paz é nada menos que o camarada Khrushchov, porque ele fez e faz sentir a voz da União Soviética a propósito de todos os problemas de natureza internacional, em particular do Congo e de Cuba! Que escândalo! O socialismo invade as zonas de caça reservadas ao imperialismo! Pois bem, é preciso que daqui por diante todos tenham conhecimento desta nova realidade.

Não há nenhum problema de política internacional que possa ser tratado prescindindo da existência dos países socialistas e da sua consequente e energética defesa da paz. Cuba, o Congo, a liberdade dos povos africanos, o desarmamento são questões que são examinadas e resolvidas todas à luz desta nova correlação de forças. Ao serviço da política de paz dos países socialistas está, de fato, não somente o seu prestígio crescente. Está uma força material capaz de impor-se aos próprios imperialistas agressores e fazê-los retroceder. É por isso que no decorrer dos últimos anos vimos a França e a Inglaterra de modo clamoroso derrotadas na sua agressão contra o Egito vimos os Estados Unidos postos na impossibilidade de conduzir o seu intento agressivo contra o Líbano e contra o Iraque. Por isso Cuba não pôde ser tratada, pelos Es-

tados Unidos, assim como trataram há alguns anos passados a Guatemala. Desta forma o Congo pode esperar que seja pôsto término à agressão belga.

## Novas contradições

Esta é a nova realidade da vida internacional. Isto não quer dizer que a vida internacional tenha se tornado mais tranqüila. Os conflitos existem; os contrastes e as contradições permanecem; a agressão do imperialismo continua a manifestar-se; mas a correlação de forças mudou e continua ininterruptamente a mudar a favor do campo socialista e em prejuízo do imperialismo. No campo do imperialismo, em consequência desta mesma situação, se abrem novas contradições e contrastes que podem servir também para tornar mais fácil a luta pela paz e pela coexistência pacífica.

Quando afirmamos que a guerra pode ser evitada, nós dizemos, pois, qualquer coisa que se choca com a afirmação da necessidade de uma luta das massas contra o imperialismo? De nenhum modo. Ao contrário, dizemos que a guerra poderá ser evitada tanto mais facilmente quanto mais conseguirmos, através de um grande movimento de opinião pública, através de lutas e manifestações de solidariedade entre os povos de todas as partes da terra, isolar os dirigentes do imperialismo, combatendo-os. As duas coisas estão pois estreitamente ligadas. Somente quem raciocina de modo esquemático, fora da realidade, pode não discernir esta ligação.

Assim, quando dizemos que a guerra pode ser evitada, não criamos nenhuma ilusão nas massas, porque ao mesmo tempo as chamamos à luta para evitar a guerra. Despertamos, sem dúvida, esperanças, mas são esperanças que devemos despertar na vitória da paz e do socialismo no mundo inteiro. São esperanças que de modo legítimo derivam da grande marcha para frente e do reforçamento contínuo do socialismo no mundo.

O importante é que os objetivos que nós apresentamos e pelos quais chamamos à luta, isto é, a distensão, a coexistência pacífica, o desarmamento e a paz sejam considerados por nós como objetivos reais, isto é, tais que possam ser alcançados. Se assim não fosse, se não acreditássemos na possibilidade de evitar a guerra, em nome de que conduziríamos a luta pela distensão, pelo desarmamento, por uma coexistência pacífica? Efectivamente, então, nós enganaríamos as massas e haveria simulação na nossa luta. Mas nós não enganamos e não nos enganamos, justamente porque as nossas posições derivam de uma séria e exata apreciação das relações de forças reais. As forças da paz começam a ser preponderantes. Trabalhamos e combatemos para que o sejam sempre mais e para que a guerra seja banida das relações entre os povos.



Guerra e paz no CC do PCI

O Comitê Central do PCI voltou a discutir diversas teses de importância decisiva para o movimento comunista. Entre elas, a de que a guerra pode ser evitada. Togliatti fez um longo discurso a respeito.

NA ESTIVA, NAS PORTAS DE FÁBRICAS, NO RECESSO DOS LARES:

# Sérgio Faz Com o Povo a Campanha Nacionalista

O deputado Sérgio Magalhães está alicerçando a sua vitória nas eleições para o governo da Guanabara no estilo de campanha política tradicionalmente adotado pelos candidatos populares, na terra carioca: a conversa diária com os operários, nos próprios locais de trabalho destes. Desde as primeiras horas da manhã, quando começa a luta pelo pão de cada dia para milhares de trabalhadores do Rio de Janeiro, até ao cair da noite, acompanhado por líderes sindicais e populares que o apóiam, o candidato nacionalista ao governo da Guanabara faz, diariamente, dezenas de comícios relâmpagos e debates diretos com os trabalhadores, seja na zona do Pôrto, seja nas grandes fábricas da zona suburbana, seja em pequenas fábricas de móveis em São Cristóvão.

Se o esforço dispendido é grande, o resultado é mais do que compensador. A opinião geral dos responsáveis pela campanha sergista é a de que estes contatos diretos do candidato com os trabalhadores são os grandes responsáveis pela sensível e crescente mudança que se opera no panorama eleitoral da Guanabara, há alguns meses, em favor de Sérgio Magalhães. Em particular, é atribuído a esta campanha e sério recuo observado na candidatura divisionista de Tenório, que começou reunindo grande simpatia entre as massas trabalhadoras antilacerdistas, mas que já agora aparece abandonada, parece os trabalhadores compreendem, cada dia em maior número, que o único e verdadeiro meio de impor a Lacerda esmagadora derrota que ele merece, é dar a vitória a candidatura nacionalista de Sérgio.

An lado desses «comícios de porta de fábrica», o deputado Sérgio Magalhães vem empreendendo com inegável êxito popular um programa de grandes comícios de bairro, que revelam igualmente o crescimento de sua candidatura na simpatia do eleitorado. Sábado último, seu comício em Vigário Geral, confirmou plenamente essa ascensão. No próximo dia 3, sábado, ele estará falando à população trabalhadora de Conjunto Marítimo Saúde, e, domingo, falará em Bangu.

Do lado do deputado Sérgio Magalhães, nesta campanha popular que dará em 3 de outubro um governo nacionalista e democrático para o mais novo Estado da Federação, estão sempre os candidatos a deputado estadual pelo PTB, Hércules Correia e Roland Corbisier, bem como o numerosos dirigentes dos partidos que apóiam a sua candidatura e de sindicatos de trabalhadores cariocas. Todo o empenho, tanto do candidato como de seus companheiros de campanha, é feito no sentido de esclarecer os trabalhadores e o povo carioca sobre a necessidade da união, pela base, das forças populares e democráticas da Guanabara, que sustentam a candidatura nacionalista de Lott-Jango no plano federal, para que seja derrotado e desmoralizado, também no plano regional, o campo entreguista e reacionário de Jânio e Lacerda.



O apoio da estiva

No «piera» da Praça Mauá, o deputado Sérgio Magalhães recebeu o apoio entusiástico dos estivadores cariocas, na manhã de sábado último. Os trabalhadores do Rio de Janeiro formaram em 3 de outubro ao lado de seus companheiros de todo o país, elegendo os candidatos nacionalistas Lott, Jango e Sérgio Magalhães para a presidência, vice-presidência da República e governo do Estado.



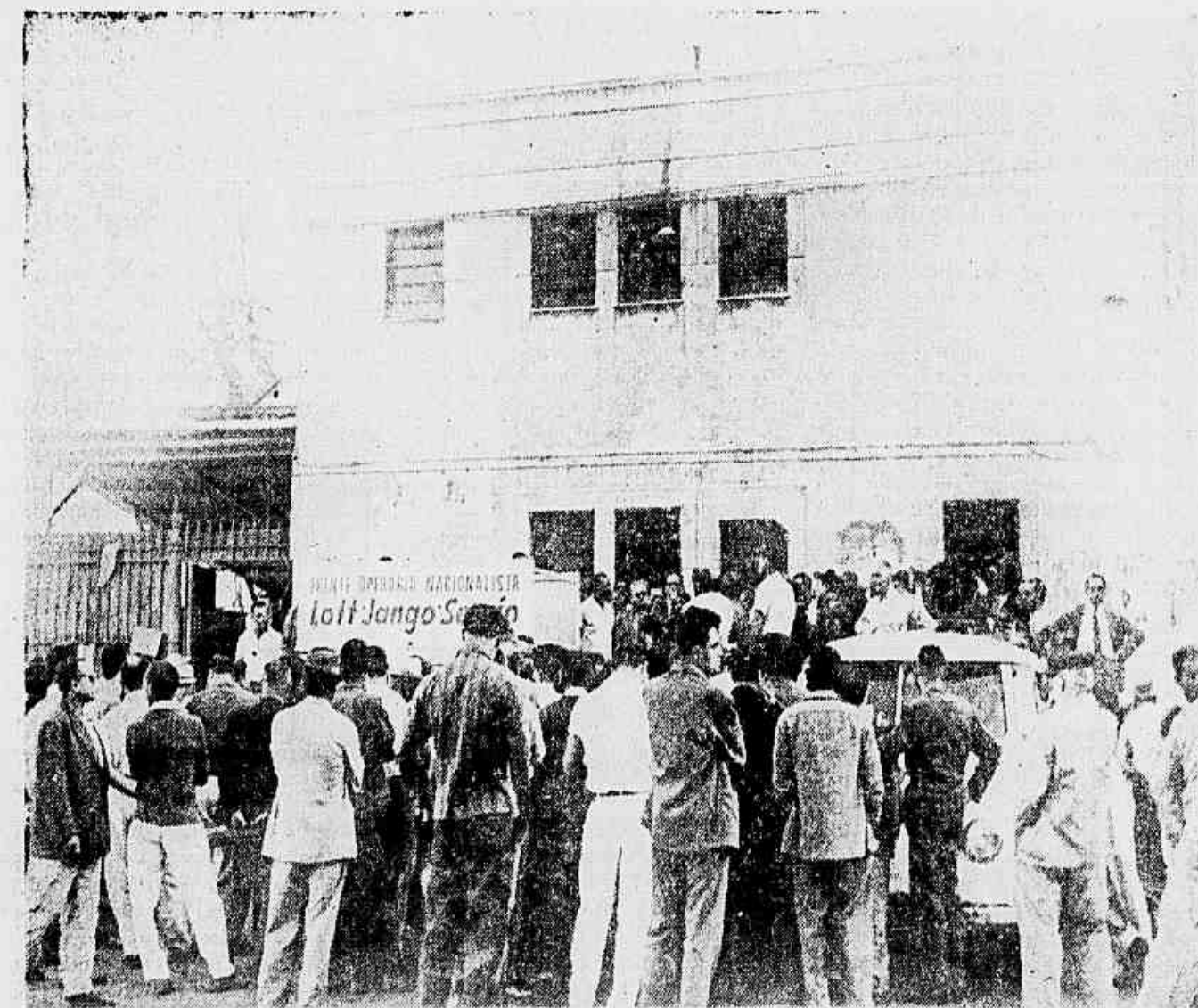
Um «bate-papo» que pesará nas urnas

Os «comícios-relâmpagos» de Sérgio, como o realizado no cais do Pôrto, tem assegurado ao candidato nacionalista uma ascensão vertical na simpatia das grandes massas do eleitorado carioca.



Candidato e eleitores têm a mesma opinião

A campanha de Sérgio está centralizada em torno de soluções radicais para alguns dos problemas básicos e mais urgentes do povo carioca: luta contra o regime de espoliação e de privilégios de que goza a Light, através de soluções nacionalistas para o problema da luz, do gás e do telefone; moralização e reorganização dos serviços de água e esgotos; reforço à rede de escolas públicas; contra o projeto de «Zona Franca» no Pôrto do Rio, e apóia integralmente o projeto de lei que dá ao sindicato dos estivadores o direito de operar como empreiteiro de serviços nos portos.



Os braços descansam e a cabeça trabalha

Enquanto esperavam o desembarque da carga de um navio norte-americano, os estivadores do Armazém 10 do pôrto carioca reuniram-se para ouvir a palavra do candidato nacionalista e dos dirigentes sindicais que formam a Frente Operária Nacionalista Lott-Jango-Sérgio. A candidatura Sérgio ocupou completamente o setor dos portuários cariocas.

## NOVOS RUMOS



Os portuários estão com a «FON»

O líder dos trabalhadores na indústria têxtil, Hércules Correia, candidato popular à Câmara Estadual da Guanabara, esteve com Sérgio Magalhães no encontro de sábado com os portuários cariocas. Ele é também um dos organizadores e mais ativos operadores da Frente Operária Nacionalista Lott-Jango-Sérgio, chapa que será eleita pelos trabalhadores cariocas.